

Cadernos IHU em formação

**Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje
a um novo sentido de realidade**

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos IHU em formação

Ano 5 – Nº 32 – 2009

ISSN 1807-7862

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. Dr. Laurício Neumann – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Profa. MS Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Gilberto Dumas – USP – Notório Saber em Economia e Sociologia

Prof. Dr. Gilberto Vasconcellos – UFJF – Doutor em Sociologia

Profa. Dra. Maria Victoria Benevides – USP – Doutora em Ciências Sociais

Prof. Dr. Mário Maestri – UPF – Doutor em História

Prof. Dr. Marcial Murciano – UAB – Doutor em Comunicação

Prof. Dr. Márcio Pochmann – Unicamp – Doutor em Economia

Prof. Dr. Pedrinho Guareschi – PUCRS – Doutor em Psicologia Social e Comunicação

Responsável técnico

Laurício Neumann

Revisão

André Dick

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.unisinos.br/ihu

Sumário

Introdução	4
Paulo, o universalismo e a Ética Mundial <i>Entrevista com Hermann Häring</i>	5
Paulo de Tarso e os filósofos contemporâneos <i>Entrevistas com Alain Gignac</i>	12
A crise do cristianismo e da modernidade <i>Entrevistas com Rémi Brague</i>	25
O universalismo paulino <i>Entrevista com Jean-Claude Eslin</i>	34
Paulo: um novo sentido para a Igreja de hoje <i>Entrevista com Jerome Murphy O'Connor</i>	36
Paulo e a Carta aos Romanos: a Igreja e a sinagoga <i>Por Maria Clara Bingemer</i>	40
Fraternidade judaico-cristã: a busca pelo diálogo <i>Entrevista com Diane Kuperman</i>	46
Um plantador de igrejas <i>Entrevista com Eduardo Pedreira</i>	50
Paulo e a fé como loucura, ruptura e escândalo <i>Entrevista com Jean-Claude Monod</i>	52
A utopia política de Paulo <i>Entrevista com Hartwig Bischof</i>	58
Nietzsche, Paulo e o Cristianismo <i>Entrevista com Emilio Brito</i>	61
Paulo e Lutero <i>Entrevista com Júlio Zabatiero</i>	64
Paulo e Kierkegaard <i>Entrevista com Álvaro Valls</i>	67

Introdução

Paulo de Tarso é lido e relido, hoje, por estudiosos de diversas áreas, principalmente filósofos e teólogos, pois consideram sua contribuição de fundamental importância para a formação e a compreensão do pensamento contemporâneo.

Para esta edição do **Cadernos IHU em formação** nº 32, sob o título *Paulo desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, convidamos vários filósofos e teólogos com o objetivo de discutir e analisar o legado de Paulo, sob diferentes prismas, para a formação de um projeto de Igreja que responda aos apelos e desafios da sociedade contemporânea.

Neste sentido, o filósofo e teólogo alemão Hermann Häring afirma que Paulo, em seu tempo, já apresentava uma conduta surpreendentemente moderna, na medida em que não falava de autonomia, mas “falava com grande paixão da nova liberdade que o povo deveria conquistar”. “Uma autonomia absoluta não é só irreal, porém perigosa para a convivência, porque direitos só têm sentido como reverso de obrigações. Precisamente a forte vinculação de Paulo ao evento Cristo cria uma autonomia orientada, da qual nós também necessitamos novamente hoje”, explica o filósofo alemão.

Rémi Brague, filósofo francês, sustenta que “emancipação e autonomia” são slogans que a modernidade herdou de Paulo de Tarso e que continuam válidos para a contemporaneidade. Neste sentido, “o papel do cristianismo e dos cristãos nos próximos anos é simplesmente fazer de modo que haja próximos anos. O que será seu conteúdo é preciso deixá-lo à liberdade daqueles que nos sucederão – supondo, bem entendido, que eles existem!”, alerta Brague.

Além disso, Paulo propõe um universalismo que pode ser inserido de modo preciso e sem esforço na fundamentação de uma Ética Mundial, o que, segundo Hermann Häring, “abre espaço para o diálogo

entre culturas e religiões e liberta o universalismo cristão de suas fantasias de superioridade”.

O universalismo paulino e sua importância na formação do pensamento contemporâneo é analisado também pelo filósofo francês Jean-Claude Eslin, que, porém, alerta para a absolutização do universalismo como sendo o fundador do cristianismo, pois já havia inúmeras comunidades cristãs antes dele. “Ele é ‘um’ entre vários.”

O teólogo canadense Alain Gignac afirma que Paulo de Tarso alimenta a (pós)modernidade e esta, por sua vez, permite redescobrir Paulo. Isso vale também para os filósofos ocidentais, sejam eles ateus ou crentes. Para estes filósofos a leitura das cartas de Paulo aos romanos foi determinante “como catalisador de seu próprio pensamento – que não se situa necessariamente na linha de Paulo e, mesmo seguidamente se opunha a ele”. Por isso, “não há momento propício para ler Paulo, mas, ao contrário, a leitura de Paulo pode criar um momento propício, o momento de criar o novo”, explica Gignac.

Para o teólogo e biblista Jerome Murphy O’Connor, “Paulo intima a igreja de hoje a um novo sentido da realidade, que repudia o nominalismo e o verbalismo que caracteriza a igreja hoje”. Além disso, “A igreja de Paulo é, acima de tudo, comunidade”, enfatiza Murphy. Ele examina também o conceito Paulino de liberdade ao afirmar que “para Paulo a liberdade era uma propriedade da comunidade, não uma posse do indivíduo. Ele acreditava que aqueles que não conheciam Cristo, tanto judeus quanto gentios, viviam sob o poder do Pecado. Este era uma força gerada pelo falso sistema da sociedade, que fazia as pessoas ser outra coisa do que elas gostariam de ser”.

Estes são alguns destaques, entre outros, desta edição do **Cadernos IHU em formação** nº 32, que analisa as contribuições de Paulo de Tarso para a formação do pensamento contemporâneo.

Paulo, o universalismo e a Ética Mundial

Entrevista com Hermann Häring

Hermann Häring é graduado em Filosofia, pelo Pulach de Munique, especialista em Hegel e diplomado em Teologia, pela Universidade de Tübingen. Também leciona Teoria da Ciência e Teologia, na Universidade de Nimwegen, Holanda, onde é diretor do Instituto para Religião, Ciência e Cultura, desde 2005. É um dos colaboradores externos da Fundação de Ética Mundial de Hans Küng, na Alemanha, exercendo o cargo de conselheiro científico. Algumas de suas obras são **Zum Problem des Bösen in der Theologie** (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1985), **Hans Küng. Grenzen durchbrechen** (Mainz: Matthias-Grünewald-Verlag, 1998), **Theologie und Ideologie bei Joseph Ratzinger** (Düsseldorf: Patmos Verlag, 2001) e **Glaube ja, Kirche nein? Die Zukunft christlicher Konfessionen** (Darmstadt: Primus Verlag, 2002).

Em seu tempo, Paulo já apresenta uma conduta surpreendentemente moderna, avalia o teólogo alemão Hermann Häring, na entrevista que concedeu a Márcia Junges, da equipe de Comunicação da **IHU On-Line**, publicada na edição 286, de 22 de dezembro de 2008. “Naturalmente, em nenhuma passagem Paulo fala de autonomia, mas com grande paixão ele pleiteia pela nova liberdade, que seus adeptos conquistaram”, assinala. E explica: “Uma autonomia absoluta não é só irreal, porém perigosa para a convivência, porque direitos só têm sentido como reverso de obrigações. Precisamente a forte vinculação pessoal de Paulo ao evento Cristo cria uma autonomia orientada, da qual nós também necessitamos novamente hoje”. Häring menciona que “ninguém inculcou tão profundamente no cristianismo o pensamento do universalismo como Paulo. Ele iniciou sistema-

ticamente e fundamentou explicitamente o primeiro processo histórico de universalização”. Em seu ponto de vista, Paulo ancora o seu universalismo na conduta interna das pessoas ante o mandamento do amor que lhes é exigido por Deus. “Ele não acrescenta nenhuma nova condição, nenhuma ulterior indicação de conduta. O seu universalismo pode ser inserido de modo preciso e sem esforço na fundamentação de um ethos mundial, o que abre espaço para o diálogo entre culturas e religiões. Paulo mostra acima de tudo um caminho que liberta o universalismo cristão de suas fantasias de superioridade”.

IHU On-Line – As ideias de Paulo de Tarso podem colaborar para a sedimentação de uma Ética Mundial? Por quê?

Hermann Häring – O Projeto Ética Mundial não é religioso no sentido estrito, mas é um projeto secular porque se dirige a todas as culturas, a todos os povos e a todas as pessoas de boa vontade. Porém, desde o início as religiões mundiais desempenham um papel relevante neste projeto, e naturalmente o Projeto Ética Mundial pode receber de Paulo muitas inspirações que são de profundo significado antropológico e social. Naturalmente, Paulo formula com frequência seus pensamentos éticos de forma passional e como manifestação de sua percepção interna. Mas nós podemos traduzir estes pensamentos na linguagem mais racional de uma ética moderna de responsabilidade, para que sejam entendidos num mundo secular. Especificamente menciono:

- A doutrina da justificação sem obras (Rm 3,28) se ocupa com a questão central da justiça. Segundo Paulo, existe uma justiça

mais profunda, que aceita todos seres humanos como humanos e por isso lhes reconhece efetivamente seus direitos fundamentais. Isso não dispensa regras e padrões éticos, porém insiste numa postura básica que possibilite a concreta realização de justiça. “Revesti o homem novo, criado segundo a imagem de Deus, em verdadeira justiça [!] e santidade.” (Ef 4, 24).

- Para a estruturação da convivência vale para Paulo o *amor* como a regra mais sublime, indestrutível e sempre válida (I Co 13, 1-13). Todos os seus escritos estão perpassados pelo apelo à unanimidade e compreensão recíproca, ao espírito pacífico e à fidelidade sexual (I Co 6), ao interesse pelos mais fracos, à misericórdia e ao perdão, à leal franqueza e à reconciliação (2 Co 5, 11-21), à defesa da liberdade (Gal 4, 8 - 6, 10). O que Paulo, via de regra, aduz para a convivência de cristãos pode, sem esforço, ser traduzido para uma linguagem secular que promova a convivência de povos e culturas. Ele conjuga os mandamentos sociais (não matar, não roubar, não cometer adultério) no mandamento do *amor ao próximo* (Rm 13, 8-10). Desta forma, ele concretiza a Regra Áurea e respectivamente o princípio de humanidade, que no Projeto Ética Mundial vale como parâmetro para todas as outras normas e valores éticos.

Paulo tornou-se o grande crítico da Tora. Mas, como mostram suas reflexões bastante diferenciadas, ele não rejeita simplesmente a Tora, mas antes reduz suas regras a um parâmetro universalizável que serve de exemplo para a redução de regras que exige o *ethos* global. As leis, regras sociais e políticas da convivência global devem sempre de novo ser mensuradas pelas necessidades concretas. O motivo para a crítica paulina da lei foi a inculturação do cristianismo no mundo grego.

- O agir carismático subjaz, segundo Paulo, ao mandamento do amor, porém ele o aprecia como princípio estruturador da co-

munidade e isto vale principalmente para o falar profético que é entendido por terceiros (1 Co 14). No discurso de um *ethos* global, isto significa: a estruturação amigável de uma convivência global requer fantasia e uma adesão criativa de pessoas que agem a partir de valores comuns.

- Para Paulo, Cristo se despojou até a morte na cruz (Fl 2, 7s.). Os teólogos falam de uma teologia da cruz, na qual se viu com frequência o caminho cristão específico para a reparação pelos pecados do mundo. Paulo vê nisso, em primeira linha, uma prefiguração profundamente humana para uma ilimitada solidariedade entre os seres humanos que se empenham uns pelos outros na vida e na morte: “Tende entre vós os mesmos sentimentos que teve Cristo Jesus” (Fl 2, 5). Quem se dispõe para um *ethos* global, deve, neste caso limítrofe, dispor-se para uma solidariedade global.

IHU On-Line – O universalismo de Paulo poderia ser o fundamento para essa Ética Mundial?

Hermann Häring – Ninguém inculcou tão profundamente no cristianismo o pensamento do universalismo como Paulo. Ele iniciou sistematicamente e fundamentou explicitamente o primeiro processo histórico de universalização. Em todo o caso, esta tendência modificou fortemente seu anúncio em face da originária comunidade judaica. Só assim o apelo à universalidade podia sempre de novo tornar-se eficaz.

Este universalismo aparece na cristologia paulina. Paulo não concentra seu anúncio na recordação da vida e das ações de Jesus, porém integralmente no *Senhor ressuscitado*. Ele não se interessa por Jesus “segundo a carne” (2 Cor 5, 16) e todo o colorido da cotidianidade judaica retrocede. Porém, o Senhor ressuscitado, que lhe apareceu (At 9, 1-22), tem um significado cósmico universal. No final dos tempos, ele se submeterá a Deus que lhe submete *tudo* (1 Cor 1, 26). A validade cósmica de Cristo se manifestará finalmente na ressurreição de *todos* os mortos. Nesta não valerá mais nenhuma predileção judaica ou cristã, porém

unicamente a luta entre morte e vida, que é travada em cada ser humano: “Morte, onde está tua vitória!?” (1 Cor 15, 55). Trata-se de uma luta que é travada diariamente num mundo globalizado.

Este universalismo do ressuscitado espelha-se na imagem paulina do ser humano, que modifica de maneira dramática a antropologia judaica. Paulo insere todas as condições particulares da Tora judaica numa moldura universal. Nos primeiros três capítulos da Carta aos Romanos (1,18 – 3,20), ele desenha uma sóbria imagem do ser humano. Os humanos estão “cheios de injustiça, malícia, avareza e maldade, repletos de inveja, homicídio, contendas, engodos e malvadeza; eles são murmuradores e detratores, inimigos de Deus, são insolentes, soberbos, altivos, caluniadores, rebeldes e inventivos no mal..., eles são intolerantes e desmedidos, sem amor ou compaixão. Eles reconhecem que a sentença divina correta determina: quem assim age, merece a morte. Apesar disso, eles não somente cometem tais coisa eles próprios, mas aplaudem quem assim procede” (Rm 1, 29-32). Pois bem. Estas palavras podem, sem nenhum esforço, ser entendidas como descrição da situação do mundo contemporâneo.

Obrigatoriedade interior

Graças à sua orientação universal, Paulo relativiza todas as orientações concretas que se implantaram no povo de Israel através da Tora. Seu perigo reside no orgulho e no sentimento de superioridade. Conhece-se o preceito divino, mas não se cumpre. Simultaneamente, Paulo radicaliza a lei pela obrigatoriedade interior. Com isso, ampliam-se as perspectivas, porque no coração as normas e os valores foram inscritos também nos não judeus. Expresso modernamente: existe um *ethos* global que vale para todos os homens: se os não-judeus, “que não possuem a Tora, fazem por natureza o que é exigido na Lei, eles são... Lei para si mesmos. Desta forma, eles mostram que a exigência da Lei lhes foi inscrita no coração; sua consciência dá testemunho disto, seus pensamentos se acusam reciprocamente e se defendem...”.

Assim, Paulo reconduz as diferenças religioso-culturais entre judeus e não-judeus a bases humanas universais. Para este fim, também lhe presta ajuda a distinção entre “carne” e “espírito”. Existe, como ele o diz, não só uma circuncisão (isto é, uma recepção na promessa divina) no corpo, mas também uma “circuncisão” no espírito. Esta última não depende mais do rito judaico, porém da conduta e disposição interna das pessoas: “Judeu não é quem o é para fora, e circuncisão não é o que ocorre visivelmente na carne, porém é judeu quem o é ocultamente e circuncisão é o que ocorre no coração pelo espírito, e não pela letra” (Rm 2, 28). O universalismo paulino não afirma, portanto, que uma determinada tradição judaica ou cristã tenha significado universal, mas ele não exclui nenhum grupo humano. Paulo ancora o seu universalismo na conduta interna das pessoas ante o mandamento do amor que lhes é exigido por Deus. Ele não acrescenta nenhuma nova condição, nenhuma ulterior indicação de conduta. O seu universalismo pode, sem esforço e de modo preciso, ser inserido na fundamentação de um *ethos* mundial, o que abre espaço para o diálogo entre culturas e religiões. Paulo mostra acima de tudo um caminho que liberta o universalismo cristão de suas fantasias de superioridade. Ele nos ensina a – junto com outras religiões – submeter-nos a um *ethos* global. A garantia para esta postura positiva em relação ao mundo Paulo a encontra no próprio Cristo, que ele concebe como pura positividade. Jesus Cristo “não é simultaneamente o sim e o não...; nele se concretiza o sim. Ele é o sim a tudo o que Deus prometeu” (2 Cor 1, 19s.). Por isso, Cristo aparece simultaneamente como o novo Adão, simplesmente como homem (1 Cor 15, 45), em quem todas as pessoas revivem (1 Cor 15, 22). Esta palavra paulina poderia valer para todos os cristãos como motivo geral de seu engajamento num *ethos* global.

IHU On-Line – Como se pode conciliar este universalismo com a autonomia e individualidade na nossa sociedade?

Hermann Häring – Como entende Paulo este novo universalismo diante de questões de autonomia e individualidade? Para evitar uma argumen-

tação anacrônica, consideremos logo, ao mesmo tempo, a situação da atualidade. Paulo mostra, já em seu tempo, uma surpreendente conduta moderna.

Naturalmente, em nenhuma passagem Paulo fala de autonomia, mas com grande paixão ele pleiteia pela nova liberdade, que seus adeptos conquistaram. Na carta aos Gálatas, ele não se preocupa, em primeira linha, com a verdade abstrata de uma fé da qual não devemos afastar-nos. Ele defende antes a libertação que seus adeptos alcançaram. Os “falsos irmãos” controlam-no desconfiados porque causa desta inusitada abertura; eles querem transformá-lo novamente num “escravo”. Contra isso ele reage com veemência (Gl 2, 4s.). Mas ele contagia a comunidade com seu vírus da libertação: “Cristo libertou-nos para a liberdade. Ficai, portanto, firmes e não vos deixeis sujeitar novamente ao jugo da escravidão” (Gl 5, 1). Com muita evidência, Paulo entende com liberdade um estado que não aliena mais o ser humano de si mesmo. A alienação ocorre, para Paulo, por submissão sob a “lei” imposta de fora, que nos impele constantemente para uma cisão interna, porque sempre acabamos fracassando. Paulo menciona esta cisão interna para superá-la.

Verdadeira autonomia

Evidentemente, não existe para ele nenhuma autonomia absoluta no sentido moderno da palavra. Mas também é evidente que esta submissão à vontade de Deus – que para ele é o espírito do amor (2 Cor 3, 17) – não suspende esta autonomia, porém a possibilita. Precisamente aqui está o parentesco com um pensamento básico do *ethos* mundial. As leis de uma boa e pacífica convivência (do respeito mútuo, da justiça, da veracidade e da fidelidade) são as condições básicas de uma verdadeira autonomia, realizável aqui e agora. Uma autonomia absoluta não é só irreal, porém perigosa para a convivência, porque direitos só têm sentido como reverso de obrigações. Precisamente a forte vinculação pessoal de Paulo ao evento Cristo cria uma autonomia

orientada, da qual nós também necessitamos novamente hoje.

Na consciência pública de nossos povos, as igrejas cristãs não se posicionam necessariamente em favor da individualidade e da incondicional validade do sujeito. Para Paulo, ocorre o contrário. Paulo não chegou à comunidade com outros, porém como “batalhador isolado” pela fé cristã. Uma vivência radicalmente individual transformou Saulo em Paulo. Ele apela repetidamente para aquela aparição ante as portas de Damasco (At 9,4). Somente neste encontro ele chega a si. Agora ele se distancia de sua vida até então; a nova verdade concentra-se naquele instante decisivo. Agora ele segue um caminho que ele desenvolve integralmente a partir de sua experiência pessoal. No instante de sua vocação, sua fidelidade a Cristo e sua fidelidade a si próprio se cruzaram num mistério individual.

Mais tarde, ele apresenta (de maneira semelhante a Agostinho e Lutero) suas numerosas análises e autobservações antropológicas: “Porque eu não entendo o meu agir: eu não faço o que eu quero, porém aquilo que eu detesto. Mas, quando eu faço o que eu não quero, eu reconheço que a lei é boa” (Rm 7, 15-20). Só pode escrever deste modo quem é consciente de sua cindida, porém incontornável individualidade. Mas ele não se esquiva dela. Paulo vê-se confrontado consigo mesmo porque entende sua vocação simultaneamente como responsabilidade por aqueles que andam com ele: “Tendes de enfrentar o mesmo combate que antes vistes em mim e do qual também ouvis agora” (Fl 1, 30). “Não há dúvida de que sois uma carta de Cristo, confeccionada por nosso serviço, escrita... em tábuas – no coração de carne” (2 Cr 3,3).

Hoje, um *ethos* mundial global só pode desenvolver sua força por pessoas que se encontram em grande fidelidade consigo e atuam segundo sua responsabilidade. A Declaração de Chicago (1993) fala – de maneira totalmente moderna – de “mudanças de consciência no indivíduo e na opinião pública”, bem como da “irrefutável responsabilidade” de cada um “pelo que faz ou deixa de fazer”. Sem isto não podemos obter progressos.

De que maneira isto se torna possível, podemos aprender em Paulo.

IHU On-Line – Que aspectos de Paulo de Tarso podem ajudar-nos a inspirar o diálogo inter-religioso e intercultural?

Hermann Häring – A teologia paulina é essencialmente uma teologia intercultural. A contribuição paulina consiste em que ele abriu, para a tradição judaica, os caminhos para um processo de inculturação paradigmático. Porém, retrospectivamente considerado, não participa também deste processo um impulso cristão autônomo, a saber, a fé em Jesus Cristo? Esta questão não pode ser respondida com um unívoco sim ou não. A recordação de Jesus de Nazaré já atuava no judaísmo como força autônoma. Porém, naquela época, ainda não se tinha decidido se esta recordação de Jesus na fé realmente se desenvolveria numa religião autônoma. Precisamente esta dificuldade nos mostra que processos de inculturação não ocorrem como processos de transposição estaticamente isoláveis. Quando são exitosos, formam-se novos espaços de encontro, nos quais diversas culturas podem encontrar-se em recíproco respeito. Surgem espaços para diálogos inter-religiosos e interculturais.

Isso, no entanto, não conduz a uma terceira cultura isolada das outras. É verdade que, ao lado do judaísmo e dos espaços culturais gregos surge a Igreja cristã, nomeada, na antiga Igreja, como “terceira geração”. Porém, Paulo não vê, ao lado dos judeus e dos “pagãos”, nenhuma terceira unidade. Ele antes diferencia judeus e não-judeus entre “carne” e “espírito”. Esta distinção atravessa ambos os grupos. Quem, portanto, se decide pelo Cristo ressuscitado não precisa abrir mão de seu ser judaico ou ser grego, ser romano ou germânico, porém ele continuará sendo judeu, grego, romano ou germânico, argentino ou coreano, índio ou africano. Decisivo é que ele (como vimos) viva “no espírito”.

A nova fé que Paulo anuncia não se fixa, assim, em nenhuma cultura determinada, porque em cada cultura podemos viver “no espírito”, isto é, ser circuncidados “ocultamente” ou “no espírito”. Mais ainda: desde Paulo, esta abertura para

novas culturas e diálogos interculturais e a via para sempre novas inculturações pertencem ao critério da existência cristã. Caso contrário, abríamos mão (de maneira semelhante à obediência meramente carnal da Tora) da liberdade dos filhos de Deus. Se os cristãos querem, pois, realmente viver no espírito de Cristo, devem abrir-se para outras culturas, situações sociais e problemáticas.

Postura inter-religiosa

Esta abertura vale também para outras religiões? Paulo pode inspirar também nossa postura inter-religiosa? Aqui, uma resposta se torna mais complexa, porque, com grande zelo, Paulo persistiu na validade exclusiva da fé em Cristo. De acordo com sua teologia da cruz, a fé cristã é escândalo para os judeus e loucura para os pagãos” (I Cr 1,23). Apaixonadamente, ele exclama: “Quem não ama o Senhor, seja anátema” (I Cr 16,22). Com o mesmo zelo escreve: “Todos os que vivem segundo a Tora, estão sob um regime de maldição” (Gl 3,10). Neste ponto precisamos ser realistas. Também Paulo foi filho de seu tempo, no qual a fé num Deus único se diferenciava das muitas formas de fé politeísta que ele conhecia.

Entretanto, neste ponto, Paulo está dividido. Sempre que ele não argumenta formalmente a partir de seu passado, porém intrinsecamente a partir do fim da humanidade, ele chega a afirmações opostas. Quando se trata da universalização da salvação, ele reduz a obrigação maciçamente à Tora: restam apenas quatro das muitas regras; até mesmo a circuncisão é dispensada. Toda a tensão do problema inter-religioso ele a traz em seu próprio corpo. Ela o conduz a afirmações paradoxais, porém integralmente autênticas: “Pois eu próprio desejava ser segregado por Cristo pelos meus irmãos, que são meus patrícios segundo a carne” (Rm 9,3). Apesar de todas as decepções, ele espera pelo dia em que toda Israel será salvo (Rm 11,26). E ele, que encontrou em Cristo sua identidade e radical subjetividade, põe esta identidade sempre de novo à prova. Ele se tornou um judeu para os judeus, aos sem lei um sem lei, aos fracos um fraco. “Eu me tornei tudo para todos, para por

todos os meios salvar alguns” (1 Cr 9,20-23). Tal zelo por um futuro comum deve hoje determinar nossos diálogos inter-religiosos.

IHU On-Line – Como pode ser explicado o crescente interesse de filósofos como Žižek, Agamben, Badiou, Lyotard e Taubes por Paulo de Tarso?

Hermann Häring – O crescente interesse dos mencionados pensadores é, de fato, um fenômeno fascinante. Aqui não é possível dar uma resposta exaustiva. A teologia cristã infelizmente quase não acolheu estes novos discursos, porém para um *ethos* mundial essas reflexões são muitíssimo interessantes.

O Projeto Ética Mundial busca um objetivo profundamente humano: a regulamentação da convivência global segundo padrões e posturas éticas, que são indispensáveis para uma humanidade pacífica. Simultaneamente este projeto (junto a cosmovisões seculares) se dirige às religiões mundiais apelando ao seu *ethos* e a suas potencialidades éticas, porque na convergência global das forças politicamente relevantes eles constituem os principais atores do agir moral. Acresce a isto que muitos defensores do pensamento que expressa o *ethos* mundial agem a partir de convicções e motivações especificamente religiosas. Tem sua boa razão que a Declaração pelo Ethos Mundial global tenha sido proclamada pelo parlamento das religiões mundiais. Fins religiosos e seculares perfazem um vínculo que até então era desconhecido.

Mas o que ocorre nos mencionados pensadores? Todos eles descobrem em Paulo uma força política atual relevante. Eles veem em Paulo não o pensador de uma intimidade religiosa, mas de um futuro universal e cósmico, embora ele aja num jogo linguístico religioso. Também sua crítica da falência das pessoas (tanto judeus como não-judeus) é marcada por perspectivas políticas. Assim, ele pensa a doutrina da justificação, religiosamente motivada de maneira tão profunda, precisamente como questão de justiça, e também como a questão, a que poder nós estamos submetidos. Sua resposta paradoxal diz: graças à reconciliação e aceitação recíprocas, são possíveis reconciliação e paz entre os homens, embora falhemos constan-

temente. Isto é um esperar “contra toda esperança” (Rm 4,18), para nossa era presente uma afirmação secular e politicamente global, que traz em si um enorme potencial de esperança. Somente quem espera por isto pode encontrar a adesão por um *ethos* global.

Imperialismo religioso?

No entanto, o apelo a Paulo para um *ethos* mundial global não é uma questão ambivalente? Porque Paulo apela fundamentalmente a Jesus Cristo e ao Deus cristão. Este universalismo paulino não incide num imperialismo que considera a fé cristã como a melhor de todas as religiões? Precisamente, neste ponto, vale a pena estudar mais precisamente os mencionados autores, porque eles demonstram com grande poder de convicção o seguinte: a relevância secular atual da mensagem paulina também pode ser compreendida sem um recurso explícito às suas categorias religiosas. Seja quem for o Ressuscitado e o Deus Jesus Cristo, Paulo fundamenta um universalismo cujos elementos convencem a partir de si mesmos:

1) Paulo consegue, como vimos, uma superação de contradições culturais e religiosas, a qual já não deve mais conduzir a ulteriores cisões, porque ele pergunta pela concepção de pessoas que não é judaica, grega ou cristã, porém se orienta segundo um mundo disponível ou pelo amor indisponível.

2) Paulo vive desde sua experiência da ressurreição uma subjetividade imensamente forte, cuja força – mediada pelas epístolas paulinas – cunhou muitos séculos. “Ressurreição” torna-se símbolo de um novo início criador que domina os tempos.

3) Paulo desenvolve um quadro humano que assume todas as experiências de uma alienação e cisão interior e lhes resiste. Isto se torna fonte de uma posterior universalidade.

4) Paulo pensa conjuntamente a plenitude dos tempos, portanto, do passado e do futuro, num presente, de modo que ele pode tornar-se o início de uma nova era mundial.

5) Em sua análise da morte de Jesus na cruz e de sua própria situação, ele antecipa a experiência

de todas as comunidades excluídas, de todos os seres humanos desprezados.

Sem dúvida, para a maioria destes pensadores “ressurreição”, “filho de Deus” ou “Deus” se tornam metáforas superadas. Sobre isso é preciso discutir em outro lugar. Decisivo para o interesse do *ethos* mundial é que podemos transferir muitos impulsos paulinos para um diálogo inter-religioso e um diálogo secular e aí torná-los frutíferos. Eles transformam Paulo – querendo ou não – numa figura central de nossa época.

IHU On-Line – Quais são as contribuições de Paulo de Tarso para uma avaliação crítica do cristianismo atual?

Hermann Häring – Esta questão ultrapassa o âmbito desta entrevista. Ninguém pode contestar que o cristianismo está sujeito a todos os perigos que Paulo já denunciara em sua crítica ao Israel de então. As igrejas sucumbiram a esses perigos. Em primeiro lugar, deve a Igreja Católica posicionar-se ante as questões superatuais de Paulo. Menciono brevemente os seguintes pontos. Em Paulo se pode aprender o seguinte:

- sempre de novo pôr em discussão a própria identidade e as próprias seguranças, no sentido de tornar-se um fraco para os fracos. A Igreja Católica oficial tem grandes problemas com esta autocrítica;
- exercitar a inculturação e a inter-religiosidade de tal maneira que outras religiões e

culturas sejam realmente levadas a sério. Quem sempre considera sua própria tradição religiosa e cultural como superior, murcha e perde toda e qualquer inspiração profética;

- sempre de novo perguntar se realmente vivemos a própria fé, o anúncio e os sacramentos segundo a carne ou segundo o espírito. Somente no último caso nos é prometido um futuro;
- tornar-nos conscientes do fato de que rupturas ou mudanças culturais radicais também conduzem a rupturas nas próprias opções e na formulação da própria fé. A Igreja oficial parece não estar hoje disposta a assumir esta ousadia. Diante de Paulo, ela não pode permanecer assim.

Paulo, esta personalidade forte, autoconsistente, orientada para a liberdade e agindo com franqueza [2 Cr 3,12: ‘parresia’], tinha, afinal, a força de opor-se a Cefas face a face (Gl 2,11). Nós necessitamos na Igreja de uma nova franqueza no falar e no agir - e isto, em todo o caso, não a partir de um espírito destrutivo de contradição, porém a partir da força do Espírito Santo. Muitos de nós já se encontraram com o Senhor em experiências bem profundas. Cristo os libertou para uma nova liberdade. Somente a força de tais co-cristãos e co-cristãs pode fortalecer a Igreja para o futuro global de uma humanidade reconciliada.

Paulo de Tarso e os filósofos contemporâneos

Entrevistas com Alain Gignac

Alain Gignac é filósofo e professor na Faculdade de Teologia e Ciências da Religião da Universidade de Montreal, do Canadá, desde 1999, onde leciona Novo Testamento. Especializado no corpus paulino, ele interessa-se pelos métodos de análise sincrônica (retórica, estrutural, narratológica e intertextual) e os seus impactos hermenêuticos. A sua investigação *Ler a Carta aos Romanos* hoje, subvencionada pelo governo canadense, propõe-se reler os romanos com estes métodos, mas também sobre o horizonte do questionamento moderno/pós-moderno: como o escrito paulino propõe uma identidade e um agir no seu leitor? Um comentário da carta está em preparação.

De sua produção acadêmica, citamos **Juifs et chrétiens à l'école de Paul de Tarse. Enjeux identitaires et éthiques d'une lecture de Rm 9-11** (coll Sciences bibliques 9, Montréal, Médias-paul, 1999, 342 p.).

Alain Gignac concedeu duas entrevistas à **IHU On-Line**. A primeira, sob o título “Paulo de Tarso e os filósofos contemporâneos”, publicada na edição 176, de 17 de abril de, 2006, na qual ele confessa que tão cedo o texto de Paulo não será ensinado nas faculdades de filosofia (malgrado o desejo explícito de Taubes), mas não é mais incongruente interessar-se por esta grande figura fundadora do Ocidente (com o mesmo direito que Agostinho, Kant ou Hegel).

Na segunda entrevista, sob o título “A redescoberta de Paulo pela pós-modernidade”, concedida a Márcia Junges, da equipe de Comunicação da **IHU On-Line**, publicada na edição 286, de 22 de dezembro de 2008, Gignac é enfático ao dizer

que a redescoberta de Paulo de Tarso pela pós-modernidade se dá em dois sentidos. “Paulo alimenta a (pós)modernidade, e esta permite redescobrir Paulo”. Um mestre que faz os filósofos ocidentais pensarem, mesmo os ateus. “Para todos esses filósofos, a leitura das cartas foi determinante como catalisador de seu próprio pensamento – que não se situava necessariamente na linha de Paulo e, mesmo seguidamente se opunha a ele”. E Paulo nos confronta na época de individualismo e consumismo exacerbados em que vivemos, provoca Gignac: “Na história da literatura, trata-se do primeiro escritor a se expressar em ‘eu’ com tal força. Mas o ‘eu’ de Paulo é livre e inscrito em uma comunidade, não é individualista e isolado, nem escravo e alienado”. Enquanto forem ligadas, suas cartas continuarão nos forçando a refletir. Por isso, “não há momento propício para ler Paulo, mas, ao contrário, a leitura de Paulo pode criar um momento propício, o momento capaz de criar o novo”. Analisando as críticas de Nietzsche a Paulo, Gignac aponta que o filósofo alemão “dissocia Jesus e Paulo para opô-los e para atacar o apóstolo se servindo de um Jesus que lhe convém”. E completa: “O cristianismo não está fundado em Jesus, mas no Cristo – ou seja, uma interpretação pascal da vida e da morte de Jesus”. A respeito da morte na cruz, o teólogo destaca que Paulo sabe que esta é uma “morte vergonhosa, mas ele está longe de dizer que se trata de uma morte gloriosa. Paulo não exclui o sofrimento nem o escândalo da morte. Sua retórica não visa à sublimação, mas marca fortemente o paradoxo”.

IHU On-Line – Por que considera importante falar de São Paulo e, especialmente, de sua recepção no Ocidente, numa época como a nossa, na qual teologia e religião parecem postas à parte?

Alain Gignac – Na modernidade, a religião está circunscrita à esfera privada, e o estatuto universitário (epistemológico) da teologia é precário. Isso se verifica com acuidade na sociedade de Quebec, que é secularizada, em reação com um passado não muito longínquo em que o catolicismo dominava o social, o político e o cultural. A sociedade de Quebec é “hiperlaica”, onde se vive bem sem nenhuma referência religiosa – uma real exceção na América do Norte! Ora, por sua vez, a modernidade foi posta em questão. Primeiro filosoficamente, por causa de seu discurso de apossamento do saber, cada vez mais criticado (cf. Lyotard¹,

Foucault²). Depois, a modernidade é abalada politicamente, após o choque dos totalitarismos em meados do século XX e o desmoronamento do mundo bipolar no final do século. O ideal do progresso e o da democracia parecem bater asas. Eis que, por ocasião desta crise da modernidade, de maneira surpreendente, diversos filósofos europeus, na maioria não-cristãos, se voltam a Paulo para refletir em novas bases as questões de hoje. Seria esta volta a Paulo uma moda? Em todo o caso, ela é real. É preciso considerar que Paulo é um “clássico” do Ocidente, que, por diversas vezes, foi catalisador de mudanças de paradigma, tanto em teologia como em filosofia. Agostinho,³ Lutero,⁴ Barth,⁵ mas também Nietzsche⁶ ou Heidegger⁷ eram leitores de Paulo e só podem se compreender em relação a ele. Trata-se da densidade do estilo de Paulo? De sua vivacidade? Das

¹ Jean-François Lyotard (1924-1998): filósofo francês, autor de uma filosofia do desejo e significado representante do pós-modernismo. Escreveu, entre outros, *A fenomenologia* (Lisboa: Edições 70, 1954), *O inumano: considerações sobre o tempo* (Lisboa: Estampa, 1990), *Heidegger e “os judeus”* (Lisboa: Instituto Piaget, 1999) e *A condição pós-moderna* (8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2004). (Nota da **IHU On-Line**)

² Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês, foi professor no Collège de France. Sua obra tem um enorme impacto na academia, pois perpassa principalmente pelas áreas humanas e das ciências sociais, mas também pelas demais áreas de estudo. É autor de, entre outros livros, *História da loucura* (5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997). Em duas edições a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004 e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para download na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos **Cadernos IHU em formação**. (Nota da **IHU On-Line**)

³ Aurélio Agostinho (354-430): conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ Martinho Lutero (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor de uma das primeiras traduções da Bíblia para o alemão, sua tradução suplantou as anteriores. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutenberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da **IHU On-Line**, de 03-11-2008, intitulada *Reformador da Teologia, da igreja e criador da língua alemã*. O material está disponível para download no site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ Karl Barth (1886-1968): de 1911 a 1921 foi pastor calvinista. Mais tarde foi professor de Teologia em Bonn, na Alemanha. Escreveu entre outros livros: *Introdução à Teologia Evangélica* (São Leopoldo: Sinodal, 1981). Dele, publicamos extratos sobre Mozart na edição 174, de 03-04-2006, intitulada *Mozart foi um anjo*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela **IHU On-Line** edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Doutorou-se em Filosofia sob a orientação de Edmund Husserl. Em 1933, acontecimentos políticos levaram-no a aderir ao partido nazista e assumir a reitoria da Universidade de Friburgo, cargo do qual se demitiu alguns meses. A seus olhos, o que define a ontologia e sua história é o esquecimento do ser como lugar de questionamento. Ora, o ser como questão define um ente particular, que é o ser-aí, o *Dasein*. Este *Dasein* é o homem. Ora, o ser-aí é aquele que pode ao mesmo tempo existir e saber, a todo momento e ao mesmo tempo; “ser-para-a-morte” é o que deixa de existir. Aceitar esta situação é o sinal da autenticidade para o homem. Colocar a autenticidade, para o homem, é levantar as diferentes maneiras de ser: facticidade, derrelição, historicidade. São os temas fundamentais que Heidegger aborda na sua obra

imagens e metáforas brutais e explosivas que se exprimem nestes textos? Do gênero literário “cartas paulinas” de que ele é o inventor? Sempre é verdade que se considerou Paulo como um mestre a ser pensado, um texto apto a provocar um choque e a alimentar a reflexão. E que ele é novamente redescoberto, após um eclipse temporário.

A espessa floresta paulina

De minha parte, como especialista do *corpus paulino*, este fenômeno me interpela. Avançando em minhas próprias pesquisas, isto é, lendo o texto paulino com minha própria sensibilidade literária e as questões que me habitam, eu entro em diálogo com estes outros intelectuais que percorrem o mesmo terreno de caça que o meu. Como teólogo, sou um pouco o guarda-caça que conhe-

ce bem as veredas que percorrem a espessa floresta paulina. Entretanto, eu admiro esses caçadores furtivos que desentocam em Paulo novas caças e traçam aí novas veredas. Eu tenho a chance de viver um momento embalador da pesquisa paulina hoje, que não é mais restrita à aproximação estritamente histórica, ou ao domínio teológico, mas se abre a novos horizontes.

IHU On-Line – Como se apresenta a recepção do pensamento paulino nos filósofos atuais?

Alain Gignac – Além de Taubes⁸, Badiou⁹ e Agamben,¹⁰ considerados mais adiante, poder-se-ia citar Paul Ricoeur,¹¹ François Lyotard, Michel Serres¹² e Stanislas Breton,¹³ que se interessaram por Paulo na França. O texto de Paulo não será, talvez, ensinado tão cedo nas faculdades de filosofia (malgrado o desejo explícito de Taubes),

máxima, *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a **IHU On-Line** publicou na edição 139, de 02-05-2005, o artigo “O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo”. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ Jacob Taubes (1923-1987): sociólogo da religião, filósofo e especialista em judaísmo. Nasceu em uma antiga família de rabinos. Ele obteve seu título de doutor em 1946, com a tese *Abendländische Eschatologie* e inicialmente ensinou estudos religiosos e estudos judeus nos Estados Unidos. A partir de 1965, foi professor de Estudos Judeus e Hermenêuticos da Universidade Livre de Berlim. Ele é autor da importante obra *Die politische Theologie des Paulus. Vorträge gehalten an der Forschungsstätte der evangelischen Studiengemeinschaft in Heidelberg*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ Alain Badiou (1937): filósofo, dramaturgo e romancista, leciona filosofia na Universidade de Paris-VII Vincennes e no Collège International de Philosophie. Ele é autor, entre muitos outros, do livro *Saint Paul. La fondation de l'universalisme* (Paris: PUF, 1997). O livro foi várias reeditado na França e traduzido em diferentes línguas, como o inglês e o italiano. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do Collège International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007), *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007) e *O que resta de Auschwitz* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2008). Em 04-09-2007 o site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU publicou a entrevista “Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben”, com o filósofo Jasson da Silva Martins. A edição 236 da **IHU On-Line**, de 17-09-2007, publicou a entrevista “Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito”, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. Para conferir o material, acesse www.unisinos.br/ihu. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ Paul Ricoeur (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na **IHU On-Line** 49ª edição, de 24 de fevereiro de 2003, e uma entrevista na 50ª edição, de 10-03-2003. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória* sobre Ricoeur, em função de seu falecimento. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² Michel Serres (1930): filósofo francês, escreveu entre outras obras *Éléments d'Histoire des Sciences* (Paris: Bordas, 1989), *Hermes: Uma Filosofia das Ciências* (Rio de Janeiro: Graal, 1990) e *O contrato natural* (Lisboa: Instituto Piaget, 1990). Atuou como professor visitante na USP. Desde 1990, ele ocupa a poltrona 18 da Academia Francesa. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ Entre as múltiplas filosofias contemporâneas do jogo, na esteira de Heráclito e Nietzsche, destacamos a de Stanislas Breton, com esse “jogo da superabundância” que vê como a “pura passagem” do inefável “princípio-nada”/“nada-imaginário” “às suas diferentes meta-morfoses”, passagem que, não por ser “irracional”, mas por dar-se “aquém de toda a “explicação” (inclusive a de irracionalidade), diz recusar “toda a razão” (Nota da **IHU On-Line**)

mas não é mais incongruente interessar-se por esta grande figura fundadora do Ocidente (com o mesmo direito que Agostinho, Kant ou Hegel).

IHU On-Line – Poderia comentar especialmente a visão do pensamento paulino de Taubes, Badiou e Agamben? Por que a escolha destes três filósofos?

Alain Gignac – A escolha deste trio se fez um pouco por acaso, por causa de leituras e de discussões com colegas, e também pela coincidência de sua publicação em francês. Eu tomei consciência, porém, que existem relações complexas entre eles. Agamben dedica, de maneira póstuma, seu livro a Taubes, e Agamben e Badiou têm uma querela de fundo mais ou menos explícita a propósito da universalidade.

Não é nada fácil resumi-los em algumas linhas. O livro de Taubes – *Die politische Theologie des Paulus. Vorträge gehalten an der Forschungsstätte der evangelischen Studiengemeinschaft in Heidelberg*¹⁴ –, por causa de circunstâncias particulares de sua gênese, é muito explosivo. Trata-se da publicação póstuma de algumas conferências gravadas quando o filósofo judeu alemão vivia a fase terminal do câncer que iria levá-lo a morte. O autor não pôde revisar as transcrições, e o texto está repleto de digressões (aliás, apaixonantes). Para Taubes, Paulo é o pensador judeu que nos permite conceber melhor uma crítica política radical do direito, da lei. Com isso, Paulo é o fundador de

um novo povo, um desafio tanto à identidade judaica quanto à ideologia imperial (ontem, a de Roma, hoje, a dos Estados Unidos). Os dois autores são muito mais estruturados, eles puderam “afinar” sua leitura de Paulo no decurso de vários seminários, e esta leitura se situa, ela própria, numa obra mais englobante (que eu não posso abordar aqui). O livro de Agamben – *Il tempo che resta. Un commento alla Lettera ai Romani*¹⁵ – prolonga a intuição de Taubes, fazendo apelo a um mestre comum a Taubes e a ele: Walter Benjamin.

O messianismo de Paulo

Paulo não é nada menos que o maior pensador messiânico de todos os tempos, o interlocutor de Weber¹⁶, Heidegger, Hegel¹⁷ e Benjamin.¹⁸ Mais precisamente, Paulo descreve uma postura política que nos permite um retrato “anárquico” do caos da história. O tempo messiânico é o tempo que resta, o tempo deslocado que abre um espaço crítico que torna possível uma real liberdade. Enfim, o livro de Badiou¹⁹ apresenta Paulo como o fundador do universalismo que possibilita (e teoriza) um terceiro discurso, entre o discurso “judeu” das identidades particulares e o discurso “grego” da identidade pseudouniversal, em que a cultura dominante conduz a um nivelamento superficial. Segundo Badiou, Paulo descreve a postura filosófica daquele que dá testemunho de um evento in-

¹⁴ *Die politische Theologie des Paulus. Vorträge gehalten an der Forschungsstätte der evangelischen Studiengemeinschaft in Heidelberg*, 23-27. (Nota do entrevistado)

¹⁵ *Il tempo che resta. Un commento alla Lettera ai Romani*. Torino: Bollati Boringhieri, 2000. (Nota do entrevistado)

¹⁶ Maximillion Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a **IHU On-Line** dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou os **Cadernos IHU em formação** nº 3, 2005, chamado *Max Weber – o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pie-rucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁷ Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217 de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da **IHU On-Line**, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁸ Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão, crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁹ *Saint Pau: la fondation de l'universalisme* (Les Essais du Collège international de philosophie). Paris, 1998 (1997).

condicionado na banalidade da história, tornando-se, assim, plenamente sujeito.

O momento propício para compreender Paulo

Malgrado sua querela, Badiou e Agamben se reúnem em sua crítica da obsessão identitária, no cuidado de fundamentar de outra forma o “sujeito”, longe de todo cartesianismo. Eles se unem na ideia de que Paulo nos permite estruturar nosso pensamento político e nos fornece uma porta de saída para relançar a militância. Ou, ainda, a época atual seria o momento propício para compreender Paulo (Agamben) e Paulo seria um dos textos maiores para compreender nossa época (Agamben e Badiou). Em suma, Paulo é nosso contemporâneo. Pode-se discutir com ele como se discute ainda com Parmênides ou Platão.

IHU On-Line – Qual é a importância da Carta aos Romanos? Que chaves de leitura seriam importantes para compreender os temas de fundo que ela suscita?

Alain Gignac – A Carta aos Romanos é um reservatório que parece inesgotável. Houve quem se apoiasse nela para pensar a predestinação, a eleição, a justificação somente pela fé, o pecado original, a revelação natural, as relações entre a Igreja e o Estado, as relações entre judeus e cristãos após a Shoah²⁰ etc. – todos os temas que são anacrônicos no momento da redação da carta (1º século), mas que encontraram ali, muitas vezes em uma metáfora, uma ancoragem mais fértil. Como eu disse mais acima, caricaturando um pouco, poder-se-ia dizer que cada giro decisivo da história do cristianismo se apoiou em Romanos: pensemos em Agostinho (passagem do cristianismo antigo à cristandade medieval), em Lutero (a cisão protestante), em Barth (a teologia dialética).

Paulo, um “cubista”?

De minha parte, eu fico fascinado porque a carta é plurívoca: ela não comporta uma só apresentação de Deus, do Cristo, do humano e de suas interações, mas diversos discursos. Diversos pontos de vista se fazem aí entender (incluído aquele de um interlocutor virtual que põe questões ou objeções a Paulo). Assim, caso se atenda às tensões ou mesmo contradições do texto, percebem-se diversas descrições da justiça de Deus nos quatro primeiros capítulos, como se Paulo fosse um Picasso que, para pôr no papel sua visão do humano e de Deus, deveria entregar-se a diversas retomadas, para expor de maneira “cubista” as diferentes facetas da justiça de Deus. No comentário que eu estou a ponto de redigir, eu não encontro menos de sete! Passo a passo, uma justiça vingativa, uma justiça legal, uma justiça fora da lei são encaradas. Cada discurso assume o precedente, mas a modela e corrige, operando deslocamentos significativos na maneira de encarar a justiça. E assim por diante...

A Carta aos Romanos revela estruturas antropológicas universais

Uma outra chave de leitura importante da carta, é que em Jesus Cristo o mundo conheceu uma transformação radical. Trata-se de uma visão do mundo que os especialistas qualificam de “apocalíptica”, conforme o nome da literatura judaica na qual o mecanismo desta transformação é desvelada e esperada. Ora, eis a afirmação inaudita de Paulo – mesmo para um judeu do 1º século, impregnado desta visão e destes escritos apocalípticos: não se deve mais esperar a transformação, mas ela adveio pelo Cristo. O mundo antigo, no qual a humanidade era escrava duma estrutura de opressão (Pecado – Morte – Lei), foi vencido

²⁰ Shoah: significa holocausto. O holocausto tem origens remotas em sacrifícios rituais pagãos da Antiguidade em que animais (por vezes até seres humanos) eram oferecidos às divindades, sendo completamente queimados durante a noite. Este tipo de sacrifício também foi praticado por tribos judaicas. A partir do século XIX, a palavra holocausto passou a designar grandes catástrofes e massacres, até que após a Segunda Guerra Mundial o termo Holocausto (com inicial maiúscula) passou a ser utilizado especificamente para se referir ao extermínio de milhões de judeus e outros grupos considerados indesejados pelo regime nazista de Adolf Hitler. Conferir a edição número 265 da *IHU On-Line*, de 21-07-2008, intitulada *Nazismo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie*. (Nota da *IHU On-Line*)

graças à fidelidade do Cristo a Deus, que nos concede sua justiça. Este discurso da Carta aos Romanos tem algo de mitológico, mas também desvenda intuições profundas sobre estruturas antropológicas universais. Não é por nada que Paulo qualifica seu discurso de “Evangelho”, isto é, em grego: anúncio extraordinário. Não é por nada que os filósofos contemporâneos se voltam para Paulo para aí procurar o novo, o radical, o libertador, o extraordinário.

IHU On-Line – De que modo o cristianismo, e especialmente o pensamento de Paulo se refere à aparição da modernidade no Ocidente?

Alain Gignac – Eu não sou filósofo nem especialista em história das ideias. Eu só posso lançar algumas intuições sem muita ordem. Primeiramente, o cristianismo – e você fará a comparação com as outras religiões – sempre tentou conciliar fé e razão, sem jamais deixar cair uma ou outra. Em segundo lugar, a lógica da encarnação conduz a uma valorização muito grande do humano e de sua autonomia. Em terceiro lugar, o ser humano é criado à imagem de Deus, e, portanto “sagrado” (A Carta canadense dos direitos, malgrado a secularização, fundamenta os direitos dos cidadãos na existência de Deus). Em quarto lugar, encontra-se a injunção: “Tu não farás ídolos”. Razão, autonomia, direitos humanos, crítica da religião: estes quatro temas caros à modernidade mostram que esta é de certa maneira devedora do cristianismo, embora também devesse, legitimamente, distanciar-se dele.

Razão, autonomia, direitos humanos e crítica do discurso sobre Deus

Pelo que se refere a Paulo, pregador judaico-cristão itinerante do 1º século, com suas raízes

judaicas e sua cultura helenística, qual é sua relação com a modernidade? Se eu retomo os quatro temas que eu acabo de evocar, eu constato que Paulo participa deles à sua maneira. Razão: ele argumenta, cria um discurso teológico inédito, comenta a escritura. Autonomia: ele insiste na liberdade inaudita, mas terrivelmente exigente do cristão. Direitos humanos: ele tem o cuidado de edificar a comunidade e o indivíduo, sempre no respeito do fraco; ele afirma que o ser humano salvo é irmão do Cristo (morto por ele) e filho do Pai. Crítica do discurso sobre Deus: ele faz a apologia do antidiscurso do escândalo da cruz; sua maneira de escrever, feita de tensões e de metáforas, produz um efeito de pluralismo, de pluralidade das vozes, que é uma crítica da teologia.

IHU On-Line – A crise da modernidade é uma crise do cristianismo?

Alain Gignac – Que grande questão! O cristianismo resistiu à modernidade, mas integrou, sem jamais o admitir, os procedimentos e os valores (tomai, por exemplo, a necessidade de encontrar duas curas cientificamente inexplicáveis para canonizar alguém: trata-se de um critério positivista... e teologicamente aberrante). Ora, a teologia do concílio Vaticano II²¹ (1962-1966) é uma reconciliação (inacabada, sem dúvida) com a modernidade: liberdade de consciência, pluralismo religioso, direitos humanos, esperança etc. Assim, quando a modernidade está em crise, o cristianismo também deve se sentir atingido. Por exemplo, a teologia da história da salvação, bastante triunfalista, é uma versão muito teológica, mas também muito moderna dos grandes relatos, dos quais a (pós-)modernidade criticou o caráter totalitário. Como teólogo, formado intelectualmente pelo melhor da modernidade, eu devo ser tam-

²¹ Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11 de novembro de 2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II – Marcos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 157 da *IHU On-Line*, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

bém muito sensível às intuições e deslocamentos pós-modernos. O cristianismo não deve ficar indiferente a esta crise: pois ele tem valores modernos a conservar. Não é um inimigo, quem tem problemas, é uma parte do cristianismo que está abalada. Dito isto, o cristianismo, felizmente, jamais esteve ligado a uma tradição filosófica, nem a uma cultura, embora ele tenha tido esta tentação por diversas vezes (e ainda hoje). Fazer teologia foi sempre – porém isto se torna ainda mais urgente hoje em dia – retornar aos textos do Novo Testamento, com as questões contemporâneas na cabeça, mas pondo-se atentamente à escuta dos textos. Eu também creio que Paulo é nosso contemporâneo.

IHU On-Line – O que podemos esperar do cristianismo no futuro, qual poderia ser seu lugar?

Alain Gignac – O lugar do cristianismo será sempre aquele do pensamento radical, exigente, em busca de verdade e de coerência, mas também o do engajamento pela justiça e pelo humano.

IHU On-Line – De que modo a liberdade e a universalidade são compreendidas por Paulo e qual é o significado destes valores na contemporaneidade?

Alain Gignac – Malgrado Agamben e Badiou, que secularizam o pensamento paulino (é seu direito e é estimulante) e mesmo eliminam o caráter cristológico, é sempre verdade que os textos de Paulo são portadores duma experiência religiosa, da qual dão testemunho. Trata-se da experiência do Ressuscitado (ele está vivo!) feita pelos primeiros cristãos. Uma experiência “espiritual” que é a mesma coisa como aquela de se sentir plenamente e fundamentalmente “filho e filha de Deus”, quando o Espírito do Ressuscitado, no qual somos lançados, clama em nós “Aba, Pai”. De um ponto de vista cristão, eis o fundamento, tanto da universalidade como da liberdade. Para retomar as palavras de uma outra carta de Paulo, dirigida em seu tempo aos Gálatas, mas duma modernidade surpreendente: “Pois todos vós sois, pela fé no Cristo Jesus, filhos de Deus. Sim, vós todos que em Cristo fostes mergulhados no batismo, vós revestistes

o Cristo. Não há nem judeu, nem grego, não há nem escravo, nem homem livre, não há homem, nem mulher, pois todos vós sois apenas um no Cristo Jesus. E, se vós pertenceis ao Cristo, então vós sois a descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa. [...] Filhos, vós o sois. Deus enviou aos nossos corações o Sopro de seu filho que clama: “Aba”, Pai. Tu já não és, pois, escravo, mas filho; e como filho, herdeiro de Deus” (Gálatas 3, 26-29; 4, 6-7, *Bíblia, Nova tradução*, Paris-Montéreal: Bayard-Médiaspaul, 2001).

A redescoberta de Paulo pela pós-modernidade

IHU On-Line – Como a leitura das Cartas aos Romanos propõe uma identidade e um agir em seus leitores?

Alain Gignac – Para além dos efeitos retóricos, as cartas de Paulo se apresentam como um discurso que constrói a realidade. Constantemente, Paulo trabalha dois eixos que devem se coordenar: identidade e agir, indicativo e imperativo, visão do mundo e valores que se ligam uns aos outros: “Eis o que sois – o que somos! Agis em consequência”. Este jogo de linguagem pode ser analisado sobre dois planos: a enunciação e os enunciados.

Sobre o plano da enunciação, o leitor é convidado a tomar partido, em um jogo de pronomes particularmente perigoso. Há um “eu” (1ª pessoa) que se dirige a um “tu” ou a um “vós” (2ª pessoa, singular ou plural) em relação a um terceiro ao mesmo tempo ausente e muito presente: Cristo (que ocupa o lugar da 3ª pessoa). Para complicar as coisas, “eu” se faz algumas vezes solidário de “vós” e passa assim ao “nós”. Ainda que se saiba, historicamente, que “vós” corresponde aos destinatários de Paulo (as comunidades que ele fundou), não impede que o leitor que abre o texto hoje seja influenciado por este dispositivo enunciativo. Ainda que ele possa resistir, ele é interpelado a se sentir preocupado por este “vós”, ainda mais que o “eu” que toma a palavra o faz com grande intensidade. Ao longo das cartas, o “eu” paulino busca expressar a força, a profundidade do pertencimento de “vós” ao Cristo: “Vós estais

em Cristo, viveis em Cristo, o Cristo está em vós”. Isto revela a intensidade. Em outras palavras, o leitor é conduzido pela enunciação do texto a *identificar-se* com este tipo de retrato-falado de “vós” que se constrói pouco a pouco ao longo da leitura. Ora, se o “eu” que se exprime nas cartas indica a “vós o que eles são, este “eu” não se constrange de lhes formular uma série de imperativos, de recomendações, de sugestões para balizar seu agir.

Novidade da experiência cristã

No plano dos enunciados, Paulo procura falar da novidade da experiência cristã. Como falar da inédita novidade da ressurreição com velhas palavras, gastas? Paulo não tem vocabulário adequado para descrever o que deve descrever. A partir dos materiais extraídos da cultura do século I, das escrituras judaicas e das tradições orais das primeiras comunidades cristãs, ele vai criar uma nova linguagem. Isto feito, ele vai ainda contribuir para a construção de uma nova identidade para seus interlocutores. Por assim dizer, Paulo retrabalha o material, o desconstrói e compõe assim uma nova mensagem.

Romanos 3,21-26 é um bom exemplo do procedimento. Esta passagem fala da justificação pela fé. Paulo encadeia quatro metáforas saídas de quatro registros diferentes: 1) Registro jurídico: a justiça de Deus se manifesta sem a lei, fora da lei. Esta primeira metáfora é também um *oxymore*, pois uma justiça é inconcebível sem uma lei. A justiça de Deus é estranha, se situando para além de nossas concepções humanas da justiça. Ainda mais que, para orelhas gregas, “ser justificado” tem conotações de condenação (equivalente à expressão francesa “passar em justiça”), enquanto que, em Romanos 3, 21-26, isto se torna sinônimo de salvação; 2) Registro litúrgico: esta manifestação da justiça é análoga (ao mesmo tempo semelhante e diferente) ao ritual do Yom Kippour descrito em Levítico 16. A morte de Jesus funciona como um rito anual de renovação da aliança inscrito no Antigo Testamento, enquanto o Grande padre irrigava o arco da aliança de sangue; 3) Registro socioeconômico: a justiça de Deus revelada

pela fidelidade de Jesus até a sua morte lembra a alforria do escravo pelo seu dono. Paulo utiliza um exemplo comum da vida cotidiana na Antiguidade para descrever a ação de Deus em relação a “vós”. Metaforicamente, a identidade cristã é descrita como uma libertação da escravatura; 4) Registro da contabilidade: a justiça de Deus perdoa os erros como um banqueiro perdoaria repentinamente a dívida de alguém que se tornou superendividado.

Esta sucessão de metáforas tem um efeito estranho, ainda que sejam tiradas da linguagem de pessoas comuns. As quatro imagens se encadeiam rapidamente e se entrecrocaram. Elas dizem todas a mesma coisa e, ao mesmo tempo, não são perfeitamente compatíveis entre elas. Provocam um curto-circuito que convida a refletir, a se questionar e a redefinir, diante da nossa concepção de Deus. Para construir uma identidade nova (ou renovada), é preciso antes desconstruir a identidade primeira.

IHU On-Line – Qual é o principal desafio em ler Paulo de Tarso?

Alain Gignac – O principal desafio é ler Paulo tomando um distanciamento em relação às grandes leituras do passado, como a leitura luterana e a sua justificação pela fé – sem, todavia jogar esta herança na lixeira. Podemos ler o texto de Paulo sem um parâmetro preconcebido que aplica ao pé da letra uma dogmática ou uma ideologia predefinida? Podemos fazer de Paulo não um mestre de pensamentos prontos, mas um mestre que faz pensar? De toda forma, Paulo não tem um bom vocabulário, como eu disse acima. Ele é o primeiro cristão a colocar palavras sobre a sua fé, e precisa tudo reinventar. Além do mais, procura responder aos problemas concretos que vivem as comunidades. Não se trata de um teórico ou alguém que vive na abstração. Paulo de Tarso responde a perguntas difíceis – mas não tem as respostas. Tenta encontrá-las, mas chega somente a vestígios parciais. Seu pensamento se constrói e se elabora diante de nós. Não é fácil entendê-lo. A “imperfeição” pode provocar certas frustrações, mas pode tornar-se uma maravilhosa escola. Como podemos fazer o mesmo trabalho criativo, para re-

inventar o vocabulário cristão possível de expressar hoje a identidade cristã? E como articular esta identidade com um agir de transformação?

Confesso aqui, tomando consciência de meus propósitos, que há talvez uma perspectiva (pós)moderna na minha resposta: minha preocupação em entender o questionamento de Paulo, aceitando antecipadamente que tudo não será coerente, que não poderei encontrar um centro em sua teologia, que não terei a resposta perfeita para as minhas questões sobre o humano e sobre Deus lendo Paulo...

Para ilustrar o que eu exprimo aqui, pode-se novamente retornar aos Romanos 3, 21-26 – um texto-chave de Paulo e da história da interpretação. As quatro metáforas utilizadas por Paulo, das quais somente uma é verdadeiramente tirada de sua formação teológica farisiana (referência ao Yom Kippur), foram soldadas juntas, chocadas violentamente, homogeneizadas. E elas deram origem a uma linguagem teológica: justificação, sacrifício expiatório, redenção, perdão dos pecados, palavras que transportam agora com elas sua bagagem de conceitualidade. Como ler imagens de Paulo, não mais como uma linguagem técnica teológica, que acreditamos captar de imediato, mas em sua vivacidade original? Como redescobrir o choque que sua amálgama constituiu? Como perceber com acuidade que o texto procura primeiro dizer... que ele não sabe como dizê-lo? Eis todo um desafio.

IHU On-Line – Podemos falar em uma redescoberta de Paulo de Tarso pela pós-modernidade?

Alain Gignac – Esta descoberta se faz em dois sentidos. Paulo alimenta a (pós)modernidade, e esta permite redescobrir Paulo. Um livro recentemente publicado no quadro dos trabalhos do *Romans Through History and Cultures Seminar* é esclarecedor a este respeito.²² De um lado, pensadores, no movimento direto ou não da (pós)modernidade, leem as cartas de Paulo – os nomes mais marcantes são Jacob Taubes, Slavoj Žižek, Giorgio Agamben, Alain Badiou. O mínimo que se pode dizer é que estes autores muito perspicazes e muito penetrantes – que têm a sorte de não terem feito estudos em teologia (!) – nos fazem redescobrir Paulo! De um lado, utilizam-se muito do pensamento de um Jean-François Lyotard ou de um Jacques Derrida,²³ ou ainda da filosofia do processo (*process philosophy*) para reler-se de outra forma as cartas de Paulo.

Por que se fala de redescoberta? Talvez por que há um eclipse (passageira) após a Segunda Guerra mundial? Na época em que o marxismo e depois o estruturalismo ocupavam toda a cena? Todavia, os “novos” leitores de Paulo não são tão inovadores, uma vez que eles se inscrevem em uma longa tradição a exemplo de John Locke,²⁴ Friedrich Nietzsche, Søren Kierkegaard,²⁵ Max Weber ou Martin Heidegger. Os filósofos ocidentais, mesmo ateus, leram Paulo em seu tempo.

²² ODELL-SCOTT, DAVID, dir. (2007), *Reading Romans with Contemporary Philosophers and Theologians* (Romans Through History and Cultures, 7), New York, T.&T. Clark (Romans Through History and Cultures, 7). (Nota do autor)

²³ Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da **IHU On-Line** edição 119, de 18-10-2004. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁴ John Locke (1632-1704): filósofo inglês, predecessor do Iluminismo, que tinha como noção de governo o consentimento dos governados diante da autoridade constituída, e, o respeito ao direito natural do homem, de vida, liberdade e propriedade. Com David Hume e George Berkeley era considerado empirista. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁵ Søren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Víctor Eremita, Johannes de Silentio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus y J, Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo, bem como aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O conceito de ironia* (1841), *Temor e tremor* (1843) e *O desespero humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista “Paulo e Kierkegaard”, realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da Unisinos, nesta edição dos **Cadernos IHU em formação**. (Nota da **IHU On-Line**)

Para todos esses filósofos, a leitura das cartas foi determinante como *catalisador* de seu próprio pensamento – que não se situava necessariamente na linha de Paulo e, mesmo seguidamente se opunha a ele. Isso prova que Paulo é um mestre... que faz pensar!

IHU On-Line – Em entrevista anterior à nossa revista, o senhor equipara Paulo a Agostinho, Kant²⁶ e Hegel como um dos fundadores do Ocidente. Quais são suas maiores contribuições a nós, homens e mulheres que vivem a pós-modernidade e suas contradições?

Alain Gignac – Começando a refletir sobre a sua questão, percebo que seria necessário um livro para respondê-la. Eu levantaria brevemente quatro pontos: ética, antropologia teológica, universalismo, ecologia.

Primeiramente, em uma época de individualismo e de consumismo exacerbados, Paulo nos confronta. Na história da literatura, trata-se do primeiro escritor a se expressar em “eu” com tal força. Mas o “eu” de Paulo é livre e inscrito em uma comunidade, não é individualista e isolado, nem escravo e alienado. Paulo é radical e exigente: a liberdade é preciosa e não poderia ser vendida. Além disso, todas as exortações paulinas convergem a isso: tudo o que se faz deve edificar, construir o indivíduo e a comunidade – indissociáveis. Creio então que a ética de Paulo seria uma herança a ser adotada – apesar de sua má reputação, Paulo não é um moralista, mas um liberal.

Em segundo lugar, creio também que sua concepção, segundo a qual somos filho e filha de Deus, amados pelo criador do universo e co-herdeiros do Cristo – e então que podemos fazer esta

experiência da filiação, que é a experiência do sopro de vida (espírito santo) em nós –, é simplesmente revolucionária. Esta experiência de participar da própria vida de Deus funda também a fraternidade humana. Poder-se-ia repensar os direitos do homem (tão seguidamente desrespeitados) à luz de Paulo?

Em terceiro lugar, creio que a palavra de Paulo ainda não está ultrapassada: “Já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gálatas 3, 28).

Em quarto lugar, nesta época de desequilíbrio ecológico e de aquecimento climático, é preciso reler a passagem, em Romanos 8, em que Paulo afirma a interdependência entre a humanidade e o cosmos, dos quais ele compara os sofrimentos a um trabalho de gestação.

IHU On-Line – Por que considera Paulo o maior pensador messiânico de todos os tempos?

Alain Gignac – Não sou o autor desta ideia: trata-se mais precisamente do tema de Agamben, que tem uma visão bastante especial, pós-comunista, do messianismo, na linha de Walter Benjamin. Agamben “descristologiza” o messianismo de Paulo, o esvazia do alcance experiencial (crer no Cristo aderir ao Messias, lhe dar a sua fé), para manter somente a estrutura. Para Agamben, o messianismo é uma postura e uma atitude política. É claro, minha leitura “messiânica” de Paulo é a de um teólogo, e não a de um filósofo. Para mim, Paulo é o primeiro que articulou uma cristologia – um discurso sobre Jesus Messias. Para o Apóstolo, a morte/ressurreição do Cristo constitui o pivô da história do mundo, do momento-chave

²⁶ Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

em que tudo se transforma em que se manifesta a justiça de Deus, no qual a idade de uma nova criação advém e substitui a idade antiga. Se tivéssemos somente os evangelhos, nossa reflexão sobre o Cristo seria amputada. Paulo é o primeiro pensador messiânico – foi nisso que ele contribui para fundar a Igreja.

IHU On-Line – Poderia explicar por que a nossa época seria o momento propício para compreender Paulo, e por que ele seria um dos textos maiores para compreender nossa época ?

Alain Gignac – Trata-se novamente de uma intuição (ou mesmo de uma obsessão) de Agamben: alguns momentos da história permitem melhor captar e atualizar as potencialidades de um texto. Nossa época seria a primeira a poder realmente captar a complexidade decisiva do pensamento paulino. Ora, isto é ou pretensioso ou milenarista. Acredito mais que o sentido de um texto, ou seja, sua orientação, está sujeito ao longo das idades e em função das épocas, a interpretações múltiplas, ou mesmo infinitas. Estas interpretações se acumulam e valorizam sem cessar as potencialidades de um texto do qual não se tinha tomado consciência até então. Cada geração pode então reler Paulo com proveito – e, de fato, releu-se Paulo há 20 séculos. Por que não a nossa geração? Mas não temos o monopólio da interpretação correta de Paulo!

As cartas de Paulo constituem um grande texto? Neste aspecto, desconfio de mim mesmo, pois um crente acha o texto bíblico... inspirador. As cartas de Paulo possuem um poder intrínseco, ou se veem investidas pelo leitor deste poder? Tudo é a ambivalência da noção de “clássico”: isto supõe uma seleção que, ao mesmo tempo, se impõe a nós e continua apesar de tudo arbitrária. Um clássico (o que se lê em *classe*... como leitura escolar obrigatória) será uma fonte, se o abrirmos.

Um livro que não se lê, tenha ele tido o maior poder de subversão do mundo, continuará morto, à espera de ser atualizado.

Cartas que nos forcem a refletir

As cartas de Paulo, enquanto forem lidas (pois podem cessar de serem lidas: o que é um clássico pode cair em abandono), saberão nos sacudir, nos confrontar, nos forçar a refletir. A história da interpretação antes de nós mostra isso amplamente. Não há momento propício para ler Paulo, mas, ao contrário, a leitura de Paulo pode criar um momento propício, o momento capaz de criar o novo. Por quê? Essencialmente por três razões – provavelmente interligadas. Primeiramente, a temporalidade paulina é construída sobre o modo do *kairos* que surge e vem interromper o *chronos* (cronologia): Bultmann²⁷ o salientou bem (e, paradoxalmente, cada um a sua maneira, Badiou e Agamben). O “agora” e o “doravante” são muito fortes em Paulo e colocam constantemente o leitor diante da urgência de uma decisão. (Mais uma vez, pode-se reler Romanos 3, 21-26, que começa por um sonoro “mas agora”.) Em segundo lugar, há um poder, uma veemência em Paulo – mas sou talvez influenciado pelo meu *status* de crente, para quem se trata de um texto canônico de referência. A poesia, a retórica, a implicação impetuosa de uma personalidade excepcional: parece-me que o texto paulino possui uma grande eficácia performativa. Em terceiro lugar, as cartas paulinas – e é provavelmente a razão pela qual os cristãos as conservaram – mantêm a marca da experiência da ressurreição.

IHU On-Line – Qual é seu parecer sobre a acusação de Nietzsche a Paulo de que ele deturpou o ensinamento de Cristo?

²⁷ Rudolf Karl Bultmann (1884-1976): teólogo luterano alemão nascido em Wiefelstede, Oldenburg, que propôs uma interpretação do Novo Testamento da Bíblia apoiada em conceitos de uma filosofia existencialista. Iniciou como professor sobre sua especialidade, o Novo Testamento (1916), em Breslau, Giessen e Marburg. Nessa cidade, tomou contato com Martin Heidegger e a filosofia existencialista, que influenciou seu pensamento posterior. Morreu em Marburg, então Alemanha Ocidental. Seu primeiro livro foi *Jesus* (1926) e sua mais famosa obra foi *Das Evangelium des Johannes* (1941). Na edição 114, de 06-09-2004, publicamos na editoria Teologia Pública um debate sobre a obra *Teologia do Novo Testamento*, com a participação de Nélío Schneider e Johan Konings. (Nota da **IHU On-Line**)

Alain Gignac – Não sou um especialista em Nietzsche, mas, à maneira do filósofo alemão, permitam-me jogar com as palavras. De sua parte, não se trata de uma maledicência (fundamentada), mas de uma calúnia (inventada). Nietzsche dissocia Jesus e Paulo para opô-los e para atacar o apóstolo se servindo de um Jesus que lhe convém. Nietzsche fabrica uma imagem de Jesus para, em seguida, provar sua tese segundo a qual Paulo inventou uma forma religiosa aberrante, o cristianismo, que toma o exato contrapé do ensinamento do fundador, do qual Paulo se proclama, no máximo da desonestidade, o mensageiro. Sobre isso, duas coisas. De um lado, para o apóstolo, Jesus não é uma mensagem, um ensinamento, um conjunto de valores mais ou menos humanistas, mas uma experiência (isto, Badiou entendeu melhor do que Nietzsche). Nós nos lembraríamos da personalidade e da sabedoria de Jesus, se os primeiros cristãos não tivessem feito a experiência de um encontro libertador do Vivo? Por outro lado, Nietzsche não soube ver que as cartas de Paulo são o eco do ensinamento Jesus de Nazaré – mesmo se este é citado somente em caso raro (e, nestes casos raros, jamais de maneira muito clara, inclusive). O amor fraterno, a doçura, o ideal de perfeição evangélica que impulsiona o humano para o alto sem esmagá-lo sob uma moral do dever – tudo isto é muito presente em suas cartas.

IHU On-Line – Nessa perspectiva, qual sua posição sobre a pretensa teologia do ressentimento que Paulo teria fundado?

Alain Gignac – Para responder corretamente sua questão, ser-me-ia necessário reler Nietzsche. Pelo que sei, esta imagem forte do *ressentimento* classifica o cristianismo como uma religião de ódio. Desconhecendo o ensinamento de Jesus, os cristãos teriam desejado vingar não somente a sua morte, mas também a sua própria exclusão (diante dos Judeus, do Império etc.) Eles não teriam compreendido as motivações que animavam Jesus na aceitação de seu destino. As consequências deste ressentimento teriam sido a exaltação da pequenez e a fuga do mundo.

Parece-me que Nietzsche erra totalmente o seu alvo. Não reconheço Paulo na caricatura que

ele faz. Além disso, ele ataca Paulo ou o cristianismo de seu tempo? Na minha leitura, Paulo não é nem raivoso nem animado pela vingança. Como Jesus, ele está ao lado dos excluídos e dos fracos (o que não agrada Nietzsche). Paulo não foge para um outro mundo: ao contrário, este mundo de Deus já é vivido. A ressurreição não é para amanhã, ela está hoje no centro de nossa existência.

Entretanto, o filósofo alemão apontou um ponto extremamente importante: “São Paulo desloca simplesmente o centro da gravidade de toda a existência, por de trás desta existência – na ‘mentira’ de Jesus ‘ressuscitado’” (*O anticristo*, § 42). A ressurreição está bem no centro da cristologia de Paulo – mas não se trata de uma fuga da vida presente, mas de sua transfiguração do interior! Se ele contesta tão fortemente Paulo, é porque o leu atentamente. E quem sabe por que vê nele um rival? Em Paulo, tudo passa pelo prisma da morte/ ressurreição – a cruz, por assim dizer. Então, tudo está “desfigurado”. Mais uma vez, jogando com as palavras, Paulo não tem necessidade de desfigurar o ensinamento de Jesus. O Cristo que ele propõe está desfigurado, uma vez que ele passou pela cruz – como ele lembra rudemente em Gálatas (3,1).

IHU On-Line – Essas críticas poderiam ser compreendidas como uma forma de apreendermos o cristianismo em sua versão mais primordial, sem a interferência paulina?

Alain Gignac – Sim, há uma interferência “paulina” entre nós e Jesus de Nazaré, e mesmo entre nós e a experiência pascal fundadora, mas ela é inevitável. Nós conhecemos Jesus somente através do testemunho situado e orientado dos primeiros cristãos – como Paulo. Neste sentido, creio que não há forma mais primordial do cristianismo que aquela que nos transmite, em sua diversidade plural, o Novo Testamento. A busca histórica pode tentar reconstruir, fora dos textos, o Jesus histórico ou a vivência dos primeiros cristãos em Jerusalém ou na Galiléia, mas isso continua sendo uma construção hipotética... e muito (demais) seguidamente sujeita ao “imaginário” do historiador (ou do filósofo). Paulo está também no princípio do cristianismo! Ele se torna cristão no máximo cinco anos após a morte de Jesus. Seria mais justo, ao invés

de buscar como uma miragem uma versão “primordial” de um cristianismo puro e não deformado, valorizar o pluralismo dos cristianismos durante o século I – ou seja, a diversidade das correntes na Igreja primitiva. Pode-se criticar Paulo – a Carta de Jacó não se priva disso! – mas não se pode acusá-lo de deformar o cristianismo, de desfigurá-lo. A identidade cristã passa pela Páscoa.

Formulado de outra forma: o cristianismo não está fundado em Jesus, mas no Cristo – ou seja, uma interpretação pascal da vida e da morte de Jesus. Podem-se ver outras interpretações da experiência pascal, paralelas à de Paulo, que nos agradam mais, mas não há cristianismo primordial – somente figuras do Cristo concorrentes e finalmente contemporâneas à da desenvolvida por Paulo.

IHU On-Line – Como compreender que a morte na cruz, então a mais ignominiosa que se podia conceber, foi interpretada por Paulo como uma morte gloriosa, sublime, e assim difundida, segundo critica Nietzsche?

Alain Gignac – Paulo não fala da cruz gloriosa. Ao contrário, ele insiste sobre o escândalo da imagem desfigurada do Cristo. A proclamação messiânica de um messias crucificado é uma loucura. Sobre este assunto, é preciso reler os quatro primeiros capítulos da Primeira Carta aos Coríntios (que Nietzsche cita inclusive três vezes em *O anti-cristo*, §45: O filósofo, do âmbito da sabedoria humana, é verdadeiramente escandalizado por esta loucura que está no seio da predicação paulina). Paulo é consciente de que se trata de uma morte vergonhosa, mas ele está longe de dizer que se trata de uma morte gloriosa. Paulo não exclui o sofrimento nem o escândalo da morte. Sua retórica não visa à sublimação, mas marca fortemente o paradoxo. A argumentação repousa então sobre

uma premissa: todo o mundo está de acordo que a cruz é uma aberração, uma derrota, ou até mesmo o sinal de uma maldição divina (como lembra Paulo em Ga 3, 10). Todavia, foi Deus quem ressuscitou este messias, o Cristo (Rm 1, 3-4). Em 1Co 1-4, Paulo não fala imediatamente de ressurreição. Será preciso esperar o Capítulo quinze para que ele o faça (1Co 15). Para ele, morte e ressurreição estão ligadas (Rm 6, 1-5): a cruz fica sem sentido sem a ressurreição, mas esta torna-se triunfal e desconecta da realidade se esquecermos a cruz. Os cristãos têm dificuldade de manter o equilíbrio: a cruz pode ser exaltada e tender ao masoquismo (e, este ponto, Nietzsche tem sem dúvida razão, em sua suspeita extrema), e a ressurreição pode tender ao apologético (“olhai como a mensagem do evangelho é forte e sublime...”).

Mais uma vez, Nietzsche é um leitor perspicaz. Ele tem razão em salientar a insistência de Paulo sobre a cruz e ele tem o direito, em nome de sua lógica, de rejeitar a linguagem paulina. Mas ele está errado em chamar Paulo de desonesto, ou até mesmo de manipulador. Ao contrário, Paulo é honesto e consciente do escândalo de sua predicação. Se o apóstolo não pode fazer de outro modo, é porque seu discurso repousa sobre a experiência da ressurreição: a despeito do triunfo da morte, a vida o levou. Ao próprio lugar onde a força do pecado pareceu levá-lo, a justiça de Deus triunfou (Rm 8, 1-4). Para além das aparências, Paulo não tem escolha, uma vez que se trata de dar conta de sua experiência, de atestar e de testemunhar, e não de provar. Isto também Badiou compreendeu bem, melhor do que Nietzsche. O que distinguirá sempre o filósofo do apóstolo é justamente esta experiência. A ressurreição não é justamente uma dedução, um raciocínio, mas um encontro que se impõe a um sujeito que crê.

A crise do cristianismo e da modernidade

Entrevistas com Rémi Brague

Rémi Brague leciona na Universidade Paris I, Sorbonne, na França. É autor de **Europe, la voie romaine** (Paris: Critérion, 1992), **A sabedoria do mundo** (Lisboa: Edições Piaget, 2002) e **La Loi de Dieu. Histoire philosophique d'une alliance** (Paris: Gallimard, 2005).

Rémi Brague concedeu duas entrevistas à **IHU On-Line**, sobre Paulo de Tarso. Na primeira, sob o título “A crise do cristianismo e da modernidade”, publicada na edição 175, de 10 de abril de 2006, Brague defende que “vários dos grandes slogans do projeto moderno vêm de São Paulo”. Em sua opinião, “o papel do cristianismo e dos cristãos nos próximos anos é simplesmente fazer de modo que haja próximos anos. O que será seu conteúdo é preciso deixá-lo à liberdade daqueles que nos sucederão – supondo, bem entendido, que eles existam!”.

Na segunda entrevista, sob o título “Antecipando os slogans da modernidade”, que concedeu a Márcia Junges, da equipe de Comunicação da **IHU On-Line**, publicada na edição 286, de 22 de dezembro de 2008, Rémi Brague sustenta que os termos ‘Emancipação’ e ‘autonomia’ são alguns dos slogans que a modernidade herdou de Paulo de Tarso.

Sobre a acusação de que o apóstolo teria corrompido a mensagem de Jesus, Brague argumenta que esta é uma invenção recente “tomada dos judeus cristãos dos inícios da era cristã. Encontra-se esta ideia, por exemplo, em Nietzsche, que a havia tomado de certas correntes da exegese protestante de seu tempo”. Para ele, “não há nenhuma ‘mensagem de Jesus’ que Paulo teria deformado. Falar assim é ainda situar-se do ponto de vista muçulmano. Jesus não traz uma ‘mensagem’, ele

traz sua própria pessoa divina e humana”. Brague fala, ainda, sobre “uma Europa doente”, que não renova suas gerações e denota uma crise mais fundamental, que é a do ódio à vida. “A humanidade está a ponto de realizar o sonho da filosofia moderna: fundamentar tudo sobre a liberdade. Concretamente, a busca da experiência humana, a continuação da vida humana sobre a Terra, depende cada vez mais da vontade do homem”. Para ele, é incorreto falar em valores cristãos, pois valores são mutáveis e circunscritos, e o cristianismo propõe mandamentos que são bons para todos os homens, de forma universal.

IHU On-Line – Que características poderia assinalar na recepção que São Paulo teve no Ocidente e no Oriente? A que se devem estas diferenças?

Rémi Brague – Habitualmente, “Oriente” pode querer dizer três coisas: (a) o Extremo-Oriente, por oposição ao espaço coberto pelo cristianismo e pelo islamismo; (b) o Islã, por oposição à cristandade, e (c) o cristianismo grego, ortodoxo, por oposição ao cristianismo latino, católico. Em sua questão, eu suponho que queira falar do que distingue o cristianismo do Islã.

Ora, a figura de São Paulo é interessante porque ela não é recebida no Islã. Como se sabe, o Alcorão contém o nome das principais figuras da Bíblia, de Adão a Jesus, passando por Noé, Abraão, Moisés e outros. No islamismo posterior, certos místicos deram a Jesus um papel importante de intercessor. Por sua vez, o Islã percebeu muito rapidamente que sua mensagem era incompatível com aquela do Antigo e do Novo Testamento. Ele supõe, com efeito, que o conteúdo da Antiga e da

Nova Aliança deve ser, não como na primeira, uma história da salvação, ou, como na segunda, uma pessoa, a qual, aliás, concentra esta história em si, mas antes um livro análogo ao Alcorão. Ele supôs, então, que o texto da revelação feita a Moisés (a Tora) e a Jesus (o Evangelho – no singular) havia sido negociado por aqueles a quem ele havia sido confiado, os judeus para a Tora, os cristãos para o Evangelho. E é aqui que vamos encontrar Paulo, mas, desta vez, no papel de “traidor”.

Paulo, traidor?

Para certos autores muçulmanos, com efeito, é Paulo quem teria corrompido a mensagem confiada a Jesus. Esta ideia trai, talvez, uma influência sobre o Islã nascendo de certos meios judaico-cristãos. Em todo o caso, ela existe até nossos dias, por exemplo, em algumas passagens alucinantes do tratado, no entanto pretendidamente “moderno”, de teologia islâmica de H. Boubakeur²⁸ (Paris, 1985).

IHU On-Line – Que relações diretas poderia haver entre cristianismo e modernidade e qual seria o lugar do pensamento paulino nessas relações?

Rémi Brague – É preciso distinguir entre a época moderna como período da história e o projeto moderno. A época moderna trouxe bens consideráveis. Ela realizou a unidade do mundo com as grandes descobertas. Ela aumentou os nossos conhecimentos em todos os domínios do saber. Ela permitiu a passagem dos regimes políticos de autoridade a formas em que a soberania vem do povo.

O que eu chamo aqui de projeto moderno consiste em querer se destacar do passado histórico (nomeado, para a ocasião, de Idade Média), e,

depois, de todo o condicionamento natural, tomando o controle da natureza, enfim, de toda relação com uma transcendência, rejeitando Deus.

Curiosamente, vários dos grandes *slogans* do projeto moderno vêm de São Paulo. Em primeiro lugar, a ideia segundo a qual a humanidade chegou à idade adulta e deve, então, se emancipar do que a guiava até então, de seus “preceptores” (Gálatas, 3, 25; 4, 2-3); em seguida, a ideia de uma autonomia do homem (Romanos, 2, 14); enfim, a ideia de uma tensão constante para o futuro (*epektasis*) que obriga a esquecer o passado (Filipenses, 3, 13), na qual se pode reconhecer uma prefiguração da ideia de progresso.

Universalidade: anunciar ao mundo inteiro

Além disso, além das doutrinas de São Paulo, há sua atitude fundamental, que consiste em anunciar a mensagem ao mundo inteiro. A modernidade retomou este programa sob a forma da propaganda. As Luzes radicais, rompendo com a tradição elitista dos filósofos antigos, supõem que é sempre bom dizer toda a verdade a todo o mundo. A missão cristã devia anunciar a boa nova da Ressurreição do Cristo e da remissão dos pecados. Ela se tornou o dever de vulgarizar a ciência; a tarefa de propagar a fé se tornou a propaganda. De onde a palavra de Diderot²⁹: “Apressemos-nos em tornar a filosofia popular”. As outras palavras-chave de Paulo foram também retomadas pelo projeto moderno, mas, uma vez cortadas de sua origem, elas só podem se perverter.

IHU On-Line – De que modo os valores paulinos de liberdade e universalidade foram sendo apropriados pela modernidade?

Rémi Brague – Esta apropriação se fez de maneira perversa. E o primeiro passo consiste, talvez,

²⁸ Hamza Boubakeur: um dos maiores teólogos islâmicos do século XX. Publicou o livro *Traite Moderne De Theologie Islamique*, em 2003. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁹ Denis Diderot (1713-1784): filósofo e escritor francês. A primeira peça importante da sua carreira literária é *Lettres sur les aveugles à l'usage de ceux qui voient*, em que resume a evolução do seu pensamento desde o deísmo até ao cepticismo e o materialismo ateu, o que o leva à prisão. Mas a obra da sua vida é a edição da *Encyclopédie* (1750-1772), que leva a cabo com empenho e entusiasmo apesar de alguma oposição da Igreja Católica e dos poderes estabelecidos. (Nota da **IHU On-Line**)

em considerar a liberdade e a universalidade como “valores”. Para Paulo, elas não são valores, e sim *atos*. Mais precisamente, o resultado de uma ação de Deus. É Deus que liberta seu povo. Ele o fizera uma primeira vez, libertando Israel do Egito, da escravidão. É, aliás, assim que o Deus bíblico se faz conhecer como aquele que ele é, quando ele se apresenta, no início do Decálogo (Êxodo, 20). Para Paulo, há uma segunda libertação, definitiva esta, que se cumpriu no Cristo: “o Cristo nos livrou para a liberdade” (Gálatas, 5, 1). O que nós chamamos de universalidade é o fato de que Deus, Criador de todas as coisas e de todos os homens, não faz diferença entre homem e mulher, patrão e escravo, judeu e não-judeu (Paulo diz: “grego”) (Gálatas, 3, 28). É o que Paulo chama de o mistério do desígnio divino, de englobar também os não-judeus em seu plano de salvação.

A autonomia consiste, para Paulo, em que o homem é capaz de *descobrir* por si mesmo, se ele escutar sua consciência que é nele a voz de Deus, o que é bom para ele. Isso não quer dizer que o homem pudesse decretar ele mesmo o que é o Bem ou o Mal e se imaginar “criar” os “valores”. Isso também não quer dizer que o homem seria capaz, por suas próprias forças, de *fazer* o que é bom para ele. Ao contrário, a constatação da qual parte Paulo é, antes, que nós podemos muito bem *saber* o que nós deveríamos fazer, mas que nós não *chegamos* totalmente sós a fazê-lo (Romanos, 7, 15-21). Por certo, Paulo é a fonte última da fórmula que tanto chocou em Dostoiévski³⁰: “Tudo é permitido”. Mas ele acrescenta: “mas nem tudo é construtivo” (1 Coríntios, 6, 12). Isso quer dizer: o bem não é bem porque ele é exigido, o mal não é mal porque ele é interdito. É o contrário: Deus exige o bem porque o mesmo constrói o homem: ele interdita o mal porque o mesmo destrói o homem. Deus nada mais quer do que o bem do homem, porque Ele o ama. E, da mesma forma, quando nós “obedecemos” ao que Ele “exige”, o que nós fazemos, em realidade, é per-

mitir ao amor de Deus, que quer nosso bem, de obter seu resultado.

IHU On-Line – Com a crise da modernidade, entra em crise o cristianismo? Qual é e pode ser seu papel nos próximos anos?

Rémi Brague – Eu aprecio que você comece sublinhando o fato de que a modernidade está também ela em crise. Não seria correto imaginar que o cristianismo estaria enfermo no meio de um mundo em plena saúde. Eu me pergunto, por vezes, se, em longo prazo, não seria o inverso. O mundo moderno é uma experiência, um arriscar, uma aventura. É na Europa que a experiência foi tentada pela primeira vez, e é lá que ela foi impelida para mais longe. Ora, estranhamente, a modernidade jamais concebeu que a experiência pudesse fracassar. Ela ainda acreditava numa espécie de providência secularizada.

É preciso ter a coragem de colocar a questão: e se a experiência fracassara? A Europa está doente, e sua doença corre alto risco de ser mortal. Nós temos um sinal do qual quase ninguém fala, mas que, no entanto, é inequívoco: nenhum dos países que a compõem é capaz de renovar sua população. Todos precisam importar de fora. Como os grandes enfermos, a Europa vive sua perfusão. O problema não é a língua ou a “raça” daqueles que chegam. O verdadeiro problema é, ao contrário, o modo de vida daqueles que já estão lá. O modo de vida europeu talvez seja agradável. Ele o é, sem dúvida, para alguns, o mais forte, o mais rico, o mais instruído. Veja nossas jovens elites: elas se agitam, viajam, mudam de parceiro, criam toda espécie de riquezas, mesmo as mais nobres, sociais ou culturais. Mas, sobretudo, nada de filhos, que os pregam no chão, que os ligam a um cônjuge, que lhes custam tempo e dinheiro. Em último caso, compraremos um na Ásia, quando tivermos 50 anos. Este modo de vida tem apenas um inconveniente: ele leva ao desaparecimento os povos que o adotam.

³⁰ Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os demônios* e *Os irmãos Karamázov*. A esse autor a **IHU On-Line** edição 195, de 11-09-2006, dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*. (Nota da **IHU On-Line**)

O papel do cristianismo

Os cristãos vivem no mesmo mundo que os outros. Eles aí encontram os mesmos problemas. Eles procuram resolvê-los por processos técnicos, econômicos, políticos etc., dos quais nem a origem, nem a eficácia são dadas por Deus. Sua fé não os ajuda diretamente a encontrar as boas soluções. Em troca, ela lhes dá uma certeza fundamental: a vida é a criação de um Deus bom; ela é, pois, boa em seu fundo, é bom transmiti-la, é bom defendê-la, é bom expandi-la, procurando justamente encontrar as boas soluções aos nossos problemas. Sem esta convicção, procurar-se-á, pelo menos reduzir as fricções entre os homens que já estão a caminho. Isso já não está mal, mas isso não permite continuar a chamar à vida aqueles que ainda não nasceram.

O cristianismo diz que a vida é boa, porque ela tem um futuro, não se acaba com a morte, e desemboca na alegria eterna em Deus, pois, caso contrário, por que chamar um ente à vida, se isso é também condená-lo à morte, se “a vida é um negócio que não cobre os seus custos” (Schopenhauer³¹)? Um ateu verdadeiramente consequente, que iria até o fim de seu ateísmo, e que seria pai de família, é um criminoso. Então, o papel do cristianismo e dos cristãos nos próximos anos é simplesmente fazer de modo que haja próximos anos. O que será seu conteúdo é preciso deixá-lo à liberdade da-

queles que nos sucederão – supondo, bem entendido, que eles existam!

IHU On-Line – De que modo a filosofia procurou ou procura uma síntese entre cristianismo e modernidade? Seria Levinas quem melhor conseguiu fazer essa leitura?

Rémi Brague – Eu estou um pouco surpreso ao ver a influência de Levinas³² sobre os cristãos de hoje. E mais ainda ao ver que ela é bem menor com os judeus. Levinas não é delicado com o cristianismo. Ele pensava ser um filósofo puro e, enquanto tal, ele disse coisas muito profundas. Mas são os cristãos tão pobres em pensamento que eles devam tomar emprestado de outro lugar? Teriam eles esgotado Agostinho, Tomás de Aquino,³³ João da Cruz,³⁴ Pascal,³⁵ Newman³⁶ etc.?

Dito isso, o problema é verdadeiramente o de realizar a síntese entre cristianismo e modernidade? Pôr o problema desta maneira supõe que os dois são exteriores um ao outro. Ora, o cristianismo é também um fator decisivo de modernização. Eu falei mais acima dos benefícios trazidos pelos Tempos Modernos. Ora, esses bens vieram em grande parte da herança bíblica, judaica e cristã; e eles foram realizados concretamente com mais frequência por cristãos. Eu já falei da universalidade. As grandes descobertas são resultados de cristãos, e ademais de católicos, da América do Sul às Filipinas. A ciência matemati-

³¹ Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Schopenhauer ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da **IHU On-Line**)

³² Emmanuel Lévinas: filósofo e comentador talmúdico, nasceu em 1906, na Lituânia e faleceu em 1995, na França. Desde 1930, era naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger cuja obra *Ser e tempo*, de 1927, o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza o pensamento de Levinas. Ele é autor *Totalité et infini. Essai sur l’extériorité*, livro que o consagrou e que foi traduzido para o português com o título *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). No Brasil, foram publicados, de Lévinas, entre outros livros, *Quatro leituras talmúdicas* (São Paulo: Perspectiva, 2003) e *De Deus que vem a idéia* (Rio de Janeiro: Vozes, 2002). Sobre o filósofo, conferir a edição número 277 da **IHU On-Line**, de 14-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*. (Nota da **IHU On-Line**)

³³ Tomás de Aquino (1227-1274): frade dominicano e teólogo. Um de seus maiores méritos foi introduzir o aristotelismo na escolástica anterior. A partir de São Tomás, a Igreja tem uma teologia (fundada na revelação) e uma filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão. Nascido numa família nobre, estudou filosofia em Nápoles e depois foi para Paris, onde se dedicou ao ensino e ao estudo de questões filosóficas e teológicas. Sua obra mais famosa e importante é a *Suma Teológica*. (Nota da **IHU On-Line**)

³⁴ João da Cruz (1542-1591): doutor em teologia mística e fundador das Carmelitas Descalças (com Santa Teresa de Ávila). (Nota da **IHU On-Line**)

³⁵ Blaise Pascal (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês de curta existência, que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores. (Nota da **IHU On-Line**)

³⁶ John Henry Newman (1801-1890): ministro anglicano inglês, convertido ao catolicismo foi posteriormente nomeado cardeal. (Nota da **IHU On-Line**)

zada da natureza foi tornada possível pela desmitificação da natureza, realizada pelos profetas do Antigo Testamento.

Democracia e Evangelho

O que distingue nossas democracias modernas da democracia grega, que era, de fato, um clube de machos possuindo escravos, é a ideia da igual dignidade de todo ser humano. É a ideia do valor divino da consciência de cada homem, no sentido do provérbio: *vox populi, vox Dei*. Por causa disso, o filósofo francês H. Bergson³⁷ (em 1941), que também era judeu, escrevia: “a democracia é de essência evangélica”. Quanto ao que chamei de projeto moderno, o de um humanismo ateu, ele é incompatível com o cristianismo. Mas é preciso ver o que o cristianismo lhe incrimina. Não é o fato de se opor a ele. Da mesma forma como Deus não procura seu próprio interesse, o cristianismo não é seu próprio fim. O que ele incrimina ao projeto moderno é de ele destruir em longo prazo a humanidade do ser humano, ou seja, de destruir o homem. É de privar o homem do que o torna humano, ou mesmo privá-lo simplesmente da vida.

IHU On-Line – Quais são as derivações do pensamento paulino que mais poderiam nos interessar no cenário político atual?

Rémi Brague – O ensinamento de Paulo em matéria política é bastante simples. Ele permanece, de fato, atual: é preciso que a sociedade seja organizada e que aqueles que necessitam ser protegidos, o sejam; o poder do Estado é, pois, em si, um bem. Mas ele não está acima das regras morais. As

guerras atuais, sejam elas ruidosas como no Iraque, no Afeganistão, ou silenciosas como no Sudão, nas Filipinas etc., realmente opõem o Oriente e o Ocidente? Quando Samuel Huntington³⁸ falou de um *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*,³⁹ interpretou-se a palavra choque significando, não um embate repentino e direto, porém um conflito. E a gente se apressou em lhe negar a realidade. Há algo de verdadeiro nesta atitude prudente. É preciso também pôr um certo número de questões ao Ocidente: sua influência, seu poder, não podem eles ser percebidos pelos povos que lhe são exteriores como uma agressão, por vezes discreta, mas sempre pesada? E o modelo que vocês propõem ao resto do mundo é atrativo? É capaz de fazer viver?

O mundo islâmico

Mas há também questões a ser postas ao Islã. E, em primeiro lugar: a paz, como também a guerra, é um jogo que se joga a dois. Ora, segundo a dogmática islâmica tradicional, o mundo está dividido em dois “domínios”, o “domínio da paz”, na qual o Islã está no poder, e o “domínio da guerra”, onde ele ainda não o está. O que se chama de “Ocidente” faz parte deste domínio, como também a China, as Índias etc. É assim que os “islamitas” veem o mundo ainda hoje em dia. Se os muçulmanos rejeitarem claramente esta maneira de ver, a paz será possível. Se não, mesmo se o Ocidente fosse um dia perfeito (pode-se sonhar), o Islã permaneceria em guerra com ele.

IHU On-Line – Qual deve ser o lugar da Europa no cenário contemporâneo? E, nela,

³⁷ Henri Bergson (1859-1941): filósofo e escritor francês. A sua filosofia está em estreita relação com o positivismo do século XIX e com o espiritualismo francês, com os quais tenta elaborar uma original simbiose. Definitivamente, o que busca é uma superação do positivismo. Num clima positivista, de aparecimento da crítica científica, de polêmica espiritualista, de neokantismo, tudo isso condicionado pelo auge da ciência, Bergson aborda o problema da relação sistemática do conhecimento científico e a metafísica. Conhecido principalmente por *Matière et mémoire* e *L'évolution créatrice*, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas, como cinema, literatura, neuropsicologia. Sobre esse autor, confira a edição 237 da **IHU On-Line**, de 24-09-2007, *A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois*. (Nota da **IHU On-Line**)

³⁸ Samuel Phillips Huntington (1927): cientista político, conhecido pela análise do relacionamento entre os militares e o governo civil, além da tese de que os atores políticos centrais do século XXI serão as civilizações, ao invés dos estados-nação. (Nota da **IHU On-Line**)

³⁹ *The clash of civilizations and the remaking of world order*. New York: Simon & Schuster, 1996. (Nota da **IHU On-Line**)

que papel deveria desempenhar o cristianismo? Quais as mudanças pelas quais ambos devem passar?

Rémi Brague – Vocês sabem que eu escrevi, faz mais de dez anos, um livro que se chama *Euro-poa, la via romana* (Madrid: Gredos, 1995), no qual eu procuro caracterizar a essência da cultura europeia como fonte da civilização ocidental. Eu apresento um certo número de conceitos que ajudam a pensar sua singularidade, para não dizer sua bizarrice. Eu não falei do que agora se chama com certa facilidade de União Européia. A Europa como cultura nada pode fazer, ela não é um sujeito político. A União Européia, esta sim, poderia fazer alguma coisa. Ainda seria preciso que ela o quisesse e que ela se desse os meios de exercer uma influência. Esta é uma questão para os políticos, e, portanto, fora da minha competência. Eu me pergunto, aliás, se a primeira questão a colocar é realmente o que a Europa deve fazer. Antes de “fazer” o que quer que seja, seria preciso desde já que a Europa queira ser ela mesma. E é aí que a Europa como cultura pode exercer uma função. E é também aí que o cristianismo tem algo a dizer. No meu livro, eu procuro mostrar que não é um dos conteúdos da cultura europeia que se poderia opor a outros elementos (pagão, celta, germânico etc.). Para mim, o cristianismo é, antes, a *forma* desta. Esta forma marca a maneira muito particular pela qual a Europa se relaciona com o que lhe é anterior (a Antiguidade greco-latina), mas também com o que lhe é exterior (as outras civilizações), que tem algo a lhe ensinar. É o que eu chamo de a “secundariedade”: a Europa sente que ela vem *após* a Grécia e *após* Israel, que são seus verdadeiros fundamentos.

Reencontrar a “via romana”

O que eu almejo dos europeus? Que eles deixem de ser surdos. Os três principais “outros”, sobretudo neste momento, têm cada um algo a lhe dizer. Os Estados Unidos lhe dizem: “Não creiais que vós não tendes inimigos”; a China lhes diz:

“Não creiais que vós haveis de viver sem trabalhar”; o Islã lhes diz: “Não creiais que vós continuareis a existir, se vós não tendes filhos”. Os europeus lhes respondem com muita frequência: “Vós sois uns, cowboys, os outros, formigas, os outros, fanáticos; nós temos razão, somos os mais belos, os mais gentis, não temos nada a aprender de vós, portanto, calai-vos!”. Romper com esta atitude imbecil seria reencontrar o que eu chamo de a “via romana”.

De seu lado, os cristãos devem tornar-se melhores, isto é, mais caridosos, mas também mais inteligentes. Esta é uma tarefa que, aliás, nada tem de novo: ela é velha de dois mil anos. Ela quer dizer: tornar-se mais cristão, compreender melhor no que implica a fé em Cristo, apropriar-se melhor de seu próprio cristianismo. Além disso, não me parece que o cristianismo como tal tenha que mudar, pois o que se chama de o cristianismo não é uma doutrina, uma “mensagem” ou como se quiser dizê-lo. Ele é uma pessoa, infinita, inesgotável.

Antecipando os slogans da modernidade

IHU On-Line – Em outra entrevista à nossa publicação, o senhor afirma que vários dos grandes slogans do projeto moderno vêm de Paulo. Que slogans seriam esses?

Rémi Brague – Eu pensava na ideia segundo a qual a humanidade, chegada à idade adulta, já não necessitaria mais de preceptores (Gl 3, 25; 4, 2-3). Tal concepção está na base da ideia moderna de emancipação. Eu também penso na ideia de autonomia, no sentido etimológico do termo: ser sua própria lei, obedecendo à própria consciência (Rm 2, 14). Penso, enfim, na imagem de um esquecimento do passado compensado por uma tensão de todo ser para frente (Fl 3, 13). Chesterton⁴⁰ dizia que os tempos modernos estavam infestados de “virtudes cristãs tornadas loucas”. Temos algo de análogo com essas ideias paulinas.

IHU On-Line – Alguns autores muçulmanos acusam Paulo de ter corrompido a mensa-

⁴⁰ Gilbert Keith Chesterton (1874-1936): escritor britânico, crítico e autor de versos, ensaios, novelas e histórias. (Nota da **IHU On-Line**)

gem de Jesus. Qual é a base desta afirmação e o que o senhor pensa a respeito?

Rémi Brague – O problema do islã é que seu livro fundamental, o Corão, contém afirmações que não estão na Bíblia. O Antigo e Novo Testamentos confundidos até contradizem a Bíblia. O islã resolve essa questão dizendo que a Bíblia foi corrompida. Moisés teria recebido a Tora, e Jesus, o Evangelho (no singular!). O conteúdo destes livros seria, em grandes linhas, o mesmo do Corão, e anunciaria a vinda de Maomé. Mas a Tora e o Evangelho teriam, em seguida, sido traficados. Por quem? O Corão diz que os judeus tomam Uzayr pelo filho de Deus (IX, 30). Às vezes, se entendeu este nome obscuro como designando Esdras, pretendo corruptor da Tora. Tornar Paulo responsável por uma corrupção da mensagem de Jesus é uma invenção bastante recente, tomada dos judeus cristãos dos inícios da era cristã e dos quais alguns grupos teriam talvez durado até a conquista árabe no século VII. Encontra-se esta ideia, por exemplo, em Nietzsche, que a havia tomado de certas correntes da exegese protestante de seu tempo. Os muçulmanos assumem certas hipóteses da ciência bíblica cristã para criticar o cristianismo, de onde provém esta ideia sobre Paulo.

Não há nenhuma “mensagem de Jesus” que Paulo teria deformado. Falar, assim, é ainda situar-se do ponto de vista muçulmano. Jesus não traz uma “mensagem”, mas sim sua própria pessoa divina e humana. Ele é uma pessoa que fala, certamente, e diz coisas extraordinárias, além de curar os doentes e nutrir as multidões. E, sobretudo, realiza tudo como se fosse o próprio Deus que estaria em seu lugar: perdoar os pecados, expulsar os demônios etc. Trata-se de um evento que foi perturbador para os Doze e que derrubou Paulo no caminho de Damasco. Paulo difundiu sobre o evento da vida de Jesus uma interpretação determinada, que ele recebera dos Doze. Ele só transmite o que recebeu (1 Cr 11, 23-26).

IHU On-Line – O senhor afirma que a Europa está doente e que há uma crise de valores em curso. Que tipo de cristianismo emerge deste cenário?

Rémi Brague – Que a Europa esteja doente parece-me claro. Um continente inteiro que não renova suas gerações não pode estar em boa saúde. Mas eu espero não ter jamais falado de “valores”. Se há crise, não se trata de uma crise dos pretendidos “valores”. Falar de “valores” já é fomentar a crise. Com efeito, um valor é aquilo que eu decido que isto está bem. Por isso, posso mudar de valores a meu bel-prazer, como se penduram lampiões e depois se retiram para substituí-los por outros. Se sou eu que decido que tal ou tal bem tem um valor, eu também posso recusar-lhe de ter valor, se isso me serve.

E que, sobretudo não se fale de “valores cristãos”, como demasiados cristãos adquiriram o hábito de fazer. Como se houvesse valores cristãos, budistas, islâmicos ou mesmo leigos. O cristianismo não defende nenhum bem que só seria bom para ele. Os dez mandamentos e a caridade são bons, para todos os homens, sem exceção.

A crise mais fundamental é o ódio da vida. A humanidade está a ponto de realizar o sonho da filosofia moderna: fundamentar tudo sobre a liberdade. Concretamente, a busca da experiência humana, a continuação da vida humana sobre a Terra, depende cada vez mais da vontade do homem. Mas trata-se de perguntar por que precisamente este deveria obrigatoriamente escolher a vida. “Escolher a vida” é um conselho de Deus: “escolhei, pois, a vida, para que tu e tua posteridade vivam” (Deut 30, 19). Isso me pareceu há muito tempo uma evidência, pois, enfim, quem escolheria a morte? Eu me enganava. Somos disso perfeitamente capazes. O cristianismo que teria alguma chance de sair disso seria, talvez, justamente um cristianismo que se vinculasse ao Cristo, e não a “valores”.

IHU On-Line – Pensando na afirmação de Bergson, de que “a democracia é de essência evangélica”, as bases igualitárias propostas por esse sistema político, tal como conhecemos hoje nas sociedades ocidentais, podem ser creditadas a Paulo em função do universalismo que propõe?

Rémi Brague – Sim, a ideia de igualdade de todos os seres humanos, homens ou mulheres, livres

ou escravos, judeus e pagãos diante de Deus é uma ideia de Paulo. Ele retoma sucessivamente os grandes desníveis do mundo antigo, tanto grego como judeu, para recusar-lhes toda outra pertinência além da puramente funcional. A “democracia” grega se fundava na superioridade dos homens sobre as mulheres, dos gregos em relação aos bárbaros, e sobre a exclusão dos escravos da vida pública. O judeu piedoso, de seu lado, agradece a Deus todas as manhãs por não tê-lo feito mulher, escravo ou pagão.

No entanto, é preciso não esquecer que o próprio Paulo se enraíza numa tradição bem mais antiga. O Antigo Testamento é, em todo o caso, o único livro que nos legou a Antiguidade, no qual se encontra uma crítica da instituição monárquica (1 Sm 8, 11-17), e não somente de tal ou tal rei concreto.

Tudo isto se funda na capacidade que se supõe que todo homem possua, de ter acesso direto e imediato a Deus. Sem esta suposição, pode-se perguntar se nossas democracias (que certamente são imperfeitas) não desapareceriam, deslizando irresistivelmente para regimes de castas. Quem estaria no poder? Os engenheiros? Os militares? Os biólogos? Os psicólogos? Os homens da mídia? Isso importaria muito pouco. Em todo o caso, uma elite procuraria imitar, não Deus, seguramente, mas a imagem perversa que faria da divindade: um manipulador, um condutor de marionetes todo-poderoso, um policial infalível, um feiticeiro. Em todo o caso, esse Deus não teria grande coisa a ver com aquele que nos mostra Jesus Cristo.

IHU On-Line – Sob que aspectos o projeto de um humanismo ateu é incompatível com o cristianismo?

Rémi Brague – Não é somente por ser ateu que este projeto seria incompatível com o cristianismo. É também porque ele não é verdadeiramente humanista, mas se volta contra o homem, ou antes, contra os homens concretos. As tentativas de humanismo ateu levaram todos à catástrofe e produziram em alguns anos mais crimes que as religiões em muitos séculos. Todas se atribuíam um mode-

lo do homem (o ariano, o proletário) e quiseram liquidar tudo o que não lhe correspondia. Isso é exigido pela lógica imanente desse projeto. Ou todo homem é objeto do amor e do respeito de Deus, ou certos homens são mais humanos do que outros. Eu não digo: mais belos, mais fortes, mais inteligentes, desigualdades evidentes que só podem fundamentar classificações em vista de diferentes papéis sociais. Eu digo: mais dignos de ser humanos e, então, de serem tratados como tais. Seria, então, preciso conceber-se um modelo do que é ser plenamente humano. E estes homens, mais humanos do que os outros, teriam o direito de dominar àqueles e, no limite, o dever moral de eliminá-los.

Acredita-se, então, verdadeiramente no projeto de um humanismo desse gênero? Ouve-se falar cada vez mais de um “transumanismo”, de uma transformação do homem por meios técnicos e biológicos. Que isso seja tecnicamente possível ou não, que isso seja moralmente aceitável ou não, estes dois problemas não me interessam aqui. Mas que sintoma forte de uma insatisfação de si, e mesmo de um ódio de si!

Além disso, é preciso notar uma virada interessante na crítica que se dirige ao cristianismo. Este é considerado responsável por tudo, mas também pelo contrário de tudo. Há muito tempo lhe foi atribuída a suspeita de rebaixar o homem, de desprezá-lo, de humilhá-lo, de ter dele uma visão “negra”. Basta pensar na crítica de Pascal feita por Voltaire,⁴¹ no final das *Lettres philosophiques*. Acusa-se agora o cristianismo, desde Schopenhauer (que se apoiava, aliás, sobretudo no Antigo Testamento), de privilegiar em demasia o homem em relação aos animais. E agora certos ecologistas o acusam de fazer do homem um tirano que se rebela contra a deusa Terra.

IHU On-Line – O senhor sugere que os cristãos devem tornar-se melhores. Que ética pode sedimentar uma nova prática cristã?

Rémi Brague – Não é que os cristãos são os que devem tornar-se melhores! Todos os homens têm este dever com a maior urgência. E não se trata de

⁴¹ Voltaire (1694-1778): pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o *Dicionário filosófico*, escrito em 1764. (Nota da **IHU On-Line**)

sugeri-lo, é preciso gritá-lo. E gritá-lo em primeiro lugar a si próprio.

Uma ética? O projeto de uma prática autenticamente cristã nos conecta de vez ao domínio da ética. O cristianismo tem esta particularidade entre as religiões: a de não ter trazido nenhuma regra nova. Nenhuma regra moral, bem entendido, pois isso não é de qualquer modo possível. Mas também nenhum sistema social, nenhuma prática de culto, nenhuma prece, nenhum sacrifício, nenhu-

ma peregrinação que fossem determinantes. Tudo isso é deixado à iniciativa de quem crê. As regras morais do cristianismo não são outras senão aquelas elementares que, em todos os tempos, permitiram às sociedades subsistirem. O cristianismo tem, em compensação, um tesouro que ele talvez seja o único a possuir ainda. É a afirmação da bondade do mundo, de um mundo que Deus ama e que Ele quis salvar. As regras morais permitem viver bem. Somente a fé permite crer que é bom viver.

O universalismo paulino

Entrevista com Jean-Claude Eslin

Jean-Claude Eslin leciona no Centre Sèvres e no Instituto Católico de Paris. É membro de redação da revista *Esprit*. Escreveu, entre outros, ***Dieu et le pouvoir. Théologie et politique en Occident*** (Paris: Seuil, 1999), ***La Bible, 2000 ans de lectures*** (Paris: Desclée de Brouwer, 2003) e ***La Cité de Dieu de Saint Augustin*** (Paris: Seuil-Points Sagesses, 3 volumes, 2004).

Na entrevista que concedeu para Márcia Junges, da equipe de Comunicação da **IHU On-Line**, publicada na edição 286, de 22 de dezembro de 2008, o filósofo francês Jean-Claude Eslin defende que Paulo de Tarso antecipa a época contemporânea através do caráter universal de seu pensamento, promovendo uma “circulação nova entre os homens que derruba os obstáculos étnicos”. Ele influenciou, de maneira indiscutível, Agostinho e Lutero, sobretudo no que diz respeito aos conceitos de predestinação e pecado original. Entretanto, esclarece Eslin, “eles o extraíram de seu contexto, caindo em um excesso de lógica (*intellectus fidei*), o que abriu espaço a uma doutrina que se revelou desastrosa e favoreceu o ateísmo”. Ele recomenda, ainda, que não se absolutize Paulo como o fundador oficial do cristianismo, pois já havia inúmeras comunidades cristãs antes dele. “Ele é ‘um’ entre vários.”

IHU On-Line – Qual é o maior legado de Paulo de Tarso à contemporaneidade?

Jean-Claude Eslin – O maior legado de Paulo para a época contemporânea me parece ser a universalidade, em relação às concepções de seu tempo, os judeus e gregos, em relação a todo provincialismo. “Já não há judeu nem grego, nem escravo, nem livre, nem homem, nem mulher, pois

todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gálatas 3,28). Esta sentença impressiona os filósofos, apesar do caráter à primeira vista utópico da afirmação. Paulo antecipa a modernidade que nós gostaríamos de ter: uma circulação nova entre os homens que derruba os obstáculos étnicos. Da mesma forma, nos impressiona o distanciamento que ele toma em relação à Lei de Moisés, pelo melhor (universalização) e pelo pior (risco de anomia).

IHU On-Line – Que aspectos políticos e religiosos atuais podem ser apontados como diretamente tributários do paulinismo?

Jean-Claude Eslin – Primeiramente, menciono a criação de pequenas comunidades, “igrejas”, assembleias no Império Romano, novas em seu espírito e organização muito flexíveis, sobretudo duráveis, favorecendo uma vida social inédita. O traço marcante é o fato de tais “igrejas” serem suficientemente estruturadas e sólidas para serem eventualmente um poder de afirmação e de resistência em relação ao Estado – uma dualidade do político e do religioso assim introduzida, novidade com respeito ao Império Romano. O filósofo marxista Alain Badiou lamenta que os comunistas, com suas “células do partido”, não tenham conseguido tanto quanto Paulo!

Em segundo lugar, diria que outro aspecto político e religioso que pode ser tributado a Paulo é a instrução “Toda a alma esteja sujeita às potestades superiores” (Romanos, 13,1), que prega o civismo e a obediência, que seguidamente foi interpretada em um sentido de submissão passiva ao poder público, é então corrigida pela existência de “igrejas” que podem eventualmente resistir ao poder político. Isso impressionava Max Weber.

IHU On-Line – O que explica o crescente interesse por Paulo de Tarso não apenas na teologia, mas no campo filosófico?

Jean-Claude Eslin – O interesse por Paulo no campo filosófico está ligado às categorias intelectuais que ele introduziu e que continuam sendo as nossas categorias, mesmo quando o conteúdo é diferente. Ele introduziu a categoria de “novidade radical”, de “conversão absoluta”, de “homem novo”. E separa um “antigo tempo” de um “novo tempo”, já inaugurado, mas que se seguirá no futuro (“já chegado, ainda não”). Há então algo de revolucionário que continua marcando nossa concepção de tempo (Jean-Michel Rey). Ele dispensa o passado, mas mantém o passado: então há uma liberdade. Os filósofos atuais gostariam muito de poder pensar assim, de beneficiar-se de tal dialética.

IHU On-Line – De que forma as epístolas paulinas influenciaram Santo Agostinho e Lutero?

Jean-Claude Eslin – Os ensinamentos de Paulo influenciaram fortemente Agostinho e Lutero em particular sobre dois pontos: a predestinação e o pecado original. Agostinho e Lutero divulgaram a todos os homens os propósitos de Paulo sobre a predestinação em Romanos 9 e 10, ignorando o contexto que concernia somente à Israel e aos cristãos. Eles os extraíram de seu contexto, caindo em um excesso de lógica (*intellectus fidei*), o que abriu espaço a uma doutrina que se revelou desastrosa e favoreceu o ateísmo, como se os decretos de Deus fossem totalmente arbitrários.

Da mesma forma, Agostinho distorceu o sentido de uma passagem de Paulo, em Romanos 5, 12, maximizando a doutrina do pecado original. Agostinho interpreta “Em Adão todos pecamos” segundo sua tradição latina, enquanto que o texto grego diz somente “dada a circunstância que todos pecaram”; ora, circunstância não significa casualidade, e os Pais da Igreja grega foram mais discretos.

IHU On-Line – É correto afirmar que Paulo de Tarso é o fundador oficial do cristianismo, convertendo-o de seita à religião?

Jean-Claude Eslin – Não diria que Paulo é o fundador oficial do cristianismo. Na verdade, as primeiras comunidades cristãs, muito diversificadas, já existiam antes dele, a predicação dos apóstolos existia antes dele, e ele representa somente uma corrente do primeiro cristianismo. Ele é “um” entre vários.

IHU On-Line – Até que ponto o cristianismo é uma construção paulina, e até que ponto é fiel aos ensinamentos de Jesus?

Jean-Claude Eslin – Não se pode absolutizar Paulo. É o interesse do cânone do Novo Testamento que representa uma pluralidade de 27 escritos, que se corrigem mutuamente quando é o caso. Pode-se corrigir os excessos de Paulo por João ou Jacó e vice-versa.

Paulo representa uma primeira elaboração, uma primeira teologia, bastante fiel aos ensinamentos de Jesus (neste ponto sou católico, não promovo a desarmonia entre Jesus e Paulo, ainda que eles não se situem no mesmo registro, nem para o mesmo público), mas é preciso relativizar às vezes, o que pode se fazer recorrendo aos outros autores do Novo Testamento, e também através de uma reflexão nova e delicada dos cristãos de hoje. É claro que nós absolutizamos os desenvolvimentos de Paulo, mas “relativizá-lo” é uma questão nova diante da qual somos inábeis.

O que me impressionava na minha juventude, era a forma grandiosa e ao mesmo tempo realista, com que Paulo descreve o apelo e o modo de existência da vida apostólica, na qual ele descreve sua vida nas cartas aos Coríntios, a consciência de sua liberdade e de seu apelo, a grandiosidade de sua missão: “A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo...” (Efésios, 3,8). Isso pede a reflexão de como compreendemos estas palavras hoje, em um contexto de secularização.

Paulo: um novo sentido para a Igreja de hoje

Entrevista com Jerome Murphy O'Connor

Jerome Murphy O'Connor é reconhecido mundialmente como uma autoridade em Novo Testamento, em particular sobre São Paulo. Seus inúmeros livros publicados incluem títulos como **Biografia crítica** (São Paulo: Edições Loyola, 2000) e **Paulo de Tarso. História de um apóstolo** (São Paulo: Edições Loyola, 2007), ambos traduzidos para diversos idiomas. Sacerdote dominicano, O'Connor é professor de Novo Testamento na École Biblique, em Jerusalém, e autor do definitivo **The Holy Land. An Archaeological Guide** (5th ed. Oxford: Oxford University Press, 2008).

“Paulo intima a igreja de hoje a um novo sentido de realidade, que repudia o nominalismo e o verbalismo que caracteriza a igreja hoje”, menciona o biblista Jerome Murphy O'Connor na entrevista que concedeu para Márcia Junges, da equipe de Comunicação da **IHU On-Line**, publicada na edição 286, de 22 de dezembro de 2008. “A igreja de Paulo é, acima de tudo, comunidade”, enfatizou. Ele examina, também, o conceito paulino de liberdade: “Para Paulo, a liberdade era uma propriedade da comunidade, não uma posse do indivíduo. Ele acreditava que aqueles que não conheciam Cristo, tanto judeus quanto gentios, viviam sob o poder do Pecado. Este era uma força gerada pelo falso sistema de valores da sociedade, que fazia as pessoas ser outra coisa do que elas gostariam de ser”.

IHU On-Line – Qual é o significado da celebração do segundo milênio de nascimento de Paulo para o mundo cristão?

Jerome Murphy O'Connor – Eu imagino que a intenção do Papa Bento em declarar 2008-2009 o

Ano de São Paulo foi a de trazer o Apóstolo mais à frente na mente da Igreja. Partes das cartas de Paulo são lidas na missa durante grande parte do ano, mas são curtas, complicadas e tiradas do contexto. Assim, seu sentido não é compreendido na leitura, e muitos pregadores preferem se concentrar na leitura do evangelho, que normalmente é muito mais fácil desde um ponto de vista teológico. Eu espero que, em resposta ao apelo do Papa, as paróquias e as escolas façam algo para introduzir os fiéis no gênio de São Paulo. Poderia ser uma versão pequena e simples da sua vida, com ênfase em como suas ideias teológicas cresceram muitas vezes fora de suas experiências. Outra possibilidade poderia ser reunir um grupo para trabalhar com uma das cartas mais curtas e mais simples, por exemplo, a epístola de Filemon, que tem apenas um capítulo e que lida com o interessante problema de um escravo fugitivo.

IHU On-Line – Paulo de Tarso é uma figura complexa. Como podemos considerá-lo enquanto figura singular na sua relação com o judaísmo e as origens cristãs?

Jerome Murphy O'Connor – Paulo de Tarso é uma figura complexa porque muitos fatores colaboraram para torná-lo o que ele é. Seus pais eram de Gischala, no norte da Galiléia. Quando ele era ainda pequeno, os romanos venderam seus pais como escravos em Tarso. Isso significa que Paulo cresceu como um judeu na diáspora, em contato diário com pagãos em uma cidade muito cosmopolita. Isso também significa que ele recebeu uma educação excepcionalmente boa, tanto judaica como secular. Sua capacidade altamente desenvolvida na retórica pode ser explicada pela sua

participação no que hoje chamaríamos de Universidade de Tarso. Ele foi treinado para ter sucesso no mundo pagão. Aos 20 anos, foi a Jerusalém, e lá, como fariseu, se comprometeu com igual entusiasmo ao estudo da Lei Judaica. Quando adulto, relembrou com grande complacência o fato de que havia sido o melhor no grupo da sua idade. Durante esse período, certamente se casou. Era uma obrigação para os judeus se casar e ter filhos. Se Paulo nunca mencionou sua esposa ou seus filhos, eu só posso acreditar que eles morreram em um acidente tão traumático, que Paulo não suportava pensar sobre isso.

IHU On-Line – Como entender a experiência de Paulo, o “homem que cai do cavalo”, de encontro com Jesus Cristo no caminho de Damasco?

Jerome Murphy O’Connor – O que as pessoas pensam que sabem a respeito da Bíblia muito frequentemente não provém da Bíblia. A conversão de Paulo é um caso em questão. Em grandes pinturas, ele é representado caindo de seu cavalo, mas nenhum cavalo é mencionado na Bíblia, e é certo que ele não andou a cavalo. Os estribos foram inventados pelos chineses apenas no século IV d.C., e teria sido extremamente doloroso, para um estudioso sedentário como Paulo, cavalgar sem sela durante muito tempo.

Conversão

Paulo nos conta apenas que foi semelhante às aparições pós-ressurreição a Maria Madalena, aos dois discípulos no caminho a Emaús etc. Esses discípulos reconheceram o Senhor Ressuscitado, que eles haviam conhecido em sua existência terrena. Mesmo que Paulo e Jesus tenham estado em Jerusalém no mesmo período, não há nenhum sinal de que eles tenham se conhecido. Então, como Paulo sabia quem era a pessoa que se encontrou com ele na estrada de Damasco? Nós não sabemos a resposta. Mas, pelas consequências, podemos ter certeza de que Paulo estava totalmente convencido de que era Jesus de Nazaré, que ele sabia que havia sido crucificado pelos romanos. Assim, ele deve ter compreendido imediatamente que Jesus era o Senhor e Messias.

Como um judeu profundamente comprometido, isso significa que ele poderia apenas submeter-se totalmente a Jesus. A consequência mais importante para Paulo foi que essa aceitação de Jesus como o Messias significou que a Lei Judaica não tinha mais nenhum direito sobre ele. Ela não era mais o único caminho de salvação. Poder-se-ia ser salvo acreditando em Jesus Cristo. Por isso, a reação imediata de Paulo foi sair correndo para espalhar as boas notícias (= evangelho) aos pagãos mais próximos, que eram os nabateanos da Arábia.

IHU On-Line – Onde Paulo encontra os fundamentos para a grande liberdade que foi cultivando?

Jerome Murphy O’Connor – Para Paulo, a liberdade era uma propriedade da comunidade, não uma posse do indivíduo. Ele acreditava que aqueles que não conheciam Cristo, tanto judeus quanto gentios, viviam sob o poder do Pecado. Este era uma força gerada pelo falso sistema de valores da sociedade, que fazia as pessoas ser outra coisa do que elas gostariam de ser. Por exemplo, quando viajava sozinho, Paulo costumava presumir que qualquer um que tivesse a oportunidade iria roubar os utensílios dos quais o seu sustento dependia. Se ele não tomasse precauções e desse prioridade à sua própria segurança, ele poderia não ser capaz de viajar e trabalhar. Mesmo como um seguidor de Cristo, Paulo queria acreditar no melhor dos outros. Ele foi forçado a se dar conta de que eles eram egoístas pela mesma razão que ele tinha que ser egoísta. Se eles não cuidassem de si mesmos, iriam se afundar. Isso forçou Paulo a perceber que a liberdade era possível apenas em um ambiente alternativo, em que a força do bom exemplo mais do que contrabalançasse a força do mau exemplo proveniente da sociedade. Por essa razão, a base da liberdade de Paulo era a qualidade da vida cristã na comunidade na qual ele estivesse vivendo em um dado momento. Essa também é a razão pela qual ele viajou acompanhado. Ele não precisaria se preocupar que os seus utensílios poderiam ser roubados se ele tivesse companheiros para cuidá-los enquanto ele dormia ou ia ao banheiro. Por consequência, o maior

desafio de Paulo à Igreja contemporânea é a sua insistência de que a liberdade não é individual, mas corporativa. Há um ensinamento comum que diz que, porque somos batizados, gozamos da liberdade dos filhos de Deus. Paulo cairia na risada com tal absurdidade, porque todos os cristãos, hoje, sentem a pressão de ser desonestos de uma forma ou de outra. Corajosamente, Paulo teria esboçado a conclusão óbvia: eles não são livres. Nós, infelizmente, preferimos a ilusão.

IHU On-Line – É bastante conhecida a importância de Paulo para o encontro da fé cristã com as culturas da sua época. Que continuidades e que rupturas culturais possibilitaram a expansão do cristianismo pela ação missionária de Paulo e de seus colaboradores e colaboradoras?

Jerome Murphy O'Connor – Uma das razões pelas quais a pregação de Paulo teve tanto impacto na cultura helenística é que esta, nesse período, estava passando por um período de depressão. Em um festejado livro, “Pagan and christian in an age of anxiety” (*Pagãos e cristãos na era da ansiedade*), o historiador E. R. Dodds mostra que, nos primeiros três séculos da nossa era, uma visão profundamente pessimista da humanidade permeou as diferentes culturas no Leste Mediterrâneo. Havia um sentimento profundo de que algo havia dado errado, o qual, quando aliado à assunção da responsabilidade humana, produziu sentimentos de culpa amplamente difundidos. Como estes não se focavam em nenhum objeto específico, eles deram origem a um sentimento de futilidade, uma vaga convicção de que a humanidade não tinha sentido, de que era um “absurdo”. Daí vem a popularidade do mito de Sísifo. Uma vez que o rei de Corinto estava no mundo subterrâneo, foi condenado a gastar seus dias rolando uma grande pedra até o cume de uma montanha, só para vê-la escorregar de suas mãos a cada vez e cair de volta à base. Um tremendo gasto de energia por nada.

Os sentimentos das audiências às quais Paulo falava são graficamente ilustradas pela cabeça de bronze do Homem de Delos, agora no Museu de Atenas. A identidade da pessoa sentada é des-

conhecida, mas ele era certamente um indivíduo com problemas. A boca tristemente magoada e os olhos infelizes revelam uma personalidade cercada de dúvidas e ansiedade. O olhar levemente para cima se dirige a um vazio, como se todas as certezas íntimas tivessem sido percebidas, de repente, como ilusões. A modelagem da testa sulcada e da face frouxa carrega um profundo sentido de perda e vazio. Ele encarou o futuro sem fé ou esperança. Eram pessoas como ele que acharam atrativas as Boas Novas pregadas por Paulo. Elas davam sentido à existência.

IHU On-Line – Como podemos compreender a relação de Paulo com as mulheres que colaboram e participam de sua missão e sua visão sobre o lugar e a participação das mulheres nas comunidades eclesiais?

Jerome Murphy O'Connor – Paulo tem uma má reputação entre as feministas, que o consideram um antimulher. De fato, Paulo foi o mais ativo promotor do ministério das mulheres no Novo Testamento. Lídia, Evódia e Síntique tiveram um papel ativo na evangelização de Filipos, e Paulo situa a participação delas precisamente no mesmo nível que a dos apóstolos homens. Ele reconhece Febe como uma líder da igreja de Cêncris, o porto mais ao leste de Corinto. Priscila liderava uma igreja doméstica com seu esposo, primeiro em Éfeso e depois em Roma. Ápia era uma integrante do comitê de três pessoas que dirigiam a igreja de Colossos. Em Corinto, Paulo assumiu como dado que as mulheres, assim como os homens, podem rezar e profetizar nas assembleias litúrgicas. A profecia para Paulo é um dom de liderança, e a oração articula publicamente as necessidades da comunidade. São papéis de liderança.

De acordo com Gênesis 2, o homem foi criado antes da mulher. Os judeus usavam essa diferença cronológica para provar que as mulheres eram inferiores. Paulo refuta esse argumento indicando que, de acordo com a vontade de Deus, todo homem hoje tem uma mãe. Por isso, se o argumento cronológico é invocado, isso prova que o homem é inferior. Em 1Cor 11,11, Paulo insiste que a mulher é totalmente igual ao homem na Igreja [1].

A escolha de Paulo de usar imagens femininas de uma mulher durante o parto (Gálatas 4,19) [2] e do cuidado feminino (1 Tessalonicenses 2,7) [3] para descrever seu próprio ministério evidencia o seu reconhecimento de que os talentos do profeta são encontrados mais frequentemente entre as mulheres do que entre os homens. Como a graça está baseada na natureza, não surpreende que as mulheres apareçam tão frequentemente entre os líderes das igrejas paulinas.

IHU On-Line – Paulo está sendo relido hoje por vários filósofos da atualidade, como, por exemplo, como Alain Badiou, Giorgio Agamben, Jacob Taubes, Jean-François Lyotard e Slavoj Žižek. A que se deve esta relevância contemporânea da figura e atuação de Paulo?

Jerome Murphy O'Connor – Se Paulo é lido por filósofos contemporâneos, deve ser porque eles finalmente acordaram para o poder dos *insights* e o amplo alcance de suas sínteses teológicas. No passado, os filósofos desprezaram automaticamente o que a Igreja venerava, para o grande prejuízo deles.

IHU On-Line – Quais são os principais elementos da teologia paulina que deveriam

ser recuperados tendo em vista o diálogo intercultural hoje?

Jerome Murphy O'Connor – O aspecto-chave da teologia de Paulo que precisa ser enfatizado hoje é a sua visão da sociedade e da igreja. A sociedade, como ele a viu, era caracterizada acima de todas as divisões. No nível macro, havia blocos religiosos (judeus-gentios), econômicos (mestres-escravos) e sociais (homem-mulher), enquanto no micro os indivíduos eram separados por limites de medo ou dúvida. Essa era a descrição do mundo que ele tinha que salvar. Em minha opinião, ainda é uma descrição perfeita do mundo em que vivemos. Isso nos força a perguntar: o que o cristianismo conquistou de fato?

A igreja de Paulo é, acima de tudo, comunidade. Somente quando essa comunidade é uma realidade é que o ensinamento de Jesus tem sentido e se torna vivo. Somente quando a igreja local é Cristo na terra (o Corpo de Cristo) é possível ter uma eucaristia válida. Somente quando a igreja local está ardendo com o fervor do bom exemplo nós estamos livres do falso sistema de valores da sociedade. Somente quando vivemos em uma comunidade em que o amor é sempre ativo é que nossas orações são respondidas. Paulo intima a igreja de hoje a um novo sentido de realidade, que repudia o nominalismo e o verbalismo que caracteriza a Igreja hoje.

Paulo e a Carta aos Romanos: a Igreja e a sinagoga

Por Maria Clara Bingemer

Maria Clara Bingemer é graduada em Jornalismo, mestre em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e doutora em Teologia Sistemática, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Entre suas obras, destacamos **Simone Weil – A força e a fraqueza do amor** (Rio de Janeiro: Rocco, 2007). O artigo, a seguir, foi apresentado no evento Diálogo inter-religioso: fraternidade judaico cristã promovido pelo Centro Loyola de Fé e Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 18 de agosto de 2008. Os subtítulos são nossos.

“A carta é plurívoca, pois não comporta uma só apresentação de Deus, do Cristo, do humano e de suas interações, mas diversos discursos”, assegura a jornalista Maria Clara Bingemer, ao analisar a Carta aos romanos, escrita por Paulo de Tarso. Outro aspecto que ela examina é o surgimento do cristianismo: “A primeira comunidade cristã era 100% judia, de Jerusalém. Aí surge o que se chama o judeu-cristianismo. O judeu-cristianismo é quase um enigma, na história, porque acaba sumindo da história”.

A Carta aos Romanos é um reservatório que parece inesgotável. Houve quem se apoiasse nela para pensar a predestinação, a eleição, a justificação somente pela fé, o pecado original, a revelação natural, as relações entre a Igreja e o Estado, as relações entre judeus e cristãos após a Shoah. Todos os temas que são anacrônicos no momento da redação da carta (1º século), mas encontraram ali, muitas vezes em uma metáfora, uma ancoragem mais fértil. Caricaturando um pouco, po-

der-se-ia dizer que cada giro decisivo da história do cristianismo se apoiou na carta aos Romanos. Por exemplo: Agostinho (passagem do cristianismo antigo à cristandade medieval), Lutero (a cisão protestante), Barth (a teologia dialética).

A carta é plurívoca, pois não comporta uma só apresentação de Deus, do Cristo, do humano e de suas interações, mas diversos discursos. Diversos pontos de vista se fazem aí entender (incluído aquele de um interlocutor virtual que põe questões ou objeções a Paulo). Assim, caso se atenda às tensões ou mesmo contradições do texto, percebem-se diversas descrições da justiça de Deus nos quatro primeiros capítulos: uma justiça vingativa, uma justiça legal, uma justiça fora da lei. Cada discurso assume o precedente, mas o modifica, modela e corrige, operando deslocamentos significativos na maneira de encarar a justiça.

Uma outra chave de leitura importante da Carta é que em Jesus Cristo o mundo conheceu uma transformação radical. Trata-se de uma visão do mundo que os especialistas qualificam de “apocalíptica”, conforme o nome da literatura judaica na qual o mecanismo desta transformação é desvelado e esperado. Ora, eis a afirmação inaudita de Paulo – mesmo para um judeu do 1º século, impregnado desta visão e destes escritos apocalípticos: não se deve mais esperar a transformação, mas ela adveio pelo Cristo. O mundo antigo, no qual a humanidade era escrava duma estrutura de opressão (Pecado-Morte-Lei), foi vencido graças à fidelidade do Cristo a Deus, que nos concede sua justiça. Este discurso da Carta aos Romanos tem algo de mitológico, mas também desvenda intuições profundas sobre estruturas antropológicas universais. Não é por nada que Paulo qualifica

seu discurso de “Evangelho”, isto é, em grego: anúncio extraordinário. Não é por nada que os filósofos contemporâneos se voltam para Paulo para aí procurar o novo, o radical, o libertador, o extraordinário. Não admira também que provocasse conflitos com a sinagoga.

Diálogo inter-religioso

Não é fácil falar de um diálogo entre Igreja e Sinagoga no sentido de identificação da Igreja e identificação da Sinagoga. O que temos contemplado, ao longo dos séculos foi, fundamentalmente, um relacionamento de incompreensões, hostilidades e fechamentos.

O Novo Testamento constitui para nós, cristãos, não apenas uma fonte fundamental da história para as origens desse relacionamento, mas, também, um ponto de partida para a reflexão teológica. Irei me centrar mais na reflexão teológica do que em outro ponto. Vou limitar-me a expor alguns pontos surgidos da leitura assídua das Escrituras neotestamentárias. É claro que esses pontos de vista deverão ser complementados com a visão surgida do *Talmud* e da tradição judaica, que não é tão conhecida, como deveria sê-lo pelos cristãos.

A primeira questão insistentemente levantada é: existe anti-semitismo no Novo Testamento? Porque, às vezes, se diz que o primeiro anti-semitismo se encontra no Novo Testamento. Sabemos que nossos escritos sagrados são heterogêneos e redigidos ao longo de mais de 70 anos. O vocabulário e o estilo neles empregados variam notavelmente, de acordo com a época e os destinatários. Por isso, eles não podem ser interpretados sem levar em conta os leitores para os quais foram preparados. Deixando, pois, inicialmente, de lado os escritos paulinos, porque merecem um estudo mais pormenorizado, que eu pretendo focalizar no fim, vejamos os Evangelhos.

Há uma hipótese bastante provável de identificação de um fragmento de manuscrito da caverna sete de Qumran com o Evangelho de Marcos. Mesmo admitindo esta identificação, é certo que esse Evangelho foi redigido após a separação

definitiva entre a Igreja e a Sinagoga. Separação que se operou com a perseguição herodiana no ano 40 da nossa era, quando Tiago foi preso e executado e o grupo dos judeus-cristãos já tinha começado a regredir.

Judeu-cristianismo

A primeira comunidade cristã era 100% judia, de Jerusalém. Aí surge o que se chama o judeu-cristianismo. O judeu-cristianismo é quase um enigma, na história, porque acaba sumindo da história. Quase certamente nos outros três Evangelhos, pelo menos na versão que conservamos deles. Estes Evangelhos são posteriores à catástrofe do ano 1970, quando Jerusalém foi destruída e o povo de Israel disperso. É quando os cristãos, seguindo o conselho de Jesus, fugiram para as montanhas. Lembrem, todos os Evangelhos Sinóticos, os três, colocam isso, no discurso escatológico: “Quando vires acontecer essas coisas, fugi para as montanhas” (Mt 24, 15s; Mc 13, 14; Lc 21, 20s).

Os evangelistas escreveram, pois, com a consciência de já formarem uma comunidade à parte, em face da Sinagoga. Ao se difundir no seio da comunidade de Israel, era necessário, para a nova religião, acentuar a própria identidade, contra a nostalgia do culto esplendoroso do Templo e das formas de piedade tradicionais. É suficiente dar uma olhada na Carta aos Hebreus para compreender essa concorrência acirrada. A Carta aos Hebreus focaliza esse problema. Os cristãos, provenientes do judaísmo, diziam: “O nosso culto é tão pobre, tão pobre”. Eles se reuniam nas casas, liam as Escrituras, cantavam os salmos, celebravam a eucaristia com a fração do pão, o abraço da paz, mas nada daquele esplendor do Templo, com as vestes sacerdotais, com incenso, com os cantos. Por isso, essa nostalgia se faz muito presente na Carta aos Hebreus que diz: “Não, mas o nosso culto tem outras coisas, não o esplendor externo”.

O ponto fundamental da separação, inaceitável para o judaísmo, e que será sempre inaceitável, do ponto da vista da fé judaica, como é lógico,

era e continuará a ser o caráter único de Jesus. Contra toda a tradição rabínica que reconhece uma pluralidade de mestres, o cristianismo apresentava um só, atribuindo-lhe ainda o caráter divino. Cristãos que, no começo, eram majoritariamente de origem judaica, passam a ser depois, fundamentalmente, gentios convertidos. Inclusive, um bom número de prosélitos influenciados previamente pelo judaísmo, mas que tinham permanecido um pouco à margem do judaísmo porque não levavam a sério as observâncias da lei mosaica, talvez, se conformassem com os sete mandamentos enoquitas.

Nesse contexto, os evangelistas tentaram mostrar as causas que levaram Jesus à morte. Os evangelistas escreveram, fundamentalmente, para cristãos provenientes da gentilidade. Talvez Marcos olhe mais para os ainda judeus, mas não muito. Os outros três claramente olham para os cristãos provenientes da gentilidade. Mas, escrevendo para leitores majoritariamente não-hebreus, simplificaram as suas descrições a fim de torná-las compreensíveis a todos e talvez lhes mostrar que o conflito ideológico era irreversível. Daí as denominações genéricas que aparecem ao longo de seus relatos. Os adversários de Jesus são os “escribas e fariseus” nos Sinóticos, por exemplo, ou os “judeus” no evangelho de João, que já está mais distanciado dos fatos.

Tradição rabínica

Devemos reconhecer, porém, que a linguagem e muitas das ideias pregadas por Jesus se enquadram dentro da tradição rabínica. Ainda mais, dentro da escola dos fariseus. Isto pode chocar a nós, leitores assíduos do Novo Testamento: dizer que Jesus estava dentro do quadro doutrinário dos fariseus. Mas não nos esqueçamos que os fariseus procuravam, em primeiro lugar, a santificação. Podia haver divergências no caminho, no modo, inclusive havia diversas escolas farisaicas. Contudo, os que na expressão dos evangelistas se tornaram inimigos de Jesus parecem formar um grupo compacto e numeroso que poderia ter sido constituído, fundamentalmente, pelos próprios fariseus. Advirtamos, porém, que os mesmos escri-

tores dentro da narrativa dos fatos que conduziram à morte de Jesus, fazem alusão, também, aos Sumos Sacerdotes, ao Sinédrio, aos príncipes dos sacerdotes, os principais, sem esquecer os herodianos, a multidão e o povo. Encontramos todas essas expressões.

Essa multiplicidade de denominações mostra, claramente, que os relatos não foram redigidos com a exatidão histórica que teríamos desejado. Curiosamente, os romanos, que pelo menos foram os responsáveis legais e os executores da pena capital contra Jesus, quase são esquecidos e desculpados. Dá a impressão de que o cristianismo nascente, ao mesmo tempo em que afirmava a sua personalidade em face do judaísmo e contra a nostalgia dos que queriam, talvez, voltar a integrar-se na Sinagoga, queria evitar também a todo custo o conflito com o poder dominador.

Por outro lado, para os leitores de tradição não-judaica, seria impossível explicar todas as divisões das escolas rabínicas. Daí o recurso a uma denominação genérica que não podia ter na sua origem um sentido anti-semita, pois a quase totalidade dos autores do Novo Testamento foram judeus de raça, que não pretenderam renegar as suas origens. Uma comparação com os textos de Qumran – um grupo, provavelmente, de essênios, em conflito com os dirigentes do Templo – mostra que os distanciamentos e as condenações podiam assumir verbalmente uma generalização que estava longe de ter que ser entendida literalmente. Quando nós lemos os textos de Qumran, encontramos as mesmas maldições que se possa imaginar contra os sacerdotes de Jerusalém.

Examinando, logicamente, os textos dos Evangelhos, devemos dizer que nem a maioria do povo de Israel daquela época, nem sequer a maioria dos habitantes de Jerusalém tomaram parte ativa nos acontecimentos que levaram à morte de Jesus. Mesmo entre os escribas e fariseus, parece ter existido uma pluralidade de opiniões maior do que à primeira vista possa parecer. Os Evangelhos citam pelo menos três opiniões discordantes: José de Arimatéia, Nicodemos e Gamaliel. Mas parece que, mais adiante, se vê que entre os sacerdotes também houve uma série de seguidores do cristianismo nascente.

Justificação pela fé

Em Paulo, o problema parece ser mais complexo. O zelo pelo judaísmo que o impulsionou a tomar parte na repressão inicial contra o cristianismo nascente acabou se transformando em ardor proselitista pela nova religião, ao mesmo tempo em que sentia dentro de si o desgarramento interior por causa de sua pertença ao povo de Israel. Nenhum outro escrito exprime isso melhor do que a Carta aos Romanos inquestionavelmente paulina. Junto com a Carta aos Gálatas, focaliza o problema principal da teologia paulina: a justificação pela fé. Mas, enquanto a Carta aos Gálatas foi escrita no ardor da polêmica intra-cristã, entre os que no cristianismo queriam conservar as observâncias mosaicas e os que diziam que não era necessário, a Epístola aos Romanos é fruto de uma reflexão amadurecida posterior.

Eis um breve resumo dela. O contexto é o de uma comunidade, a de Roma, onde – de acordo com as informações recebidas por Paulo que ainda não tinha ido a Roma – só há informações por cartas ou por mensageiros. Segundo essas informações, as divergências naquela comunidade parecem conduzir a sérios desentendimentos entre os convertidos do judaísmo e do paganismo. O escrito prepara uma visita do apóstolo a essa comunidade, propondo uma solução para os problemas lá existentes, especialmente o da relação judaísmo-cristianismo.

Na Epístola, Paulo parte da contraposição entre Cristo, justiça de Deus, e a justiça que os homens pretendem alcançar por seu próprio esforço. Não nega o valor da antiga economia da salvação, mas lhe marca limites precisos. Em Romanos 7,12, ele escreve: “A Lei é santa. Justo e bom é o preceito”. Assim enuncia, claramente, Paulo de Tarso. A Lei fez o homem conhecer a vontade divina. Ao mesmo tempo, Paulo enfrenta, em si mesmo, o problema da própria debilidade e a consciência da própria culpa e não consegue ver na Lei a ajuda necessária para superá-las. Daí, a sua solução: “Somente em Cristo encontra-se essa ajuda e ela se obtém através da fé”. Vejam, Paulo tem muito de pessoal quando escreve o problema próprio. Ele sente a própria fragilidade.

Ele se reconhece pecador. Ele não sabe como libertar-se e, então, propõe essa solução: “Somente em Cristo encontra-se essa ajuda e ela se obtém através da fé”.

A consequência lógica seria a exclusão da salvação dos judeus que permanecessem no judaísmo. Porém, não é, enfim, exatamente a solução que vai dar. Mas eu digo: é claro, se fôssemos lógicos, tiraríamos essa conclusão. E, por isso, não é estranho que os escritos paulinos tenham sido considerados fonte da polêmica judeu-cristã e até acusados de serem anti-semitas.

Contudo, Paulo, na mesma Carta aos Romanos, não parece satisfeito com aquela dedução e passa a polemizar com os cristãos provenientes da gentilidade que numa soberba mal dissimulada, desprezavam os judeus. Contra as conotações racistas que pareciam insinuar-se, ele deixa muito claro que, diante de Deus, não há acepção de pessoas. Todos os fiéis, seja qual for a sua origem, devem formar um só corpo (Romanos 12, 1-15). Além disso – e este é o ponto mais importante –, Paulo está convicto que aos israelitas, textualmente, pertencem a adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas, os patriarcas. Deles é, conforme Romanos 9, 4-5, o Cristo, segundo a carne.

Confusão

Nos capítulos 10 e 11, a argumentação torna-se um tanto confusa, pois confusa parece estar a mente de Paulo perante o mistério da salvação e os insondáveis desígnios de Deus. Por um lado, ele vê o que acredita ser a incredulidade de Israel e parece que, desse modo, fica fechada para esse povo a porta da salvação. Por outro lado, porém, tem que reconhecer que os dons e a vocação, no sentido de eleição de Deus, são sem arrependimento, irrevogáveis. É, então, aí que vem a contradição. Por um lado, dizendo: “Não. Mas, os judeus se fecharam e não têm mais salvação”; mas, por outro lado, diz: “Mas os dons de Deus são irrevogáveis e aos judeus pertencem esses dons: a adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas, os patriarcas”.

Como solucionar essa contradição? Ele conclui afirmando que Deus encerrou todos na desobediência para a todos fazer misericórdia (Romanos 11,32). Acaba entoando um hino à misericórdia do Senhor. A solução final cogitada por Paulo é uma solução que apela para o mistério e, ao mesmo tempo, apresenta uma certeza: “Não quero que ignoreis, irmãos, este mistério, para que não vos tenhais na conta de sábios. O endurecimento atingiu uma parte de Israel, até que chegue a plenitude dos gentios. E assim, todo Israel será salvo, conforme está escrito: ‘De Sião virá o libertador e afastará as impiedades de Jacó, e esta será minha aliança com eles, quando eu tirar seus pecados’”.

Paulo anuncia uma misericórdia para todo Israel e não apenas para aqueles que tinham aderido ao cristianismo. Paulo se encontra desgarrado, entre a sua fé cristã e a sua pertença ao povo de Israel. E, por isso, também, fala contra os cristãos da gentilidade dizendo: “Do que vocês se vangloriam? Vocês são apenas ramos de oliveira silvestre enxertados no tronco da videira autêntica capaz de dar frutos e esse tronco é Israel. E o tronco não foi arrancado”. E, por isso, Paulo acaba, na realidade, entoando esse hino ao mistério de Deus: “Não quero que ignoreis este mistério”.

Para Paulo, mistério, fundamentalmente, é o pensamento de Deus que ele diz: “É insondável”. E, portanto, deixa em aberto. Eu creio que nós, cristãos, nem sempre temos lido com suficiente isenção esta grande Carta aos Romanos em que acaba, aqui, depois daquela citação de Isaías, dizendo: “Quanto ao Evangelho, eles são inimigos por vossa causa”. E fica, mais uma vez, quase que uma contradição. Por vossa causa, ou seja, por causa dos gentios. “Mas, quanto à eleição, eles são amados, por causa de seus pais. Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrendimento”. Termina o capítulo 11: “Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos. Quem com efeito conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem se tornou seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe fez o dom para recebê-lo em troca? Porque tudo é d’Ele, por Ele e para Ele. A Ele a glória, pelos séculos! Amém”.

Mistério histórico

Diante disso, eu creio que nós, cristãos, temos também que reconhecer, em Israel, um mistério histórico. À distância de 20 séculos, esse mistério continua para nós. É o mistério de uma vocação que é irrevogável, que continua a ser válida, é o mistério de um Deus de misericórdia que nos chama a todos à salvação e do qual esperamos a presença salvadora. Olhando Paulo e olhando essas contradições que estão nos seus escritos e que ele não consegue resolver e, por isso, apela ao mistério de Deus, tenho a impressão de que ele tinha em mente como que dois caminhos: o caminho da Igreja que ele escolheu com a fé no Cristo, uma fé a ser proclamada às nações; e o caminho da Sinagoga que mesmo que ele não quisesse mais seguir e que sentisse como um desgarramento dentro de sua própria carne, acaba tendo que reconhecer que continua a ser um caminho de vocação do Deus único.

Confira outras entrevistas que Maria Clara Bingemer já concedeu à **IHU On-Line**.

- ☞ **Os jesuítas e a expansão da cultura moderna.** Publicada na edição número 183, de 5 de junho de 2006, intitulada **Floresta de Araucária: uma teia ecológica complexa**.
- ☞ **“Igreja que deseja ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter um testemunho forte, crível e consistente, que acompanhe o discurso”.** Publicada na edição número 220, de 21 de maio de 2007, intitulada **O futuro da autonomia, uma sociedade de indivíduos?**
- ☞ **“O documento (de Aparecida) não tem o profetismo e o sopro libertador que caracterizou Medellín e Puebla”.** Publicada na edição 224, de 20 de julho de 2007, intitulada **Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência;**
- ☞ **Simone Weil: um pensamento que atinge a raiz das coisas.** Publicada na edição número 243, de 12 de novembro de 2007, intitulada **História em Quadrinhos;**

☞ ***A literatura como um campo fértil de diálogo com a teologia.*** Publicada na edição número 251, de 17 de março de 2008, intitulada ***O belo e o verdadeiro. A tensa e mútua relação entre literatura e teologia.***

☞ ***Lobato, formador de uma infância pensante e culta.*** Publicada na edição número 284, de 1º de dezembro de 2008, intitulada ***Monteiro Lobato: interlocutor do mundo.*** Estas entrevistas também podem ser conferidas na página eletrônica do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Fraternidade judaico-cristã: a busca pelo diálogo

Entrevista com Diane Kuperman

Diane Kuperman é graduada em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), mestre em Comunicação Social com a dissertação *Anti-semitismo, novas faces de uma velha questão* (Rio de Janeiro: Notrya, 1992), e doutora em Comunicação Social, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com a tese *Das manchetes às entrelinhas: guerra e paz no Oriente Médio*. Kuperman é repórter do *Jornal do Brasil* várias vezes premiada, editora de *house organs*, e hoje é ativista dos diálogos inter-religioso e interétnico. Professora e palestrante de numerosas instituições no Brasil e no exterior fundou a linha de pesquisa sobre Estudos Judaicos na UFRJ, onde organizou os primeiros congressos voltados exclusivamente para a questão judaica, foi diretora de *Anti-semitismo* do Programa de Estudos Judaicos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Também escreveu, entre outros, **Judaísmo, memória e identidade** (Rio de Janeiro: UERJ, 1997).

Como compreender a postura de Paulo de Tarso anterior à fundação do cristianismo? De acordo com a jornalista Diane Kuperman, os conflitos entre as diferentes visões do mundo irão colocar o apóstolo diante de uma encruzilhada: “Como seguir as leis rigorosas e já milenares do judaísmo diante das alternativas da sabedoria grega e das oportunidades de vida romana? Ao optar pelo judaísmo, torna-se um antinazareno ferrenho, combatendo seus seguidores e perseguindo-os, participando, inclusive, da lapidação de Estevão que irá se tornar o primeiro santo cristão”. E continua: “Sem dúvidas quanto ao caminho a seguir, surge repentinamente um novo: tem uma epifania durante viagem a Damasco. A visão de

Jesus muda a vida de Saul, que se torna Paulo e adota o cristianismo que irá defender com o mesmo ardor com que o combateu”. Tal atitude, ressalta, seria típica daqueles que se julgam os “detentores de uma única verdade”. Kuperman lamenta que o diálogo não fosse um costume, pois “muita dor teria sido evitada com a aceitação de que, com a base teológica comum, judeus e cristãos poderiam continuar sendo irmãos, apesar das diferenças”. A respeito da compreensão das epístolas paulinas, a jornalista acentua na entrevista que concedeu para Márcia Junges, da equipe de Comunicação da **IHU On-Line**, publicada na edição 286, de 22 de dezembro de 2008, que elas podem ser interpretadas de maneira completamente diferente. Isso depende de quem as lê: “Um espírito despojado, aberto ao outro, proporciona uma compreensão destituída de a priori. Este é o papel da fraternidade cristão-judaica: buscar os pontos em comum, ao invés daqueles que dividem e, juntos, encontrar as vias do respeito, do entendimento e do afeto”.

IHU On-Line – Quais são as maiores contribuições de Paulo de Tarso para a consolidação de uma religião e identidade judaicas?

Diane Kuperman – Em relação ao judaísmo e à identidade judaica, não podemos dizer que Paulo de Tarso tenha trazido alguma contribuição, a não ser pelas polêmicas desencadeadas com a mudança de rituais ou pelas perseguições ao povo judeu, muitas vezes baseadas em frases proferidas por ele. Dizem que uma das principais causas da sobrevivência do povo judeu foram as perseguições sofridas. Embora reconheça que perseguições e adversidades estimulam o espírito de coe-

são e solidariedade, prefiro computar o fato singular do judaísmo – a única religião/etnia/civilização que tenha atravessado milênios – continuar pujante e vivo, com valores que têm a obrigação de transmitir a todos, por todos os tempos.

IHU On-Line – Como compreender sua postura anterior à fundação do cristianismo, quando perseguia os judeus?

Diane Kuperman – Antes de sua adesão ao cristianismo, Paulo não perseguia os judeus, mas os cristãos! Paulo de Tarso, Saul para os judeus, nasce em uma família judia, social e financeiramente bem situada, 15 anos depois da morte de Jesus. Cidadão romano, recebe a formação judaica do Grão-Rabino Gamaliel, um dos maiores sábios da época, mas sua origem judaica não o impedia de usufruir as benesses da sociedade em que vivia, nem de sofrer as influências das culturas helênica e romana.

Os conflitos entre as diferentes visões do mundo irão surgir mais adiante, colocando-o diante de uma encruzilhada: como seguir as leis rigorosas e já milenares do judaísmo diante das alternativas da sabedoria grega e das oportunidades de vida romana? Ao optar pelo judaísmo, torna-se um antinazareno ferrenho, combatendo seus seguidores e perseguindo-os, participando, inclusive, da lapidação de Estevão que irá se tornar o primeiro santo cristão.

Sem dúvida, quanto ao caminho a seguir, surge repentinamente um novo: tem uma epifania durante viagem a Damasco. A visão de Jesus muda a vida Saul, que se torna Paulo e adota o cristianismo que irá defender com o mesmo ardor com que o combateu. Como compreender sua mudança de postura? A explicação deveria vir de psicólogos, mas, mesmo não o sendo, atrevo-me a considerar seu comportamento como típico daqueles que acreditam ser detentores de uma única verdade. Enquanto se sente romano e judeu, combate os cristãos que não se rendem aos seus princípios. Quando assume o cristianismo, recusa-se a aceitar que seus pares não sigam o mesmo caminho e os rejeita sem perdão. É uma pena que o diálogo não fizesse parte dos costumes de então. Muita dor teria sido evitada com a aceita-

ção de que, com a base teológica comum, judeus e cristãos poderiam continuar sendo irmãos, apesar das diferenças.

IHU On-Line – De que modo fé e ideologia se fundem no pensamento paulino?

Diane Kuperman – Paulo de Tarso terá vital importância para a fundação dos alicerces do cristianismo. É ele que irá adotar definitivamente a denominação de cristãos para os seguidores de Jesus considerado o Messias (Cristo, em grego, que significa Ungido). É ele, também, quem introduzirá mudanças substanciais no ritual cristão que marcarão a separação entre as práticas judaicas e cristãs. E, para divulgação da religião ainda em seus primórdios, usará o conhecimento dos gentios com quem conviveu intimamente. Será nesse conhecimento, que lhe permite perscrutar a alma dos gentios, adivinhar anseios e receios, que ele buscará os argumentos necessários para atraí-los à sua doutrina.

Em primeiro lugar, é preciso abrandar as leis do judaísmo que afastam *a priori* o pagão da, até então, única religião monoteísta. E o empecilho maior era, sem dúvida, a circuncisão. Abolida esta exigência, que marca a carne e apavora os espíritos, a adesão se torna muito mais fácil. A circuncisão corporal é substituída pela circuncisão do coração, o batismo.

Apóstolo dos gentios

A teosofia de Paulo, aliada a rituais acolhedores como refeições comunitárias, conquista numerosos adeptos e o torna o Apóstolo dos Gentios (Romanos 11, 13). A obediência às leis também é abrandada, com a mudança de um enfoque fundamental: não é mais o cumprimento das leis que define a adesão à religião, mas a fé em si. Algumas diferenças substanciais e substantivas são introduzidas por Paulo na transmutação do judaísmo para o cristianismo, aliando fé, ideologia e práticas:

ALIANÇA – Paulo (Rom, 9) fala de pactos, no plural, e cita o Shabat, o arco-íris e a circuncisão. Cita, ainda, os pactos com Noé, Abrão, Jacó e Da-

vid. Ora, para os judeus, o Brit é único e eterno, reiterado a cada geração, coletiva e individualmente, em cada situação. A aliança para o judaísmo é um acordo de mão dupla. Não é uma vontade divina imposta ao homem – ela é oferta pelo todo Poderoso e aceita pelo homem que, com este Brit, se torna parceiro de Deus na responsabilidade de completar a obra de construção do mundo.

MISSÃO – A missão dos novos cristãos é anunciar o Messias, evangelizar. No Gênesis, Deus, criador do universo, do Homem e de todas as coisas, cria o Homem à sua semelhança. Isto é, com a capacidade de também criar. E, ao descansar no sétimo dia, Deus não dá seu trabalho por encerrado. Cabe ao ser humano completar a obra – esta é a missão do judeu.

TERRA – A promessa de terra é interpretada por Paulo como metáfora da providência divina que provê alimento, abrigo e cobertura. Ora, para os judeus, a terra de leite e mel é promessa cumprida em tempos bíblicos e novamente na era moderna.

IHU On-Line – Como a fraternidade judaico-cristã pode promover uma nova leitura da Carta aos Romanos?

Diane Kuperman – Recomendo a leitura da obra de Jacques Ellul, *Ce Dieu injuste* (Arlea: Paris, 1991), que analisa praticamente linha por linha a Carta aos Romanos e deveria ser usada como roteiro para a releitura das cartas e revisão de posturas preconceituosas. Resumindo, restabelece o papel do povo de Israel e a importância de sua existência até os dias de hoje.

Quando olhamos um copo com líquido pela metade, o que dizemos? É meio cheio ou meio vazio? Depende do olhar, da interpretação. As epístolas paulinas podem ser compreendidas de formas diametralmente opostas, dependendo essencialmente da disposição interna de quem as lê. Um espírito despojado, aberto ao outro, proporciona uma compreensão destituída de *a priori*. Este é o papel da fraternidade cristão-judaica:

buscar os pontos em comum, ao invés daqueles que dividem e, juntos, encontrar as vias do respeito, do entendimento e do afeto.

IHU On-Line – Em que aspectos o pensamento paulino inspira um diálogo inter-religioso, sobretudo entre catolicismo e judaísmo?

Diane Kuperman – Um longo caminho de desencontros foi coroadado no século XX com a coragem de judeus e cristãos que decidem enfrentar os preconceitos e reescrever a história, transformando a pedagogia do desprezo, passada de geração em geração, em pedagogia do afeto.

Falo de Jules Isaac⁴² – historiador judeo-francês que perdeu a família no Holocausto –, que consegue convencer o Papa João XXIII⁴³ a rever as relações entre a Igreja e os judeus. O Concílio Vaticano II aborda, apesar de todas as relutâncias, as relações da Igreja com outras religiões e culmina com a publicação da declaração *Nostra Aetate*, um documento revolucionário que reconhece a origem judaica do cristianismo, recomenda o estudo das fontes comuns e retira definitivamente a acusação de deicídio, responsável pelas perseguições e matanças em massa de judeus.

Somos uma geração de privilegiados por termos a oportunidade de vivenciar a queda de barreiras que separavam cristãos e judeus, a construção de pontes entre nós pela eliminação de ódios e preconceitos e a edificação de um diálogo franco e aberto que privilegie confiança e apreço.

No ensejo das celebrações do Ano Paulino, os ativistas do diálogo recomendam a releitura dos textos, contextualizando-os, salientando a origem judaica do cristianismo e dos apóstolos. E, no trabalho de evangelização, ter cautela para não deslegitimar o judaísmo nem os judeus e evitar perpetuar preconceitos milenares.

IHU On-Line – Por que a senhora afirma que as palavras de Paulo contribuíram para a formação do antijudaísmo?

⁴² Jules Isaac (1877-1963): historiador judeu francês. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴³ Papa João XXIII (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da **IHU On-Line**)

Diane Kuperman – Porque a catequese cristã irá se alimentar das suas palavras (e dos Evangelhos, em geral) para afirmar a Igreja como a Nova Israel e o cristianismo como a Nova Aliança.

Vejamos alguns exemplos:

- Ao cunhar o nome de Antigo Testamento para a Bíblia Hebraica, Paulo a caracteriza como antiquada, ultrapassada, como sendo um texto que precisa de renovação e atualização. Os membros do Diálogo e da Fraternidade não usam mais o Velho e Novo Testamentos. Preferimos Primeiro e Segundo Testamentos, Bíblia Hebraica e Cristã, terminologias que não denotem supremacia de um sobre o outro, nem denunciem preconceitos.
- Ao pregar a Nova Aliança, Paulo irá instrumentalizar as doutrinas antijudaicas e anti-semitas. Embora em Romanos 11 Paulo enfatize que Deus não rejeitou Israel – “Teria Deus rejeitado o seu povo? De modo nenhum! Pois eu mesmo sou israelita...”, a crença popular repete à exaustão que as perseguições sofridas pelos judeus, culmi-

nando com a Shoá, seriam consequência desta rejeição.

E há alguns textos que não permitem dupla explicação como, por exemplo, quando em (Coríntios 3) Paulo taxa Moisés de mentiroso por encobrir o rosto com um véu: “Não fazemos como Moisés, que punha um véu sobre o rosto para evitar que os israelitas percebessem o fim de um resplendor passageiro. Mas a inteligência deles se obscureceu! Até o dia de hoje quando se lê o Antigo Testamento, este mesmo véu permanece... Sim, até o dia de hoje, cada vez que eles leem Moisés, há um véu sobre o coração deles...”.

Ou, em Gálatas 3, 23-29, a afirmação de que a Torá perde seu poder com o advento do Messias. Sua função seria apenas preparatória e educativa no sentido de abolir a idolatria e preparar os seres humanos para a revelação.

É difícil para um judeu ler com frieza e passividade tais acusações. Mas, como já disse acima, o diálogo busca sublinhar aquilo que une e entender, dentro do seu contexto, aquilo que nos pode dividir, com respeito pela sensibilidade do próximo e afeto.

Um plantador de igrejas

Entrevista com Eduardo Pedreira

Eduardo Pedreira é mestre e doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Pedreira é presidente do Renovare Brasil, organização que existe para divulgar o conceito e a vivência da formação espiritual (www.renovare.org.br). Atua, também, como pastor da comunidade Presbiteriana da Barra da Tijuca no Rio de Janeiro.

*A presença de Paulo “nas grandes cidades o levou a ter contato com as três grandes matrizes culturais daquele tempo: a judaica, a grega e a romana. Ele usa essas matrizes na sua pedagogia, recorrendo muitas vezes a raciocínios complexos se comparados àqueles utilizados por Jesus”, assina-la o pastor presbiteriano Eduardo Pedreira na entrevista que concedeu para Márcia Junges, da equipe de Comunicação da **IHU On-Line**, publicada na edição 286, de 22 de dezembro de 2008. Ele complementa: “Jesus viveu um movimento relacional com um grupo de doze discípulos e nitidamente não se via nele a preocupação com aspectos institucionais, ao passo que Paulo foi um plantador de igrejas, as quais ele organizou formalmente suas estruturas de funcionamento. Obviamente que não se pode justificar as igrejas que Paulo plantou por conta da influência da sua urbanidade somente, mas, sem dúvida, este era um elemento presente. Ou, por outras palavras, o movimento rural de um grupo se transforma em um movimento eclesialístico urbano, posto que Paulo planta as igrejas em cidades estratégicas do império”.*

IHU On-Line – Que aspectos destacaria a respeito da vida rural de Jesus em contraposição à mentalidade urbana de São Paulo?

Eduardo Pedreira – Eu destacaria dois aspectos. O primeiro é o pedagógico. Percebe-se na maneira de Jesus ensinar a simplicidade advinda do mundo rural. O uso recorrente de metáforas ligadas ao cotidiano das pequenas vilas rurais é um forte exemplo disso. Em Paulo, sua urbanidade também o leva a entrar em contato com a complexidade característica do mundo urbano. Sua presença nas grandes cidade o levou a ter contato com as três grandes matrizes culturais daquele tempo: a judaica, a grega e a romana. Ele usa essas matrizes na sua pedagogia, recorrendo muitas vezes a raciocínios complexos se comparados àqueles utilizados por Jesus. O segundo refere-se à tensão existente entre informalidade e institucionalização. No campo, a vida tende a transcorrer de maneira mais informal, apoiada nos afetos e relacionamentos, enquanto no ambiente mais urbano a impessoalidade leva a formalização das relações. Jesus viveu um movimento relacional com um grupo de doze discípulos e nitidamente não se via nele a preocupação com aspectos institucionais, ao passo que Paulo foi um plantador de igrejas, as quais ele organizou formalmente suas estruturas de funcionamento. Obviamente que não se pode justificar as igrejas que Paulo plantou por conta da influência da sua urbanidade somente, mas, sem dúvida, este era um elemento presente. Ou, por outras palavras, o movimento rural de um grupo se transforma em um movimento eclesialístico urbano, posto que Paulo planta as igrejas em cidades estratégicas do império.

IHU On-Line – Essas características de São Paulo ajudou-o a moldar as bases do cristianismo? Em que sentido?

Eduardo Pedreira – Sem dúvida. A base cristã que Paulo ofereceu ao cristianismo nascente era globalizada. Pela via da sua paixão missionária, Paulo leva o cristianismo para além das fronteiras da palestina, expondo a mensagem cristã nos grandes centros nervosos do seu tempo. A urbanidade paulina foi fundamental para o início do cristianismo.

***IHU On-Line* – Por que você considera difícil a mudanças pela qual Paulo passou e que o fizeram escrever a Carta aos Romanos?**

Eduardo Pedreira – A conversão de Paulo não se explica a partir de horizonte puramente humano. Ele foi preparado para o zelo profundo ao judaísmo, o que certamente excluía em muitos aspectos a nova abordagem trazida por Jesus. Corria em suas veias a defesa da cosmovisão judaica no seu seguimento mais radical. Ora, com este histórico, sua mudança somente poderia vir pela via sobrenatural, o que de fato acontece, quando da experiência que tem com Jesus a caminho de Damasco. Esta mudança não apenas se deu no âmbito pessoal, mas sobretudo no teológico. Romanos foi a carta que ele escreveu para explicar e fundamentar sua nova teologia, que tinha na relação lei e graça um dos seus pontos fulcrais: a salvação se dá agora em Cristo, oferta de amor de Deus e não pelo cumprimento zeloso da lei, que nada pode fazer parar resolver o pecado, problema essencial do ser humano.

***IHU On-Line* – Quais são os principais traços do pensamento paulino no protestantismo?**

Eduardo Pedreira – A ênfase na salvação pela fé. Por influência de Paulo, o protestantismo en-

tende que o mistério da salvação ancora-se na graça de Deus e que encontra na cruz do calvário sua mais plena manifestação histórica. Boas obras não salvam, a lei não salva, a caridade não salva, somente a fé no Cristo encarnado e na eficácia do seu sacrifício pode salvar, decreta o protestantismo pela lente paulina. Outro traço do pensamento paulino no protestantismo se dá ênfase na mediação exclusiva de Jesus. Fora de Jesus não há salvação, diz Paulo e o protestantismo repete. Qualquer outro personagem religioso ou qualquer outro mediador é relativo ao único e suficiente salvador: Jesus.

Apontaria, ainda, o pecado como a doença mais essencial do ser humano e sua mais radical necessidade de superação. A visão paulina herdada pelo protestantismo vê o ser humano como fruto da desobediência de Adão e portanto, essencialmente manchado pelo pecado. O pecado instaura uma guerra civil interior no ser humano o que o leva a desejar e fazer coisas que detesta como pecaminosas. Jesus é a solução de Deus para esta radical mancha humana.

A ênfase no poder do evangelho como sendo o dínamo de Deus para a salvação de todo aquele que crê é outro traço paulino no protestantismo. Paulo “cria” assim o protestantismo. Sua missão era espalhar esta mensagem por todo mundo, tendo como estratégia a plantação de novas igrejas que abrigariam localmente a igreja universal de Jesus, uma comunidade na qual as barreiras étnicas cairiam todas, um corpo com muitos membros, governado pela cabeça que é Jesus.

Paulo e a fé como loucura, ruptura e escândalo

Entrevista com Jean-Claude Monod

O filósofo Jean-Claude Monod é pesquisador em filosofia alemã pós-hegeliana, filosofia política, filosofia contemporânea e ciências humanas nos Arquivos Husserl, de Paris, no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), École Normale Supérieure. De sua vasta lista de publicações, citamos: **La querelle de la sécularisation. De Hegel à Blumenberg** (Paris: Vrin, 2002). Na entrevista que concedeu à **IHU On-Line**, publicada na edição 175, de 10 de abril de 2006, o filósofo francês fala das contribuições de Paulo para o cristianismo da época.

IHU On-Line – Quais foram as contribuições mais importantes de Paulo ao cristianismo de sua época? Como seria o cristianismo sem Paulo?

Jean-Claude Monod – É difícil falar de “contribuição” de Paulo ao “cristianismo de sua época”: em certo sentido, Paulo contribui para forjar o cristianismo, centrando a fé cristã em “o evento” da Cruz e da Ressurreição, uma morte que deve dar vida, e dando a esta revelação o sentido de um acontecimento universal, que deve, portanto, ser levado a todas as nações. Este apelo a um “Israel Universal”, por nascer, implicava em uma demarcação em face do antigo Israel e de sua revelação particular, como das religiões “pagãs” do império romano: Paulo desenvolve um discurso violento, antitético, que marca tudo o que opõe o “cristianismo” nascente às formas de pensamento greco-helenísticas antigas (filosóficas e religiosas), como à estirpe judaica da qual ele mesmo saiu. Assim, ele “teoriza” a ruptura, o escândalo, a fé como “loucura”, se vista de fora, mas capaz, todavia, em Paulo, de argumentar em seu favor e de se defender com um discurso misto. Este discurso é

feito, de um lado, do anúncio do acontecimento e da necessidade de formar comunidades de fé na espera escatológica da volta do Cristo, e, de outro lado, de uma argumentação constante, polêmica, irada, que visa fazer entender a subversão da existência atingida pela fé, que a própria “reviravolta” de Paulo exemplifica (o perseguidor dos cristãos se tornando o missionário por excelência).

Pensamento paulino

A insistência na ressurreição do Cristo e na ressurreição dos corpos, a dialética da Lei e do pecado (não sendo o pecado conhecido a não ser pela lei, e devendo a lei ser abolida ou “desativada”, como diz Agamben, pela fé que “salva” todos os pecadores que nós “todos” somos), a justificação pela fé, antes do que pelas obras (“onde está, então, o direito de se glorificar? Ele está excluído. Por que gênero de lei? Aquela das obras? Não, por uma lei de fé” (Rom, 3, 27)), o carisma do Espírito que “vivifica” lá onde a letra “mata”, a interpretação do corpo como “templo”, o tema de um combate interior entre a carne e o espírito, de uma dissociação do espírito que “vê” (o bem) e da vontade carnal que “faz” (o mal): todos esses temas, tornados clássicos, são outras tantas contribuições paulinas ao pensamento cristão.

IHU On-Line – Como seria o cristianismo sem Paulo?

Jean-Claude Monod – Imaginar o cristianismo sem Paulo é uma experiência de pensamento igualmente difícil, mas interessante, que foi tentada por diversas vezes: pode-se sugerir que, sem Paulo, o cristianismo não teria sido pensado de

um modo separado, ele teria permanecido uma variante, uma seita (no sentido de Troeltsch⁴⁴), entre outros movimentos judeus messiânicos. Certas leituras contemporâneas, como a do filósofo francês de proveniência marxista Alain Badiou, insistem nesta “verdade” que o afetou pessoalmente com um acontecimento singular, mas que ele considerou dever ser levado a todas as pessoas, homens e mulheres, judeus e gregos etc., instituindo, assim, uma forma de universalismo novo, uma Igreja sem precedente. O cristianismo sem Paulo teria tido esta capacidade de se fazer Igreja “mundial”? É uma questão a ser levantada.

A visão de Nietzsche

De seu lado, Nietzsche estimava que Paulo é amplamente aquele que inicia um movimento de deturpação do ensinamento do Cristo, para fazer o contrário do que este preconizava: um começo de dogma em lugar de uma atitude de vida, uma doutrina em lugar de uma ética, um ódio da sexualidade em lugar de uma indiferença benigna (a mulher adúltera) etc. Nietzsche, no fundo, imputa a Paulo a introdução de uma teologia do ressentimento no cristianismo, quando Jesus teria trabalhado para a destruição do ressentimento, numa ruptura com o judaísmo e sua lógica do talião. Mas pode-se perguntar se Nietzsche não é vítima, ele próprio, então, de uma forma de ressentimento em face de Paulo e do judaísmo, que se tornam os responsáveis bem longínquos dos males da cultura cristã de seu tempo.

IHU On-Line – Que relações podemos estabelecer em Paulo entre religião e política?

Jean-Claude Monod – Esta é uma questão muito controversa, com base na famosa passagem de

Romanos, 13, 1: “Obedecei às pessoas de poder, pois todo poder vem de Deus”. Estas linhas terão servido a todos, sobretudo para justificar uma cultura da obediência, da autoridade, por vezes até a desqualificação de toda capacidade de resistência. O próprio Lutero se apoia nestas passagens, quando ele apela à mais feroz repressão contra a revolta dos cidadãos alemães, por ocasião da “guerra dos camponeses”. Entretanto, há uma outra tradição de leitura, notavelmente ilustrada por Karl Barth⁴⁵ em seu célebre comentário da epístola aos Romanos, que insiste em dois fatos: de uma parte, todo o texto se baseia numa distinção entre o interior e o exterior, o essencial e o não-essencial, e numa “reserva” que faz o cristão obedecer “em consciência”. De outra parte, é preciso estar atento ao contexto de sua passagem, ao que o enquadra, ou seja, à questão que encerra o capítulo 12: “como vencer o mal?”. A resposta, numa palavra, é que não se deve procurar vencê-lo em seu próprio terreno, por seus meios, e isso visa, em suma, a todos os meios exteriores, políticos, a guerra, a resistência violenta à força, a sedição, etc. É preciso vencer o mal pelo bem.

A interpretação de Barth

Para Barth, há uma formidável *relativização das autoridades temporais*, dos poderes estabelecidos, aos quais se deve, sem dúvida, pagar o imposto, obedecer etc., mas, para preservar o essencial: de uma parte, o aguardo da salvação e da segunda vinda do Cristo, em glória, pensada por Paulo como iminente; de outra parte, o amor, de que se é devedor sem medida. Há, pois, uma recusa de que o objeto da fé seja misturado às lutas políticas, que as lutas sociais ou as guerras sejam conduzidas em nome de Deus etc. (Barth reagia,

⁴⁴ Ernst Troeltsch (1865-1923): teólogo, historiador e filósofo alemão, nasceu em 17 de fevereiro, em Augsburg. Aos 19 anos, inicia-se nos estudos teológicos. Como era comum naquela época, realizou-os em três diferentes universidades: Erlangen, Berlim e Göttingen. Troeltsch associou-se a um grupo que viria a se tornar conhecido como “escola da história da religião”. Com apenas 27 anos, é nomeado professor na Universidade de Bonn. No ano seguinte, transfere-se para Heidelberg, universidade em que trabalhavam alguns dos maiores nomes da ciência alemã. Vindo de Freiburg em 1897, o sociólogo Max Weber passa a fazer parte de seu círculo. As famílias de Troeltsch e Weber tornam-se íntimas a ponto de morar por algum tempo na mesma casa. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴⁵ Karl Barth (1886-1968): de 1911 a 1921 foi pastor. Mais tarde foi professor de Teologia em Bonn, na Alemanha. Escreveu, entre outros livros, *Introdução à Teologia Evangélica* (São Leopoldo: Sinodal, 1981). (Nota da **IHU On-Line**)

assim, notadamente ao “Gott mit uns”, “Deus conosco”, gravado no capacete dos soldados alemães, durante a Primeira Guerra mundial. Não, Deus não está “com” ninguém na guerra, ele é o “totalmente Outro” em relação aos negócios mundanos, estima Barth, fazendo eco a Paulo.)

A despolitização política de Paulo

Esta despolitização, porém, era ela própria política, nacional, nacionalista do cristianismo (como Barth notará ainda, opondo-se aos “Cristãos Alemães” ligados a Hitler). Esta dimensão comunica, então, com a dimensão mais frequentemente designada como a essencial contribuição de Paulo: a proclamação do universal, que tem inevitavelmente um alcance político em sua própria recusa das divisões e das fronteiras políticas e sociais. “Não há mais nem judeu nem gentio, nem homem nem mulher, nem escravo nem homem livre.” Paulo é tudo isso ao mesmo tempo e, contraditoriamente: um risco de absolutização da obediência, uma relativização da política, uma abertura ao universal, uma recordação da origem divina de toda instituição que pode desembocar no conservadorismo puro, mas que pode, também, ser compreendida de modo escatológico, quase revolucionário, como Jacob Taubes sugeriu – toda ordem política é subordinada a uma ordem mais essencial que deve ser observada sem medida.

***IHU On-Line* – De que forma o pensamento paulino sofreu transformações em seu contato com o Ocidente?**

Jean-Claude Monod – Todos os comentadores sublinharam o encontro e a tensão dos discursos em Paulo, ou seja, a confrontação entre uma retórica grega, nutrida notadamente pela tradição da diátribe e da prática das antíteses polêmicas, uma inscrição no império romano que relaciona povos distintos e seus múltiplos deuses sob a égide de uma única lei, e um messianismo judeu subvertido pelo anúncio da vinda, da morte e da Ressurreição do “rei dos judeus”. Pode-se dizer que Paulo

funde numa só essas tradições culturais, mas, também, que ele as faz todas explodir: ele fala a língua grega dos filósofos para sublinhar o abismo entre a “sabedoria do mundo” (a filosofia) e a “loucura” da Cruz; ele fala a língua do evento messiânico, mas, para “escandalizar” os judeus pelo anúncio da morte do Cristo e de seu retorno próximo, ele reverte as forças de todas essas línguas contra elas mesmas. A principal característica retirada do contato com as estratégias argumentativas “ocidentais”, grega e latina, é precisamente esta capacidade de dar a entender o inaudito e o inconcebível pelas antíteses e pelos paradoxos, a constituição de uma teologia cristã – por vezes se disse de Paulo que ele era, falando em sentido próprio, um primeiro teólogo cristão, o primeiro a fazer falar o cristianismo na língua filosófica grega, para fazer resultar uma antifilosofia, uma anti-sabedoria, que seria mais que a sabedoria, numa palavra fulgurante, mas que denuncia a letra para glorificar o espírito.

***IHU On-Line* – Podemos afirmar que a modernidade surgiu fundamentalmente do cristianismo e que o pensamento de Paulo tem um lugar fundamental na geração de todo o estilo de vida moderna?**

Jean-Claude Monod – Eu não penso que se possa afirmar simplesmente que a modernidade saiu do cristianismo, mesmo se toda uma tradição filosófica e teológica o sustentam, a começar por Hegel: nos princípios da filosofia do direito, o “princípio moderno” de afirmação dos “direitos infinitos da subjetividade”, tal como ele se realizaria no Estado de direito pós-revolucionário, é diretamente relacionado por Hegel ao “princípio cristão”, afirmado abstratamente pelo Cristo, do valor infinito de cada individualidade, e da igualdade de todos “em Deus”. Neste sentido muito genérico, pode-se pensar evidentemente que o cristianismo contribuiu para moldar o Ocidente moderno e é um dos componentes do “conteúdo normativo da modernidade”, como diz Habermas.⁴⁶ Entretanto, as teses demasiado “continuístas” me parecem ser carentes dos acontecimentos irreduzíveis ao autodesenrolar de uma “lógica” cristã:

⁴⁶ Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num

como o sublinhou Hans Blumenberg⁴⁷ (em *Die Legitimität der Neuzeit* [A legitimidade da modernidade], uma obra traduzida para o inglês e para o francês), não se daria conta da modernidade sem evocar, por exemplo, a reabilitação, parcialmente anticristã, da curiosidade teórica que preparou a revolução científica moderna; pode-se dizer, igualmente, que a democracia moderna, se ela herdou um conteúdo “cristão” secularizado pela ideia dos direitos do homem, também implicou desencadear de um princípio de construção do coletivo na única base da razão – lembremos, por exemplo, que Grotius constrói uma teoria do pacto social que deve ser válido, “mesmo se Deus não existe”.

Obediência fundada na autonomia

O lugar de Paulo é tipicamente “universalista” (“não há mais nem judeu, nem gentio, nem grego, nem bárbaro, nem homem, nem mulher...”) segundo a lógica universalista da modernidade (cosmo)política, ou segundo a mundialização que Derrida chamava, com uma ponta de humor, a “mundialatinização”. Entretanto, de um outro lado, é em parte contra a temática “paulina” da obediência devida às autoridades (o “todo o poder provém de Deus”) que a filosofia política moderna tentou construir uma ideia da obediência fundada na autonomia (Rousseau,⁴⁸ no *Contrato Social*, toma explicitamente por alvo o “todo o poder provém de Deus”... toda doença também, acrescentará ele, e será por isso que eu deva deixá-la prosperar em meu organismo?). A determinação mais profunda que tenha deixado Paulo sobre nossos estilos de vida é, sem dúvida, através

da Igreja, sua concepção das relações entre os sexos, da qual o mínimo que se possa dizer é que ela não é tipicamente “moderna”.

IHU On-Line – Como se encontra o cristianismo no Ocidente diante da crise da modernidade?

Jean-Claude Monod – É uma questão demasiado ampla para mim. Seria preciso definir o que se entende por “crise da modernidade”. Trata-se da crise dum programa de controle da natureza pela ciência e pela técnica? Do fracasso duma perspectiva de emancipação dos dominados, ou de construção duma humanidade pacificada? Certos aspectos deste programa me parecem sempre atuais, mas, é claro que uma forma de progressismo confiante no “movimento real das coisas”, como dizia Marx, hoje não vem mais ao caso. Há crise do futuro, e crise da “legitimação para o futuro”, que era uma instância da modernidade. De onde, de um lado, há um interesse renovado por formas de pensamento que o progressismo tendia a apresentar como “passadas” e ultrapassadas, quer se tratasse de tradições não-ocidentais ou de religiões, entre as quais o cristianismo, em relação às quais se vê bem que elas ainda suscitam imensas adesões e que elas fornecem recursos de sentido, de interpretação e de orientação no mundo, em particular no plano ético.

A modernidade não esgotou suas promessas

Entretanto, eu não compartilho da ideia, correntemente avançada, que a modernidade teria esgotado suas promessas e que, na situação

novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU (www.unisinos.br/ihu), na editoria **Notícias do dia**, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa da que Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴⁷ Hans Blumenberg (1920-1996): sua obra *Die Legitimität der Neuzeit* é de 1966 e foi sucessivamente reeditada pela Suhrkamp Verlag. Ela foi traduzida, em 1999, para o francês sob o título *La légitimité des Temps Modernes*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴⁸ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e um compositor musical autodidata nascido em Genebra. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da **IHU On-Line**).

“pós-moderna” em que nós viveríamos, os únicos recursos de sentido disponíveis seriam aqueles fornecidos pelas religiões, notadamente pelo cristianismo. A modernidade não me parece intrinsecamente “niilista”. Ela tem recursos internos de sentido e de contestação das dominações que ela engendra, embora exista um risco de niilismo e de cinismo remanescentes nas condições criadas pela economia industrial capitalista mundial. Max Weber falava do capitalismo como da “dominação mundial da não-fraternidade”, e ele via nisto um fruto incognoscível do calvinismo puritano, em oposição completa com a ética original da fraternidade evangélica e sua orientação “antieconômica” inicial. Parece-me que o cristianismo pode e deve continuar a fazer escutar a voz obstinada, “desatualizada”, desta ética da fraternidade e de sua oposição à exaltação do único “sucesso” do “poder” econômico (ou de outro poder), e pode e deve sempre pleitear pelos “últimos”, esquecidos ou vítimas de uma forma de modernidade que tende a glorificar unicamente o sucesso material.

IHU On-Line – Quais são os principais problemas e controvérsias da querela da secularização?

Jean-Claude Monod – O livro ao qual você faz alusão, *A querela da secularização*,⁴⁹ que saiu nas edições Vrin, na coleção “Problemas e controvérsias”, trata, de fato, amplamente da questão colocada logo abaixo, sobre as relações entre cristianismo e modernidade, em particular aqueles que foram abordados pela filosofia alemã, de Hegel a Blumenberg, passando por Marx, Nietzsche, Max Weber, Karl Löwith⁵⁰ ou Carl Schmitt.⁵¹ A “querela” conduz para a questão de saber se é possível estimar que os tempos modernos são uma época de ruptura com o cristianismo, ou se eles operam antes uma retomada e uma transformação dos esquemas, dos ideais, dos valores, dos conceitos cristãos. Podem se discernir dali duas grandes interpretações da secularização: uma, que nela vê

uma ruptura com a religião e uma refundação da sociedade sobre uma base racional e secular, e cujo horizonte pode ser uma sociedade inteiramente pós-religiosa, uma secularização “total”; a outra, que concebe a secularização como um movimento de “transferência”, de transformação, no qual o cristianismo (mas também o judaísmo, por vezes, a Gnose) continuam determinando secretamente nossas maneiras de pensar e de ver o mundo, o tempo, a história etc., mesmo quando nos cremos e nos queremos inteiramente “secularizados”. Eu propus que se nomeasse a primeira visão de secularização-liquidação, e a segunda de secularização-transferência. Cada interpretação levanta problemas complexos, cada uma comporta seus riscos; em síntese, a secularização-liquidação corre o risco de desconhecer heranças, de sucumbir a um mito de “começo absoluto” da modernidade, ou da “autofundação” a partir do nada; a secularização-transferência tende a desconhecer as rupturas, a dar lugar ao que Blumenberg chama de um “substancialismo histórico”, acabando na negação de toda novidade. No plano prático e político, cada visão tem também seus riscos: a secularização-liquidação pode ir até a vontade de destruição autoritária da crença religiosa, até a liquidação de todos os valores de “proveniência” cristã, como o cuidado dos fracos, a igualdade reconhecida entre todos os homens...; inversamente, a secularização-transferência pode produzir uma percepção radicalmente antimoderna e antiliberal da história, que acaba por diabolizar tudo o que afasta os tempos modernos de uma sociedade unificada sob uma Igreja.

IHU On-Line – O senhor escreveu um artigo com o título *Destino do paulinismo político: Barth, Schmitt e Taubes*, publicado na revista *Esprit*, em fevereiro de 2003. Como descreve aí o paulinismo político?

Jean-Claude Monod – Este artigo tomava em consideração interpretações particulares de Pau-

⁴⁹ O livro, no original francês, tem o título *La querelle de la sécularisation. De Hegel a Blumenberg* (Paris: 2002). (Nota da **IHU On-Line**)

⁵⁰ Karl Löwith (1897-1973): nasceu em Munique e foi um filósofo alemão-judeu e estudante da Heidelberg. Deixou a Alemanha durante o nazismo e retornou em 1952 como professor da filosofia da Heidelberg, (Nota da **IHU On-Line**)

⁵¹ Carl Schmitt (1888-1985): controverso intelectual católico alemão e teórico da ideologia nazista. (Nota da **IHU On-Line**)

lo: interpretações “em crise”, provenientes de intelectuais de língua alemã, respectivamente protestante, católica e judaica. “Paulinismo político” era o nome de um problema, de um paradoxo, antes do que de uma “linha” política inencontrável: como se pode deduzir um pensamento político, ou uma “teologia política”, de um pensamento também voltado resolutamente para o acontecimento salvífico e que também se afasta ostensivamente da esfera política (é verdade, é preciso pagar o imposto, obedecer etc., mas, *precisamente por que isso não tem nenhuma importância*)? O paulinismo político seria um modo de situar o político sob tensão escatológica, seja relativizando-lhe o sentido (como Karl Barth), seja correndo o risco de absolutizá-lo (como Carl Schmitt), seja desfrutando do efeito revolucionário da escatologia, para dotar o discurso de uma “urgência” que lhe permita subverter todas as categorias consensuais, a paz da ordem, do Nomos [norma] instituído (como é a tentativa de Jacob Taubes).

Novos paulinismos políticos

Mais recentemente, viram-se aparecer novas interpretações de Paulo e, caso se queira, de novos “paulinismos políticos”: na França, Alain Badiou insiste na fundação do universal com base num conteúdo incrível (a “fábula” da ressurreição, mas levada por uma “fidelidade ao evento”, que implique que ele valha “para todos”, segundo

uma espécie de “teorema do militante”). Esta interpretação, provocante também porque ela emana de um filósofo que se diz sempre “maoísta” (!), tem sido contestada na medida em que ela parece valorizar sobretudo o gesto pelo qual São Paulo “escapa à empresa comunitária”, e, em primeiro lugar, ao judaísmo (e se faz acompanhar, além disso, de uma visão muito negativa de toda afirmação judaica nacional – mas isso nos envolve em outros debates políticos, por vezes na retaguarda das releituras contemporâneas de Paul). Giorgio Agamben opôs a isso (na sua própria leitura de Paulo)⁵² uma visão do universal, não como abolição das diferenças, porém como o que impede as identidades de coincidir inteiramente com elas mesmas, cada “parte” não podendo ser tomada pelo “todo”, nem por “todos”, quando o “todos” enquadra o discurso de Paulo – todos pecadores em Adão, todos resgatados no Cristo.

Não há, por conseguinte, “um” paulinismo político, mas diferentes grandes tipos de atitudes que podem ser encontradas e que realçam formas de paulinismo político: uma submissão destacada ao político, que se considera, todavia, como sendo “o mal”, um sentimento de urgência que arruína toda percepção “confiante” e progressista do tempo e da História, em proveito de um evento decisivo que pode ocorrer a cada instante, uma afirmação de universalidade que desencadeia o “todo” das condições particulares que são feitas a cada um no mundo.

⁵² Trata-se do livro de Giorgio Agamben. *Il tempo che resta. Un commento alla Lettera ai Romani* (Torino: Bollati Boringhieri, 2000). Para conhecer mais sobre Agamben, conferir a revista **IHU On-Line** edição 81, de 27-10-2003, intitulada *O Estado de exceção e a vida nua. A lei política moderna*. (Nota da **IHU On-Line**)

A utopia política de Paulo

Entrevista com Hartwig Bischof

Hartwig Bischof é mestre em Teologia, Filosofia e Artes. Além disso, é doutor em Teologia, pela Universidade de Graz, com a tese Ein Revolutionär und Traditionalist. Eine theologische Biographie Von Marie-Alain Couturier OP. É gerente cultural do Centro Internacional para Cultura e Gerenciamento, de Salzburgo, e da Universidade de Economia de Linz, e também membro da Sociedade Vienense para Filosofia intercultural.

*Na entrevista que concedeu à **IHU On-Line**, publicada na edição 175, de 10 de abril de 2006, Bischof afirma que “Paulo é o elo de ligação para todos aqueles que não interpretam Jesus a partir de sua própria tradição, ou seja, da judaica, mas provêm de outras raízes culturais”.*

IHU On-Line – Qual é a importância da figura e do pensamento paulino nos inícios do cristianismo?

Hartwig Bischof – O Novo Testamento fala-nos, grosso modo, em duas formas linguísticas. Primeiro, numa forma antes narrativa, como nos Evangelhos, nos Atos dos Apóstolos e no Apocalipse de João. Mas, ao lado desta, também numa forma antes discursiva, como literatura epistolar. O interessante é que esta segunda forma foi temporalmente anterior e, naturalmente Paulo é o grão-mestre desta forma. Assim, ele é o maior parceiro daquilo que mais tarde se designará como teologia. Em oposição aos demais apóstolos, que puderam ter como ponto de partida o Jesus terrestre, a Paulo somente o Jesus celeste se dá a conhecer: com isto, Paulo, na primeira hora do cristianismo, já se encontra na situação de todas as gerações subsequentes, como ponto de partida essencial para nós hoje. Paulo também é o elo de ligação

para todos aqueles que não interpretam Jesus com base em sua própria tradição, ou seja, na judaica, mas provêm de outras raízes culturais. Simultaneamente, contudo, Paulo também intermedeia a missão de conhecer não apenas a própria tradição, mas, pelo menos em princípio, poder pensar conjuntamente a base judaica das palavras e ações de Jesus.

IHU On-Line – Como poderia ser caracterizado o legado teológico, filosófico e político de Paulo?

Hartwig Bischof – Talvez se possa caracterizar Paulo como alguém que, constantemente e sempre de novo, colocou um início, sem que, com isso, tivesse permanecido como um principiante. Ele vivencia Deus como alguém que simplesmente irrompe em sua vida (vivência de Damasco); sua vida se biparte, no Saulo e no Paulo. Mas a ruptura em sua vida também irrompe na história, seu testemunho lhe permite um livre trânsito com o tempo e o mundo. A fé na morte e ressurreição de Jesus é promessa de uma salvação múltipla: como ato político, ela põe ante os olhos a provisoriidade do poder temporal (como conceito negativo), mas também da autoridade temporal (como conceito positivo, no sentido de um esforço de tornar o mundo mais humano). A salvação brota de um escândalo, de um disparate; assim, segundo Badiou, Paulo deve ser designado como antifilósofo, ele argumenta com loucura, escândalo e fraqueza. Paulo, porém, “argumenta”, não fala simplesmente coisas sem nexos, mas se esforça por uma terminologia helenística para poder ser entendido. Entretanto, a profissão de fé o conduz também ao individual, a uma interrupção. Também aqui ocor-

re um constante recomeço. Paulo sabe, por experiência própria, que Deus é incalculável, no sentido em que hoje nós “calculamos” (ou computamos) o mundo; por isso, ele se dispõe a uma transformação da Lei, que novamente culmina numa profissão de fé. A profissão de fé forma um ancoradouro que, no entanto, não conduz a nenhuma solução dialética. Paulo vê em Jesus a lei universal, uma Lei situada além da lei escrita, resultado de uma relação pessoal, de amor. Naturalmente transparece aí, em Paulo, que experimentou tantas rupturas em sua vida, uma certa saudade por harmonia; porém aqui não se pode esquecer que – para permanecer no jogo de palavras helenístico – a *harmonia*, como irmã de Marte e Vênus, sempre precisa ser simultaneamente dura e branda.

IHU On-Line – O que destacaria das diversas cartas de Paulo? Que conceitos-chave constituiriam o pensamento paulino?

Hartwig Bischof – Das cartas não se pode destacar nada, embora saibamos hoje, pelo menos em algumas passagens, que elas não provêm de Paulo. Nós devemos esforçar-nos em favor da consciência de que a coisa de fato se desenrola assim, mas isso também demonstra uma força dos escritos bíblicos, no sentido de que eles não caíram simplesmente desta forma do céu, porém foram redigidas por “homens inspirados”. Assim, também podemos considerar Paulo um filho de seu tempo, e a tarefa de continuar escrevendo o texto com o leitor, já está radicalmente presente e não é nenhuma correção posterior do curso. “Cada texto é um tecido, que simultaneamente descobre e cobre” (Sarah Kofmann). Assim, permanece para nós a tarefa de estudar, num ato de fidelidade ao texto, o que se descobre, mas, de outra parte também significa avaliar de uma nova maneira o encoberto. Se simplesmente riscássemos algumas partes, porque elas não nos servem ou porque elas realmente só tinham validade para uma situação outrora concreta, nos privaríamos dos acenos que, em sentido próprio, tanto mais estimulam nossa leitura. Vale, também aqui, que nem tudo se deixa harmonizar facilmente ou reunir numa dialética barata. O escândalo permanece.

IHU On-Line – Como definiria a espiritualidade paulina? Como está no cristianismo de hoje presente ou ausente essa espiritualidade?

Hartwig Bischof – Do modo como Paulo se apresenta em suas cartas, ele certamente foi um esforçado contemporâneo: radical, consequente, munido de uma incrível capacidade de resistência. Apesar disso, ou precisamente por isso, ele nunca decai para a dureza de coração ou a obstinação. Sua profissão de fé na lei da viva relação de amor com Deus também lhe permitiu utopias políticas, que até hoje não encontraram nenhuma localização adequada. A combinação de uma sólida formação com um envolvimento combativo pelos interesses da fé e uma profundidade espiritual era, e é bastante difícil de ser encontrada. Hoje em dia, sobressai frequentemente o discurso nivelador com a cultura secularizada e a assim chamada esperteza e diplomacia política se impõem como doce tibieza, contra a qual, no entanto, combate o Evangelho. Aí Paulo certamente tem preparados para nós alguns impulsos. O cristianismo, na continuidade da tradição judaica, auxiliou o indivíduo nos seus direitos como pessoa. Seja o que for que, além disso, ainda se quisesse subsumir sob o conceito da modernidade, esta valorização de cada indivíduo me parece ser sempre central. De maneira paradoxal, todavia, o próprio cristianismo teve dificuldades com isso. Finalmente, estes valores, que só foram conquistados politicamente na Europa no decurso do Iluminismo, foram implantados à revelia do cristianismo institucionalizado como Igreja. Pode-se, pois, dizer tranquilamente que o cristianismo foi esclarecido de fora sobre seus próprios valores. Aqui transparece, por exemplo, uma passagem frágil em Paulo: “Se tu foste chamado como escravo, isso não te deve oprimir; mesmo que tu possas tornar-te livre, prefere continuar vivendo como escravo” (1 Cor 7, 21). O que aqui foi proposto como regra interina para um tempo ainda bem curto, não pode pretender nenhuma validade universal. E, se cristãos podiam reverter isso, sob relações feudais, para a legitimidade da servidão, resulta que os impulsos iluministas ajudaram aqui os cristãos, a partir de fora, para continuarem a escrever os seus textos.

Como, aliás, já o fizera Paulo: “Mas, porque vós sois filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai! Portanto, tu não és mais escravo, porém filho” (Gal 4, 6-7).

IHU On-Line – Qual tem sido a crise fundamental do cristianismo nos últimos anos e qual é o seu lugar no século XXI?

Hartwig Bischof – A crise da modernidade é uma crise do cristianismo. Enquanto isso, o potencial de a modernidade se corrigir está ruindo. A modernidade, de maneira semelhante ao próprio cristianismo, reivindicou para si um *status* de validade universal, estava convencida de que sua regulamentação pode ser adotada. Na momentânea crise se dissolvem muitas evidências, pontos de convergência convencionais se cindem em sistemas semelhantes à Via Láctea: em princípio, recentemente só ocorre aqui o que cristãos já viveram em suas mais ousadas experiências de Deus, a saber, de que este último ponto de convergência sempre é apenas o começo de um novo

começo. Intermediadas pela crise da modernidade, as próprias regulamentações atingem até mesmo o cristianismo e o pulverizam novamente num complexo entrelaçado. Entretanto, uma vez que esta crise não é um poder solucionador provindo de fora, porém apenas o “cumprimento” das próprias estruturas, vem ao caso dar-se conta desta chance. Talvez isto signifique agora, de maneira semelhante como em Paulo, viver por um tempo no “deserto”, para de novo ver mais claramente a própria Mensagem. Quando se observa a maneira pela qual um filósofo ateu como Alain Badiou lê os textos de Paulo, porque eles lhe parecem importantes para seus próprios esforços de novamente fundamentar uma teoria do sujeito, e como Giorgio Agamben reassume o messianismo, para novamente transformar o ser humano de um número numa pessoa, ou como Slavoj Žižek, estimulado por ideias cristãs, introduz novamente a dimensão religiosa no discurso filosófico contemporâneo, é de se esperar que o cristianismo também continue sendo o sal da terra.

Nietzsche, Paulo e o Cristianismo

Entrevista com Emilio Brito

Emilio Brito é jesuíta cubano e autor do ensaio “Les motifs de la critique nietzschéenne du christianisme”, publicado na revista *Ephemerides Theologicae Lovanienses* (Volume 80, de Dezembro de 2004), da Universidade de Louvain-La-Neuve, na Bélgica, onde leciona. Brito pondera que, apesar de impressionantes, as críticas de Nietzsche ao cristianismo não podem ser consideradas indubitáveis, mas podem auxiliar os cristãos a tornarem-se mais próximos de “uma visão mais pura de sua fé”.

Brito é autor de, entre outros, ***La Christologie de Hegel: Verbum Crucis*** (Paris: Beauchesne, 1983), ***Dieu et l'être d'après Thomas d'Aquin et Hegel*** (Paris: PUF, 1991), ***Filosofia della religione*** (Milano: Jaca book, 1993), ***Heidegger et l'hymne du sacré*** (Leuven: Leuven University Press, Louvain-la-Neuve: Peeters, 1999) e ***Philosophie et théologie dans l'œuvre de Schelling*** (Philosophie et théologie) (Paris, Cerf, 2000).

Na entrevista que concedeu à ***IHU On-Line***, publicada na edição 175, de 10 de abril de 2006, Brito pondera que as críticas de Nietzsche ao cristianismo não podem ser consideradas indubitáveis, mas podem auxiliar os cristãos a tornarem-se mais próximos de “uma visão mais pura de sua fé”.

“Paulo colocou em primeiro plano a noção de culpabilidade e de pecado e uma nova fé: a crença numa metamorfose milagrosa. Inspirou-se no paganismo e tomou dele um elemento tão anti-judeu como a crença na imortalidade. Realizou uma seleção totalmente arbitrária de certos aspectos da vida e da morte de Cristo (e ocultou os outros). Adaptou o cristianismo às religiões da massa inferior. Inicialmente, o cristianismo era uma espécie de movimento pacifista. Paulo o transformou numa doutrina de mistérios, capaz de entender-se

com a organização do Estado. Essas são, grosso modo, as razões pelas quais Nietzsche pensa que Paulo perverteu a mensagem de Jesus”, analisa o padre jesuíta Emilio Brito.

IHU On-Line – Poderia indicar as principais críticas de Nietzsche ao cristianismo?

Emilio Brito – Nietzsche opõe ao cristianismo quatro críticas principais: 1) o cristianismo de raiz paulina exalta tudo o que é vil; 2) o cristianismo de Jesus se mostra incapaz de resistir; 3) a consciência cristã do pecado é mórbida; 4) o ideal ascético que propõem os sacerdotes cristãos representa uma inversão de valores.

IHU On-Line – Em particular, como Nietzsche descreve o mecanismo psicológico do pecado no cristianismo?

Emilio Brito – Segundo Nietzsche, o cristianismo explora sistematicamente o sentimento de culpabilidade. Ele denuncia os teólogos que continuam a infestar a inocência do devir com a noção de “pecado”. Nietzsche se esforça em desmascarar a consciência cristã da falta. Para perpetuar-se, pensa Nietzsche, a Igreja tem criado mil artifícios, em particular a consciência pecaminosa. O “pecado” teria sido inventado, diz ele, para que o ser humano tenha necessidade a cada instante de acudir ao sacerdote. O sacerdócio reina graças à invenção do pecado. Mas esse reino, estima Nietzsche, torna impossível a cultura, a ciência, toda a nobreza humana. Nesse ponto, Nietzsche constata um contraste nítido entre a Igreja e Jesus. Segundo ele, as noções de falta e de castigo estão ausentes do “Evangelho”. A “Boa Nova” é a abolição do pecado, e de todo o senti-

mento de distância entre o homem e Deus. A imagem que Nietzsche propõe de Jesus é certamente discutível. Nietzsche estima que a noção de pecado foi inventada para desorientar os instintos, para fazer da desconfiança diante do instinto uma espécie de “segunda natureza”.

Os moralistas cristãos consideram a saúde como uma doença, e tratam de substituí-la pela “salvação da alma”, que oscila entre as convulsões da penitência e a histeria da redenção. Eles veriam um obstáculo nas condições duma vida forte e transbordante. Por isso, tratam de voltar ao homem inofensivo, humildemente prosternado. Esforçam-se em produzir o tipo de “pecador”.

Interiorização do instinto de crueldade

O mecanismo psicológico seria o seguinte. A gente tem sempre a tendência a sentir-se descontente de si mesmo. Facilmente pensamos que esse sentimento é consequência de suas faltas, de seus pecados. Quando se sente aliviado dessa angústia, o “pecador” conclui que Deus lhe perdoou os pecados. Para suscitar o sentimento de pecado, para fomentar contrições, observa Nietzsche, convém maltratar o corpo, colocando-o em estado enfermo. A interiorização do instinto de crueldade e a consciência das faltas ajudam também a preparar o sentimento de culpabilidade. Mas este último, no sentido estrito, implica a relação à origem; é sentimento de uma dívida para com a divindade. Em si mesma a culpabilidade pode ser um sentimento “amorfo”. Mas a interpretação sacerdotal lhe dá “forma”, designando-o como “pecado”.

Para Nietzsche, ver nesse sentimento doloroso um efeito do pecado não é mais que uma interpretação falsa. A pessoa que sofre busca instintivamente uma razão de seu sofrimento. O sacerdote ascético trata de convencê-la de que a “causa”

de seu sofrer reside nas faltas que cometeu. A causa do mal está identificada assim com o “culpável” mesmo. O diagnóstico sacerdotal redobra a culpabilidade. Do seu jeito, o cristianismo dá sentido ao sofrimento, inculcando aos seres humanos que o sofrimento é um castigo e que pode ser redentor. Mas ao transformar o homem em “pecador”, objetiva Nietzsche, faz sua enfermidade piorar. Obviamente, o esforço de Nietzsche por substituir uma explicação – uma causa – por outra, não é invulnerável à crítica.

IHU On-Line – Por que Nietzsche acusa Paulo de ter pervertido a mensagem de Jesus?

Emilio Brito – Segundo Nietzsche, Paulo de Tarso compreendeu que, a partir do pequeno movimento sectário cristão,⁵³ se podia ascender um incêndio universal. Paulo entendeu que, graças ao símbolo do “Deus crucificado”, era possível reunir em uma força imensa todo o que havia sido oprimido. Paulo viu no cristianismo a fórmula que permitia superar e absorver todos os cultos “subterrâneos” da Antiguidade.

Paulo colocou em primeiro plano a noção de culpabilidade e de pecado, e uma nova fé: a crença numa metamorfose milagrosa. Inspirou-se no paganismo e tomou dele um elemento tão antijudeu como a crença na imortalidade. Realizou uma seleção totalmente arbitrária de certos aspectos da vida e da morte de Cristo (e ocultou os outros). Adaptou o cristianismo às religiões da massa inferior. Inicialmente, o cristianismo era uma espécie de movimento pacifista. Paulo o transformou numa doutrina de mistérios, capaz de entender-se com a organização do Estado. Essas são, grosso modo, as razões pelas quais Nietzsche pensa que Paulo perverteu a mensagem de Jesus.

IHU On-Line – Por que Nietzsche afirma que o Cristianismo de Paulo é uma radicalização do judaísmo? Em que sentido Nietzsche

⁵³ Aqui o entrevistado refere-se aos essênios, grupo ou seita judaica ascética que teve existência desde mais ou menos o ano 150 a.C. até o ano de 70 d. C. Estavam relacionados com outros grupos religioso-políticos, como os zadoquitas. Durante o domínio da Dinastia Hasmônea, os essênios foram perseguidos. Retiraram-se para o deserto, vivendo em comunidade em estrito cumprimento da lei mosaica. Eram, portanto, um grupo de separatistas, a partir do qual alguns formaram uma comunidade monástica ascética que se isolou no deserto. Na Bíblia não há menção sobre eles. Sabemos a seu respeito por Josefo e por Fílon de Alexandria (filósofo judeu). O historiador Flávio Josefo relata a divisão dos judeus do Segundo Templo em três grupos: saduceus, fariseus e essênios. (Nota da **IHU On-Line**)

considera Paulo como o inventor do cristianismo?

Emilio Brito – Segundo Nietzsche, o cristianismo só podia nascer sobre o terreno do judaísmo. O cristianismo não é um movimento de reação contra o instinto judeu, senão a última consequência da terrível lógica do judaísmo. Nietzsche considera o cristianismo como uma repetição do instinto sacerdotal do judaísmo. A invenção do cristianismo deve muito ao gênio de Paulo, que se situa na tradição do sacerdócio judeu (ao mesmo tempo que a nega). Mais do que ninguém, Paulo ajudou a encontrar uma formulação paradoxal que aparentemente refuta o judaísmo e em realidade o confirma. Nietzsche estima que os primeiros discípulos não compreenderam o sentido que Jesus queria dar à sua morte. Tentaram, pois, se vingar do judaísmo, elaborando a doutrina do sacrifício do Filho. Paulo, em particular, substitui a boa nova de Jesus pela mensagem da cruz, que significa em definitivo a vingança de Israel, a vitória do ideal judeu.

Para Nietzsche, nada é menos evangélico do que o sacrifício de expiação, o bárbaro castigo do inocente pelos pecados dos culpáveis. Paulo tem pregado ao Redentor sobre “sua” cruz. Em Paulo, e em seu *Dysangelio*, se encarnaria assim o tipo oposto ao “mensageiro da boa nova”. O cristianismo de Paulo oferece ao velho ressentimento judeu o modo de sobreviver. Segundo Nietzsche, o Deus cristão, mistério de extremada crueldade, agrava a fealdade do Deus judeu. Através do “redentor” proclamado por Paulo, que parecia, à primeira vista, opor-se a Israel, Israel conseguiu, pensa Nietzsche, a última meta de seu rancor.

O triunfo da vingança de Israel

O judaísmo elevou sobre a cruz – como se tratasse de um inimigo – o “redentor” que era, na realidade, o instrumento de sua vingança, oferecendo, assim, ao mundo inteiro o mais perigoso e irresistível “anzol”. Pela cruz, tal como Paulo a apresenta, a vingança de Israel e sua inversão de todos os valores havia triunfado, observa Nietzsche, sobre todo outro ideal. Poucos conhecedores do pensamento de Paulo se deixaram convencer pela interpretação excessiva que Nietzsche propõe do paulinismo. Mas, pelo menos, Nietzsche se abstém de negar o gênio extraordinário (que ele considera, no entanto, nefasto) do Apóstolo dos Gentis, cuja obra contribui como poucas a conferir ao cristianismo sua enorme influência histórica.

Para concluir, eu diria que a crítica que Nietzsche opõe ao cristianismo é certamente impressionante, mas seria ingênuo considerá-la indubitável. Ela tende demasiado a confundir o cristianismo com suas deformações e a ver em sua história unicamente um processo degenerativo. A apresentação que Nietzsche oferece do sacerdócio cristão à luz exclusiva do paulinismo – interpretado com muito pouca equidade – é sobremaneira estreita, incapaz de reconhecer a diversidade polifônica das tradições cristãs. Em Nietzsche, a negação da culpabilidade mórbida tende a se converter em negação da responsabilidade. É evidente que a crítica elaborada por ele não tem sido concebida como uma contribuição positiva à renovação do cristianismo. Mas pode favorecê-la, na medida em que o cristão, discernindo os limites da polémica de Nietzsche, mas também as deformações pseudocristãs, se aproximam a uma visão mais pura de sua fé.

Paulo e Lutero

Entrevista com Júlio Zabatiero

Júlio Zabatiero é graduado em Teologia, pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, mestre e doutor em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST), onde atualmente leciona, com a tese *Tempo e Espaço Sagrados em Deuteronômio 12,1-17,13*. Uma leitura sêmio-discursiva, publicada pela editora FTSA, de Londrina, em 2001. Possui, ainda as seguintes publicações: **Miquéias: a voz dos sem-terra** (Petrópolis: Vozes, 1996), **Liberdade e paixão. Missiologia latino-americana e o Antigo Testamento** (Londrina: Descoberta, 2000) e **Fundamentos da Teologia Prática** (São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2005).

Na entrevista que concedeu à **IHU On-Line**, publicada na edição 175, de 10 de abril de 2006, Zabatiero afirma que há uma crise na leitura “moderna” do pensamento paulino. Afirma também que não consegue “imaginar o cristianismo sem Paulo. Sem a sua contribuição, muito provavelmente o cristianismo teria permanecido uma facção do judaísmo e, possivelmente desapareceria de cena. Não foi apenas Paulo, é claro, mas a tradição paulina do cristianismo nascente que trouxe a abertura para o mundo gentílico, a tradução dos principais conceitos e noções da fé judaico-cristã para o pensamento helênico, a possibilidade de um amplo diálogo com o pensamento ocidental, e as bases teológicas para a organização institucional das igrejas cristãs”.

IHU On-Line – Quais considera os elementos mais importantes do pensamento paulino que geraram a modernidade no ocidente?

Júlio Zabatiero – Alguns aspectos do pensamento paulino, especialmente conforme interpretado por Santo Agostinho, que foi reinterpretado pelos primeiros reformadores, contribuíram para o surgimento da modernidade (eu não diria que “geraram”, pois há várias fontes do surgimento da modernidade). Penso que os principais são: (1) a noção da salvação como entrada na liberdade – liberdade que é um dos temas cruciais da modernidade; (2) a necessidade de decisão individual para chegar à salvação – o que contribuiu para o desenvolvimento da noção moderna de indivíduo; (3) a valorização ética da família e especialmente do trabalho, com a afirmação da importância de obediência às autoridades – que contribuíram para a ética protestante que, segundo Weber, foi um elemento simbólico importante na modernidade, e que também ajudaram na formação do estado moderno, conforme Quentin Skinner,⁵⁴ historiador que discutiu a contribuição dos reformadores para a formação dos estados modernos.

IHU On-Line – Como Lutero lia Paulo?

Júlio Zabatiero – Lutero lia Paulo predominantemente por meio de duas chaves hermenêuticas: (1) a chave da experiência pessoal de libertação da necessidade de boas obras pessoais para alcançar a salvação, o que se realiza apenas mediante a fé, a confiança na graça de Deus que recebe gratuitamente o pecador com base nos méritos de Cristo; e (2) a chave doutrinária da suficiência da Escritura para fundamentar a doutrina e a experiência cristã. Assim, Paulo interpretou a justifica-

⁵⁴ Quentin Skinner: historiador britânico. Ele se dizia não-marxista e defendia o pensamento de Marx como crítica às injustiças do capitalismo. É professor de Ciência Política na Universidade de Cambridge. Escreveu, entre outros, *Maquiavel* (São Paulo: Brasiliense, 1988) e *As fundações do pensamento político moderno* (São Paulo: Cia. das Letras, 2003). (Nota da **IHU On-Line**)

ção pela graça mediante a fé como o fundamento de sua crítica ao que ele considerava ser uma salvação “por obras”, presente na doutrina católica de seu tempo. Essas duas chaves hermenêuticas foram fundamentais para a construção da identidade luterana. Primeiro em sua compreensão da salvação como uma realidade pessoal, uma experiência entre a pessoa e Deus, que não precisa da mediação da instituição eclesiástica. Segundo, pela importância da confessionalidade firmemente fundada na Escritura, que contrabalança a força da individualidade na experiência de salvação. A instituição eclesiástica, assim, reassume a sua importância, não mais como o espaço salvífico exclusivo, mas como a garantidora da confessionalidade verdadeira em fidelidade à Escritura Sagrada.

IHU On-Line – Quais são os principais pontos de convergência e de divergência nas leituras de Paulo feitas por luteranos e católicos?

Júlio Zabatiero – Nas primeiras décadas da polêmica entre as igrejas católica e luterana, os principais pontos de divergência em relação à leitura de Paulo se situavam na chave hermenêutica confessional; enquanto as principais convergências se situavam no viés agostiniano da interpretação dos textos paulinos. Com os diálogos eclesiásticos oficiais e acadêmicos entre católicos e luteranos, tem se diluído a polêmica confessional institucional. Não desapareceram, é claro, as diferenças de compreensão eclesiológica, mas estas foram abrandadas em função da concepção da Igreja como povo de Deus no Vaticano II. No geral, porém, as interpretações contemporâneas de Paulo por luteranos e católicos são primariamente convergentes, especialmente com o uso dos métodos histórico-críticos.

IHU On-Line – Com base especialmente no pensamento de Marx Weber, haveria uma influência direta do pensamento de Lutero na constituição da modernidade em ocidente?

Júlio Zabatiero – Se entendo Max Weber, a resposta deveria ser negativa. A contribuição da Reforma Protestante é vista de forma indireta, em primeiro lugar pelo apoio religioso que deu à separação entre Igreja e Estado e, em segundo lugar, pela ética protestante do trabalho, que ajudou a legitimar simbolicamente o capitalismo ocidental.

IHU On-Line – Com a crise da modernidade, entra em crise o pensamento paulino ou precisa de uma nova leitura?

Júlio Zabatiero – Penso que entrou em crise a leitura “moderna” do pensamento paulino. Há várias novas leituras do pensamento paulino, que destacam a sua relevância para os nossos tempos. No âmbito de estudiosos latino-americanos, apenas poderia mencionar como exemplos os trabalhos de Joseph Comblin⁵⁵ (seus comentários a textos paulinos na série Comentário Bíblico, e vários de seus livros mais recentes sobre o cristianismo e a Igreja), por um lado, e Ana Flora Anderson⁵⁶ e Gilberto Gorgulho,⁵⁷ por outro; os quais destacam e releem a temática paulina da liberdade. Entre protestantes, devemos destacar o trabalho de Elsa Tamez,⁵⁸ que releu a noção paulina de justificação pela fé com base em postulados essenciais da teologia da libertação.

IHU On-Line – Como teria sido o cristianismo sem a figura do apóstolo Paulo? O que ele trouxe para a religião nascente?

Júlio Zabatiero – Não consigo imaginar o cristianismo sem Paulo. Sem a sua contribuição, mui-

⁵⁵ Joseph Comblin: padre belga, teólogo, trabalha no nordeste brasileiro. Foi expulso do Brasil pela ditadura. Escreveu, entre outros, *A ideologia da segurança nacional: O poder militar na América Latina* (3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980) e *A liberdade cristã* (Rio de Janeiro: Vozes, 1977). (Nota da **IHU On-Line**)

⁵⁶ Ana Flora Anderson: professora da Escola Dominicana de Teologia, em São Paulo, autora de, entre outros *A História da Palavra II (Nova Aliança)*, Coleção Teologia Bíblica 3 (São Paulo 2005). Com o frei Gilberto Gorgulho, é uma das entusiastas da versão ecumênica da Bíblia na Internet. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵⁷ Gilberto Gorgulho: frei dominicano e historiador do cristianismo, mestre em História do Cristianismo Primitivo, mestre e doutor em Exegese Bíblica Judaico-Cristã. É autor de, entre outros, *Jesus de Nazaré (A compaixão de Deus)* (São Paulo: Art-Color, 2001), *A justiça dos pobres* (2. ed. São Paulo: Paulus, 1996) e *Não tenham Medo* (8. ed. São Paulo: Paulus, 1995). (Nota da **IHU On-Line**)

⁵⁸ Elsa Tamez: teóloga mexicana, metodista, professora da Universidade Bíblica Latino-Americana da Costa Rica, com vários livros traduzidos para o português. (Nota da **IHU On-Line**).

to provavelmente o cristianismo teria permanecido uma facção do judaísmo e, possivelmente desapareceria de cena. Não foi apenas Paulo, é claro, mas a tradição paulina do cristianismo nascente trouxe a abertura para o mundo gentílico, a tradução dos principais conceitos e noções da fé judaico-cristã para o pensamento helênico, a possibilidade de um amplo diálogo com o pensamento ocidental, e as bases teológicas para a organização institucional das igrejas cristãs.

IHU On-Line – Quais são os principais desafios da teologia hoje e como o pensamento paulino pode trazer alguma perspectiva nesse sentido?

Júlio Zabatiero – Penso que a teologia hoje tem como desafios mais importantes (1) reconfigurar o seu espaço de relevância pública – ética, científica

e política – na nova situação de globalização em que nos encontramos; e (2) reimaginar a fé cristã para uma religiosidade cada vez mais pós-confessional e pós-institucional. Considero que uma das contribuições significativas do pensamento paulino para lidar com esses desafios sejam (a) a sua noção da eficácia da fé centrada nas boas-obras de amor – mais importante do que a doutrina e do que a experiência individual com Deus, é a vivência pública da experiência de fé “que opera pelo amor” (Gl 5,6); e (b) a sua concepção carismaticamente dinâmica da comunidade de fé, como constituída por pessoas que, em Cristo, podem construir sua identidade na relação pessoal com Deus e com os irmãos e irmãs, manifestada especialmente pelos carismas mediante os quais a comunidade cristã serve a Deus servindo a si mesma e ao mundo amado por Deus.

Paulo e Kierkegaard

Entrevista com Álvaro Valls

Álvaro Valls é mestre e doutor em Filosofia, pela Universität Heidelberg, da Alemanha, com a tese *O conceito de história nos escritos de Soeren Kierkegaard*. Também é professor e pesquisador no PPG em Filosofia da Unisinos. É autor dos livros **O que é ética** (São Paulo: Brasiliense, 1986) e **Da ética à bioética** (Petrópolis: Vozes, 2004), além de tradutor e organizador da obra **Do Desespero Silencioso ao Elogio do Amor Desinteressado – Aforismos, novelas e discursos, de Søren Kierkegaard** (Porto Alegre: Escrituras, 2004), da qual a edição 123 da **IHU On-Line**, de 16 de novembro de 2004, publicou a orelha do livro. A obra foi apresentada no Sala de Leitura de 16 de novembro de 2004.

Na entrevista que concedeu à **IHU On-Line**, publicada na edição 175, de 10 de abril de 2006, Valls destaca o amor ao próximo como “verdadeira resposta para o egoísmo, o niilismo, o cinismo, a ironia, a hipocrisia, o ceticismo e o indiferentismo da sociedade atual”. Considera esse um dos pontos em comum que podem ser apontados entre Paulo e Kierkegaard. Faz, ainda, ponderações entre Kierkegaard com diversos outros autores, como Nietzsche e Dostoiévski.

IHU On-Line – Como foi a recepção do pensamento paulino no Ocidente? Quais as correntes filosóficas mais influenciadas por esse pensamento?

Álvaro Valls – Paulo é certamente o autor mais influente no cristianismo primitivo. Existem até certos livros sobre moral cristã divididos em duas partes, a primeira para os ensinamentos de Jesus, a segunda para os de Paulo – o que parece de fato um tanto abusivo, ou ao menos impertinente. Por essas e outras decerto é que Nietzsche chamou Paulo de “o inventor do cristianismo”, isto é, seu sistematizador e grande divulgador (Nietzsche queria dizer também: seu deturpador, corruptor, é verdade). A influência de Paulo de Tarso na teologia é absolutamente central, mas na filosofia em geral ele influencia todos os pensadores de linhagem cristã. Há quem diga que, ao contrário do que se supõe, o cristianismo não foi marcado tanto pelo platonismo quanto pelo estoicismo, e Tarso era de uma região onde o estoicismo imperava, com Zenão.⁵⁹ Daí talvez certas ideias como da conflagração universal no cristianismo, o fim do mundo pelo fogo... Parece que o grande filósofo estoico Sêneca⁶⁰, que pode ter sido contemporâ-

⁵⁹ Zenão de Eléia (495 a. C.-430 a. C.): filósofo nascido em Eléia, hoje Vélia, Itália. Foi discípulo de Parmênides e defendeu de modo apaixonado a filosofia do mestre. Seu método consistia na elaboração de paradoxos. Desse modo, não pretendia refutar diretamente as teses que combatia, mas sim mostrar os absurdos daquelas teses (e, portanto, sua falsidade). Acredita-se que Zenão tenha criado cerca de quarenta destes paradoxos, todos contra a multiplicidade, a divisibilidade e o movimento (que nada mais são que ilusões, segundo a escola eleática). (Nota da **IHU On-Line**)

⁶⁰ Sêneca (4 a.C.-65d.C.): estadista, escritor e filósofo estoico romano. De suas obras, restam 12 ensaios filosóficos, 124 cartas, um ensaio meteorológico, uma sátira e nove tragédias. Suas tragédias têm por tema assuntos explorados por dramaturgos gregos, mas são melodramas intensos e violentos, fixando-se na crença estoica de que a catástrofe é resultado da destruição da razão pela paixão. Essas peças influenciaram bastante a tragédia na Itália, na França e na Inglaterra elisabetana. Sua filosofia moral, inspirada na doutrina estoica, está expressa nos diálogos, tratados e cartas, *Epístolas morais a Lucílio*, que escreveu. As tragédias *Medéia*, *As troianas*, *Agamenon* e *Fedra*, são, geralmente, atribuídas a Sêneca. (Nota da **IHU On-Line**)

neo de Paulo em Roma, era chamado pelos cristãos *saepe noster*.

IHU On-Line – Que relações podemos encontrar entre Paulo e Kierkegaard?

Álvaro Valls - Kierkegaard⁶¹ é filósofo, teólogo, psicólogo e literato, se quisermos utilizar estas categorias e especializações. Mas ele mesmo se definiu como um “escritor religioso”. Metade de sua produção, principalmente os *Discursos edificantes* e os *Discursos cristãos*, costuma usar alguma citação bíblica como mote de um desenvolvimento filosófico. E aí então as passagens do *Novo Testamento* preponderam, com um equilíbrio entre citações dos evangelhos e das epístolas. De resto, Paulo é citado a toda hora e por toda parte. Quase todas as cartas que foram atribuídas de um jeito ou de outro a Paulo são citadas nas passagens mais conhecidas. Há, contudo, uma passagem muito especial, nos *Discursos em vários espíritos*, quando, com uma ironia matreira e uma incrível mistura de seriedade e graça, o escritor dinamarquês monta uma verdadeira “prova da ressurreição”, argumentando que, se uma outra vida depois dessa não existisse, precisaria ser inventada, pois caso contrário São Paulo seria, conforme suas próprias palavras, a mais lamentável das criaturas. O que, é claro, não poderia ser o caso! Assim, a prova viva de que há uma outra vida seria o próprio Apóstolo... Nietzsche arrancaria os

bigodes, furioso com uma demonstração tão pouco racional, e afirmaria que a fé só prova a si mesma, pois é mais ou menos o que Kierkegaard tem em mente!

IHU On-Line – Como é o conceito de liberdade em cada um deles e que relações pode ter com o conceito de autonomia tão presente na modernidade?

Álvaro Valls – Não conheço bem o conceito paulino de liberdade, talvez a dos filhos de Deus, salvos pela graça de Cristo, de tal modo que para os puros tudo é puro; mas em Kierkegaard ele aparece mais desenvolvido em *O Conceito Angústia*, de 1844, na perspectiva antropológica de um homem que realiza sua síntese do corpóreo e do psíquico no espírito, e do tempo e da eternidade no “instante”. Decide, então, numa escolha de valor infinito e absoluto, sobre a significação eterna de sua existência. Mas esta liberdade humana se enreda na angústia, e se afirma (na hora da graça) ou fracassa ante a possibilidade do pecado, as tentações e as provações. A leitura de Agostinho é inegável, mas Kant, Fichte,⁶² Schelling,⁶³ Hegel (com seus intérpretes dinamarqueses, como Heiberg e Adler) e Schleiermacher⁶⁴ também ajudam a compor o quadro. De resto, o conceito de autonomia, como se pode ver no belo livro de J. B. Schneewind,⁶⁵ *A invenção da autonomia: uma história da filosofia moral moderna* (São Leopoldo

⁶¹ Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo dinamarquês existencialista. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo, bem como aquilo que classificava como as formalidades vazias da Igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da Igreja cristã, a ética cristã e a teologia. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶² Johann Gottlieb Fichte (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu dedicar sua vida à filosofia depois de ler as três Críticas de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação de uma crítica de toda a revelação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor para publicar o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. Seus *Discursos* à nação alemã são sua obra mais conhecida. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶³ Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como “filosofia negativa”. Schelling tentou desenvolver uma “filosofia positiva”, que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶⁴ Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834): teólogo, filósofo e pedagogo alemão. Foi corresponsável pela aparição da teologia liberal, negando a historicidade dos milagres e a autoridade literal das Escrituras. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶⁵ Jerome B. Schneewind: filósofo, professor de filosofia moral na Universidade de Baltimore e professor emérito de Filosofia na Universidade John Hopkins, ambas nos EUA. (Nota da **IHU On-Line**)

do: Unisinos, 2001), floresce com Kant, e se afirma na perspectiva da *Aufklärung*.⁶⁶ Finalmente se radicaliza em Fichte, que é decerto um dos mestres de Kierkegaard, mas não esqueçamos as importantíssimas investigações de Schelling (outro de seus mestres) *Sobre a essência da liberdade humana* (de 1809, que foram tão bem valorizadas por Heidegger na sua *Preleção sobre Schelling*). Esta outra vertente filosófica altera bastante o conceito de liberdade, fato que nem sempre é levado em conta. De qualquer modo, como não há uma autonomia vazia, abstrata, podemos falar da liberdade perguntando-nos “o que fazer daquilo que é feito de nós”. Aí então vale a pena ler os pensadores da hermenêutica, a começar por Gadamer⁶⁷ e outros mais contemporâneos.

IHU On-Line - Que aspectos podemos encontrar em comum no conceito de amor em Kierkegaard e em Paulo? Como seria uma filosofia do amor, influenciada por ambos?

Álvaro Valls – De um modo especial, Kierkegaard desenvolve, à luz da primeira carta aos Coríntios, sua reflexão sobre o amor cristão, acompanhando o chamado Hino à Caridade. Isso ocupa a segunda parte do livro de 1847, *As obras do amor*, cuja primeira parte comenta o mandamento evangélico do amor. O amor cristão, neste livro, contrasta com o platônico (Eros) e o aristotélico (Filia). Kierkegaard distingue as características “crísticas” (isto é, essenciais do cristianismo) das pagãs, e interpreta as formas pagãs de amor como formas de egoísmo, amor de si. Nesse livro, ele não está inte-

ressado, como o fazia o autor pseudônimo da segunda parte de *A alternativa*, em 1843, em mostrar como o elemento erótico do amor pode harmonizar-se com o aspecto ético. Em parte, talvez, é isso o que o Papa atual, Bento XVI, tenta fazer na sua recente encíclica *Deus é amor*, com seu esforço por reintegrar o Eros em Ágape. Mas o fato é que Kierkegaard enfrentava em sua época (da “morte de Deus”, e da crítica à religião institucionalizada como fundamento da crítica política e de todas as demais críticas, conforme Marx⁶⁸) um outro desafio: radicalizar o amor cristão, como amor ao próximo, para mostrar como este é a verdadeira resposta para o egoísmo, o niilismo, o cinismo, a ironia, a hipocrisia, o ceticismo e o indiferentismo da sociedade atual. De qualquer modo, o conceito central aí é o do “próximo”, que pode valer para qualquer um, e por isso exclui os exclusivismos. Também é fundamental a expressão evangélica “como a si mesmo”, que impede as tergiversações, ou ainda, o “como eu vos amei” (de João, 13, 34), provocando a gratuidade.

IHU On-Line – Quais são as principais questões em debate ao pensarmos o rumo que o conceito de liberdade foi tomando na modernidade e depois na contemporaneidade?

Álvaro Valls – O conceito de liberdade sofreu bastante, nos tempos modernos, devido às dicotomias em vários pensadores entre corpo e alma. Uns então enfatizaram uma liberdade supracorpórea, outros afinal a negaram, alinhando-se a múltiplas formas de determinismos. O conflito já está

⁶⁶ *Aufklärung*: Em português, Esclarecimento, ou ainda, mais corretamente, Iluminismo – movimento intelectual surgido na segunda metade do século XVIII (o chamado “século das luzes”) que enfatizava a razão e a ciência como formas de explicar o universo. Foi um dos movimentos impulsionadores do capitalismo e da sociedade moderna. Foi um movimento que obteve grande dinâmica nos países protestantes e lenta porém gradual influência nos países católicos. O nome se explica porque os filósofos da época acreditavam estar iluminando as mentes das pessoas. É, de certo modo, um pensamento herdeiro da tradição do Renascimento e do Humanismo por defender a valorização do homem e da razão. Os iluministas acreditavam que a razão seria a explicação para todas as coisas no universo, e se contrapunham à fé. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁷ Hans-Georg Gadamer: filósofo alemão, autor do importante livro *Verdade e método* (Petrópolis: Vozes, 1997), faleceu no dia 13 de março de 2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa da *IHU On-Line* número 9, de 18-03-2002. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁸ Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, no último dia 23 de junho. A edição número 41 dos *Caderno IHU Ideias* tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da *IHU On-Line*, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*. (Nota da *IHU On-Line*)

escancarado entre Spinoza⁶⁹ e Leibniz,⁷⁰ mas pode ser depois acompanhado em Darwin,⁷¹ em Marx e em Freud,⁷² ou hoje nos pensadores da física e da biologia, entre os quais alguns com prêmio Nobel, e que não sabem o que fazer com a liberdade. A visão do homem como ser espiritual deveria refletir sobre a integração entre o somático e o psíquico, chegando a uma teoria mais complexa do que seja o espírito. É significativo que o velho Hegel, em geral tão pouco dado à poesia, considere que o *estar-junto-a-si-no-outro* seja a fórmula não só da liberdade, mas também, acentuando o outro elemento, a fórmula do amor. Michael Theunissen, em Heidelberg, lembrava que a concepção liberal da liberdade não satisfazia, pois se vemos o outro como limite de nossa liberdade, esta não se responsabiliza pelo outro.

IHU On-Line – Que relações podemos estabelecer entre o cristianismo como mensa-

gem e o cristianismo como fenômeno social, geográfico instituição?

Álvaro Valls – A tradição cristã possuía, de resto, outra distinção, quando falava de igreja militante, padecente e triunfante. A comunhão dos santos, em todo o caso, não é um fenômeno empírico, visível sem mais. Kierkegaard, além dos dois conceitos citados (cristianismo e cristandade) desenvolveu ainda o de “cristicidade” (tal como Nietzsche e Adorno⁷³ falaram de “Christlichkeit”, que não é nem “Christentum” e nem “Christenheit”). Um filósofo que passou pela escola da ironia precisa, é claro, de um conceito abstrato, do tipo dos adjetivos substantivados platônicos, para poder questionar se este senhor que entra na igreja no domingo e se diz cristão é “verdadeiramente” cristão. Como saber se ele o é? Somente se utilizarmos um conceito, para comparar o fenômeno e a essência, ou a essência e a aparência. (Aliás, isso lembra de longe o título da obra de Feuerbach: *A essência do*

⁶⁹ Baruch de Espinosa (1632-1677): filósofo holandês, pertencente a uma família judia originária de Portugal. Ainda jovem apaixonou-se pelos estudos e aprende o hebraico e as línguas clássicas. Lê Descartes com avidez, um dos seus filósofos favoritos. Cedo suas ideias tornam-se conhecidas, e os judeus consideram-nas heréticas. Por isso é expulso da sinagoga. Em 1656, é vítima de uma tentativa de assassinato. Para evitar que se torne um perseguido, retira-se para Leyden e para Rynsverg e ganha a vida polindo lentes para telescópios e microscópios. Publica um *Tratado Político* (*Tractus Tehologico-Politicus*), e a *Ética*, deixando várias obras inéditas, que são publicadas em 1677 com o título de *Opera Posthuma*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷⁰ Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. A ele é creditada a criação do termo “função” (1694), que usou para descrever uma quantidade relacionada a uma curva. Geralmente, juntamente com Newton, é creditado a Leibniz o desenvolvimento do cálculo moderno; em particular por seu desenvolvimento da Integral e da Regra do Produto. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷¹ Charles Robert Darwin (1809-1882): naturalista britânico, proponente da Teoria da Seleção natural e da base da Teoria da Evolução no livro *A origem das espécies*. Teve suas principais ideias em uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30 de novembro de 2005, a Prof.^a Dr.^a Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a obra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de Charles Darwin, no evento *Abrindo o Livro*, do Instituto Humanitas Unisinos. A respeito do assunto ela concedeu entrevista à **IHU On-Line** 166, de 28-11-2005. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷² Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da **IHU On-Line**, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, e a edição 207, de 04-12-2006, o tema de capa *Freud e a religião*. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*. Todos os materiais estão disponíveis para download no site do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

⁷³ Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): um dos mais importantes intelectuais alemães do século XX. Sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, ele definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito com Max Horkheimer, seu inseparável parceiro e primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt (Nota da **IHU On-Line**).

cristianismo, de 1841.) Mas não podemos nos descuidar com a ironia, pois é possível que todo este discurso tenha muito de teatral, como ocorreu na Dinamarca de 1855, com Kierkegaard, vestido a caráter, produzindo a “catástrofe”, na polêmica contra a Igreja estabelecida, a que acusa de mundanizada. Contra esta Igreja, que teria supostamente traído o cristianismo, vendendo-o com desconto, mas afirmando passá-lo por seu valor real, Kierkegaard utiliza um “bordão”, no sentido jornalístico: “o cristianismo do Novo Testamento”. Trata-se de um bordão com finalidades polêmicas, brandido por um “Mestre da ironia”, mas inclui, supostamente, a realidade dos Evangelhos, dos Atos, e a mentalidade expressa nas Epístolas. Neste caso, Paulo é uma das autoridades maiores chamadas à colação.

IHU On-Line – Por que o cristianismo teria tido outra recepção em Oriente? Qual é o principal desafio do cristianismo hoje?

Álvaro Valls – Para falar do Oriente, falta-me competência, mas posso dar um exemplo atual do que venho fazendo nas pesquisas que desenvolvo como bolsista do CNPq. Em meu projeto de aproximação e comparação entre Kierkegaard e Nietzsche, há um terceiro elemento, extremamente enriquecedor. Refiro-me a Dostoiévski, contemporâneo dos dois, embora sem ter conhecido nenhum deles. Nosso escritor russo, como sabemos todos, esforça-se para viver e pensar conforme o cristianismo ortodoxo, o que o aproxima incrivelmente do luterano dinamarquês Kierkegaard, o qual, aliás, dizia que não devemos defender o cristianismo (e principalmente não defendê-lo dando descontos, fazendo liquidação), mas talvez defender a humanidade diante das exigências tão altas do verdadeiro cristianismo. O autor russo concordaria em muitos pontos com o dinamarquês, assim como o alemão Nietzsche aproveitou tanto das descrições psicossociais do grande romancista russo, em especial as análises do niilismo. *Crime e castigo*, *Os demônios* ou *Os irmãos Karamázov* apresentam um riquíssimo painel de nossa reali-

dade atual, com todo o cinismo profetizado por Ivan Karamazov, na frase “Se Deus não existe, tudo é permitido”. Até assassinar o próprio pai? Por que não, perguntarão hoje alguns jovens drogados, bem próximos de nós. E na política também? Por que não? Mas, bem entendido, somente se Deus não existe... Enfim, para retornar do Oriente para o Ocidente, o romance *O idiota* foi outra obra de Dostoiévski com enorme penetração psicológica e fundo religioso, que produziu tal impacto no ateu combativo Nietzsche, que este descreve o perfil psicológico de Jesus com a expressão “idiota”. Bem compreendida, esta expressão não ofende e até ajuda a entender muita coisa: de fato, Jesus, como depois Dom Quixote, vive em sua própria realidade, maior que a dos outros, e tem sua lógica própria, sua linguagem particular (“e quem puder compreender que compreenda”...).

O que lhe interessa – e neste ponto Nietzsche pode ter muita razão – é que Jesus veio para transmitir-nos uma “prática”, uma maneira de existir, mais do que qualquer crença como um teórico e abstrato “ter-algo-por-verdadeiro”. Neste ponto, Kierkegaard, com toda a sua formação paulina, não deixaria de dar os parabéns a Nietzsche pela felicidade de sua formulação: o que interessa é a prática! O que, de resto, o quarto Evangelho confirma: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 35). E o versículo anterior do mesmo Evangelho responde à segunda parte da pergunta acima: Qual é o principal desafio do cristianismo hoje? Resposta: Viver de acordo com Jo 13, 34: “Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros”. Este é o principal desafio, ainda nos dias de hoje. Se obedecermos a este mandamento, não precisaremos desesperar nem com o terrorismo, nem com o cinismo, nem com o fundamentalismo, pois este é um fundamento que não exclui, mas inclui a todos. E o cinismo, a longo prazo, não resiste ao amor, a única força capaz de movê-lo.